

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**  
**PUC-SP**

Bruna Anselmo Oliveira Balan

**A EFICÁCIA PERSUASIVA DO DISCURSO IURDIANO:**  
**uma leitura psicanalítica**

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

São Paulo

2015

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**  
**PUC-SP**

Bruna Anselmo Oliveira Balan

**A EFICÁCIA PERSUASIVA DO DISCURSO IURDIANO:**  
**uma leitura psicanalítica**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de MESTRE em Psicologia Clínica pelo Núcleo de Psicanálise do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica, sob a orientação do Prof. Dr. Renato Mezan.

**MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA**

São Paulo

2015

**Banca Examinadora**

---

---

---

Àquele que é amor e graça. A Deus que, em  
todo o tempo, é bom para mim.

## AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas estiveram em meu caminho durante este processo, contribuindo significativamente com meu trabalho de inúmeras formas: a vocês serei sempre grata! No entanto, considero importante agradecer algumas pessoas que, um pouco mais perto de mim e de meus desafios, auxiliaram e ampararam-me de forma especial.

Primeiramente, agradeço a Deus que me concedeu a oportunidade de receber sua graça e amor sem fim. Sei que sondas meu coração o tempo todo e que até aqui tem me ajudado com Sua zelosa mão e paz.

Ao meu marido Gabriel, que tão gentilmente teve paciência comigo em momentos de grande tensão. A sua dedicação, incentivo e o seu amor foram imprescindíveis para a conclusão desse trabalho.

Aos meus pais, que me apoiaram, ampararam-me e cuidaram de mim em todo o tempo com doces gestos e palavras: sou profundamente grata!

Aos meus irmãos, o meu eterno obrigado! Vocês foram como anjos que, cada um à sua maneira, com palavras de consolo e momentos de grande alegria, proporcionaram-me momentos de leveza diante das dificuldades.

À minha amiga Elizabeth, pela amizade, cumplicidade, conselhos e pela gentileza de me ouvir nos momentos em que não acreditei conseguir avançar.

À Juliana, pelas reflexões, atenção, amizade e apoio durante os meses de mestrado.

Ao meu orientador Prof. Renato Mezan, que com gentileza sempre me orientou para além do trabalho acadêmico: orientou-me também para a vida! Sua sabedoria e humildade me acalmaram em tempos de aflição. Obrigada pela oportunidade, atenção e respeito!

Aos professores Marília Ancona-Lopez e Alexandre Leone, integrantes da banca de Qualificação, agradeço pelos ricos comentários que me auxiliaram e muito no fim do meu estudo.

Aos colegas que cursaram as disciplinas comigo durante o Mestrado: minha gratidão pelos momentos proveitosos e contribuições acadêmicas.

À professora Paula Perón, pelo privilégio de ouvir suas aulas no estágio docência e aos alunos pelas ricas discussões em aula que, sem nem saberem, auxiliaram-me em reflexões posteriores para minha dissertação.

À minha analista Patrícia Pazzinato, por me acolher e me auxiliar a vivenciar esse caminho de forma rica e de um amparo sem igual.

Aos funcionários da PUC, agradeço o atendimento com que sempre me prestaram quando solicitado.

À Capes, pelo auxílio financeiro fornecido para a concretização do meu estudo.

*“Mesmo quando eu andar por um vale de trevas e morte, não temerei perigo algum, pois tu estás comigo; a tua vara e o teu cajado me protegem.” – Salmos 23:4.*

BALAN, Bruna Anselmo Oliveira. **A eficácia persuasiva do discurso iurdiano: uma leitura psicanalítica.** São Paulo, 2015. 158 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

## Resumo

O objetivo deste estudo foi investigar a eficácia persuasiva do discurso iurdiano em uma leitura psicanalítica. Primeiramente, foi descrita a história do protestantismo no Brasil, a origem e características do movimento pentecostal para chegarmos à compreensão do neopentecostalismo, destacando a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) como sendo a principal desse movimento e, portanto, de grande expressão e interesse para o presente trabalho. Posteriormente, buscou-se analisar os meios para se persuadir através do estudo da retórica e o entendimento de como funciona, basicamente, o discurso religioso eficaz. Isso posto, foi possível debruçar sobre os materiais coletados de diversas mídias do universo relacionado à IURD para a realização de uma análise de conteúdo do discurso religioso iurdiano, a fim de depreendermos o processo persuasivo de cada conteúdo. Sugeriu-se uma tríade, pensada posteriormente à análise do material, que faz jus como estratégia de persuasão sistematizada, voltada a um aspecto mais racional da análise. Por último, uma leitura psicanalítica aprofundada da tríade que nos levou a compreender que a persuasão possui eficácia, porque toca nas emoções das pessoas, além de abordar a importância da experiência religiosa dentro dos grupos, dispositivo também importante na compreensão da temática proposta. O discurso se dirige, sobretudo, à condição de desamparo devidamente explicitada por Freud, tornando a discussão extremamente atual para se entender a eficácia da persuasão em cada discurso e possíveis justificativas para a adesão do indivíduo ao discurso religioso.

**Palavras-chave:** *persuasão, psicanálise, Igreja Universal do Reino de Deus, retórica.*

BALAN, Bruna Anselmo Oliveira. **The persuasive effectiveness of the iurdiano speech: a psychoanalytic reading.** São Paulo, 2015. 158 f. Dissertation (Masters in Clinical Psychology) – Pontifical Catholic University of São Paulo.

### **Abstract**

The aim of this study was to investigate the effectiveness of persuasive iurdiano speech at a psychoanalytic reading. First, it described the history of Protestantism in Brazil, the origin and characteristics of the Pentecostal movement to get the understanding of neo-Pentecostalism, highlighting the Universal Church of the Kingdom of God (UCKG) as the top of the movement and therefore of great expression and interest to this study. Later, he sought to examine ways to persuade through the study of rhetoric and the understanding of how it works basically the effective religious discourse. That being said, it was possible to look into the materials gathered from various media of the universe related to the UCKG for conducting a iurdiano religious speech content analysis in order to understand the persuasive process of each content. It was suggested a triad, later thought to the analysis of the material, which is entitled as systematic persuasion strategy, aimed at a more rational aspect of the analysis. Finally, a thorough psychoanalytic reading of the triad that led us to understand that persuasion has effectiveness because it touches on the emotions of people, in addition to addressing the importance of religious experience within groups, important device in understanding the proposed theme. The speech is addressed mainly to the helpless condition clearly spelled out by Freud, making the discussion extremely current to understand the effectiveness of persuasion in every speech and possible justifications for the accession of the individual to religious discourse.

**Keywords:** *persuasion, psychoanalysis, Universal Church of the Kingdom of God, rhetoric.*

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO I – O protestantismo no Brasil .....</b>	<b>18</b>
A) Igrejas protestantes tradicionais .....	26
B) Origem e características do pentecostalismo .....	29
C) O neopentecostalismo .....	39
<b>CAPÍTULO II- Persuasão: retórica e as emoções .....</b>	<b>53</b>
A) Discurso religioso iurdiano.....	62
<b>CAPÍTULO III- Análise do material coletado no universo iurdiano .....</b>	<b>68</b>
A) Os folhetos.....	69
B) Blog.....	78
C) O <i>outdoor</i> .....	88
D) A pregação.....	90
<b>CAPÍTULO IV- Facetas da persuasão no discurso religioso da IURD .....</b>	<b>99</b>
A) A tríade da eficácia persuasiva .....	99
B) As necessidades emocionais.....	104
C) A importância psicodinâmica do grupo .....	126
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>146</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>152</b>

## INTRODUÇÃO

*“Tornai-vos, pois, praticantes da palavra e não somente ouvintes, enganando-vos a vós mesmos.” – Tiago 1:22.*

A verdadeira razão para o engajamento no presente estudo partiu do grande interesse em compreender o discurso impactante e expressivo da Igreja Universal do Reino de Deus que mobiliza tantos ouvintes. Foi necessário lapidar a problemática e retirar os muitos preconceitos e “achismos” pessoais sobre o assunto, fazendo com que essa inquietação e curiosidade inicial assumissem uma forma mais elaborada, por meio de uma dissertação de mestrado que proporcionasse uma reflexão sobre o assunto.

É espantosa a quantidade de fiéis convertidos à Igreja Universal do Reino de Deus. O que mais impressiona é a rapidez com que isso ocorre, como alcançam um número significativo de pessoas, a motivação com que a igreja imprime seus dogmas e crenças através dos cultos, e a maneira pela qual lidam com os problemas cotidianos de seus fiéis, “insolúveis” até ingressarem nessa igreja. O que há de tão especial na IURD<sup>1</sup>? Será que não existe algo no discurso dessa igreja que mereça real atenção? Por que tantos aderem a ela? O que há no discurso dos bispos, ou da igreja enquanto instituição, capaz de conseguir com que muitos se convertam veementemente à essa religião e a essa igreja? Por que seus argumentos, seus dogmas e outros ensinos são tão eficazes em atrair o ouvinte? Como fazem para convencer o outro?

Este estudo tentará, na medida em que formos avançando nos capítulos, responder ou problematizar esses questionamentos de forma mais aprofundada. No entanto, torna-se importante realizar uma primeira consideração: a invasão do discurso iurdiano<sup>2</sup> e sua inserção nos diversos meios de comunicação. A IURD investiu e ainda investe altamente nesses meios, sendo a televisão e rádio as mais

---

<sup>1</sup> Sigla para “Igreja Universal do Reino de Deus”. Na presente dissertação, eventualmente substituirei o nome completo da Igreja pela sigla IURD, do qual é popularmente conhecida.

<sup>2</sup> Na presente dissertação, quando a expressão “discurso iurdiano” ou “discurso retórico iurdiano” aparecer, estaremos nos referindo ao discurso de forma geral da Igreja Universal do Reino de Deus.

importantes. Segundo Rodrigues<sup>3</sup>, primeiramente, porque quer se diferenciar das igrejas mais tradicionais como as pentecostais, protestantes (tradicionais) e católicas que utilizam em escala menor esses meios. Em segundo lugar, porque sabem que se trata de um importante veículo para divulgação de seus dogmas, crenças e, principalmente, proselitismo em larga escala, o que a torna visível e muito mais eficaz do que as outras nesses objetivos. E, em terceiro lugar, porque se propõe atender às necessidades dos fiéis (cura, oração, etc.) através desses espaços que geralmente são utilizados pelo ouvinte com fervor.

De modo geral, o discurso retórico iurdiano é muitas vezes contemplado na academia por condicionar inúmeras relações: com os fiéis, sociedade, política etc., que se utilizam desse discurso como ferramenta para representatividade, acesso, controle e conversão de seus fiéis<sup>4</sup>. Normalmente, esse discurso é voltado aos milagres, curas, vitórias e possuem, para tanto, um inimigo sempre a ser vencido –o diabo, maldição hereditária, outras religiões (catolicismo, candomblé, espiritismo, etc.) considerados os responsáveis pelas penúrias dos fiéis. Outro aspecto importante do discurso iurdiano é que a igreja possui grandes recursos (financeiros, de poder e influência) que, em si, torna-se publicidade importante para atrair as pessoas, fortalecendo a ideia de que são uma autoridade no assunto. Vale ressaltar que, para Penâ-Alfaro<sup>5</sup>, a IURD possui foco não apenas na população de baixa-renda, frequentemente alvo de manipulação por parte desses grupos poderosos e influentes, mas também outros grandes contingentes sociais do país.

Quando se fala do discurso e sua capacidade de “expansão”, de “atrair” e de “influência” estamos, na verdade, falando de persuasão, que é a arte de convencer alguém a fazer ou crer em alguma coisa. No presente trabalho, não será verificado essa eficácia do discurso do ponto de vista semiótico ou linguístico – do qual já existem inúmeros trabalhos<sup>6</sup> –mas de uma análise retórica dos conteúdos do

<sup>3</sup> RODRIGUES, J.G. **Carisma e Poder:** categorias elementares da retórica da Igreja Universal do Reino de Deus. Goiânia, 2011. 233 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal de Goiás, p. 44.

<sup>4</sup> Ibidem, p. 11.

<sup>5</sup> PENÃ-ALFARO, A. A. **Estratégias discursivas de persuasão em um discurso religioso neopentecostal.** Recife, 2005. 246 f. Tese (Doutorado em Linguística) –Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco.

<sup>6</sup> Foram realizadas pesquisas a respeito deste tema em muitas bibliotecas e, principalmente, no site “Periódicos” da CAPES e Biblioteca digital Brasileira de Teses e Dissertações. Com essa busca possível, pude encontrar diversos artigos, dissertações e teses sobre a IURD que abordaram temas diversos e algumas sobre a persuasão e/ou adesão ao discurso religioso, com uma leitura voltada à semiótica, teologia, sociologia etc. Ao leitor que se interessar ver: OLIVEIRA, S. E. de, 1998;

discurso iurdiano através da seleção de alguns materiais encontrados em diversas mídias e será enriquecido, posteriormente, a uma leitura psicanalítica que se debruçará sobre a eficácia do discurso iurdiano na arte de persuadir o ouvinte às suas mensagens; de fazê-lo aderir! Alguns questionamentos conduzirão o raciocínio, como: Que aspectos emocionais são mobilizados ao se ouvir uma pregação? O que existe no discurso dessa igreja capaz de fazer o ouvinte aderir à sua mensagem? Ao longo do trabalho, será possível encaminhar algumas reflexões para essas questões, mas já se torna importante mencionar que é nos estudos da retórica que serão observados tais questionamentos, ou seja, buscar compreender os meios para se persuadir um ouvinte, obtendo a aderência do público ao que o orador está falando.

Com essas indagações, norteadoras da presente dissertação, têm-se como objetivo mais específico estudar em que consistem as estratégias de persuasão no discurso religioso da Igreja Universal do Reino de Deus em uma leitura psicanalítica. É um assunto extremamente visitado pela academia sob várias perspectivas, mas, principalmente, porque a Igreja Universal possui enorme expressão social na qual o seu discurso é a arma mais valiosa. Tentaremos ensaiar uma compreensão, portanto, à luz da psicanálise.

Denzin e Lincoln<sup>7</sup> esclarecem que “a pesquisa qualitativa é uma atividade situada que localiza o observador no mundo” e mesmo que exista uma enorme variedade de métodos para se compreender em profundidade um fenômeno, o cuidado do pesquisador será sempre tentar garantir a qualidade e ética de suas leituras, possuindo a clareza de que a realidade jamais será fidedignamente contemplada e conhecida por meio deste ou daquele método.

Cada método, dentro do universo de pesquisa qualitativa, oferece considerações importantes para o acúmulo de um determinado conhecimento teórico e, também, de interesse social. No entanto, vale lembrar que cada tipo de pesquisa carrega os traços próprios de sua história disciplinar e, por isso, a singularidade de cada pesquisa que recebe, diante do método escolhido pelo pesquisador, múltiplos significados. Desse modo, justifica-se a importância em se

---

ALBANO, A. I. de O., 2006; JADON, J. C., 2009; LEITE, L. F. de V., 2010; MOREIRA, A. P., 2010; DIAS, J. C. T., 2012; LIMA, R. H. de, 2013.

<sup>7</sup> DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y.S. **O planejamento da pesquisa qualitativa:** teorias e abordagens. 2ed. Porto Alegre: Artmed, 2006, p. 17.

estudar um tema tão abordado e, no presente caso, envolver a psicanálise nesse tipo de estudo, do qual não existem grandes produções a respeito.

Diante disso, convém expor o porquê da escolha da psicanálise para o desenvolvimento deste estudo: mais propriamente a *psicanálise aplicada*.

Existe uma grande polêmica a respeito da psicanálise em torno dos fenômenos sociais e culturais no que diz respeito a poder ou não pronunciar-se sobre eles que, obviamente, não são relacionados à situação clínica. Polêmica porque muitos estudiosos entendem que a psicanálise, com este esforço de leitura das criações da literatura, a arte, a religião etc., certamente cairá no reducionismo dos fenômenos sociais que envolvem uma compreensão muito além do que se deseja; inconsciente, complexo de Édipo, etc., conceitos que, aliás, muitas vezes não são compartilhados por outros estudiosos. A psicanálise, por sua vez, se presta a esse trabalho porque vive neste mundo complexo e não pode deixar de olhar para os fenômenos de seu entorno e, também, porque é afetado por ele.

Mezan apresenta uma justificativa clara em defesa da psicanálise referente a essa questão: “A psicanálise sustenta que tudo o que é humano traz a marca do inconsciente e é, portanto, de sua alçada”.<sup>9</sup> A psicanálise sustenta a premissa sobre o inconsciente e produz toda uma teoria sobre o aparelho psíquico e, de maneira alguma, exclui a pertinência e a inevitabilidade em assumir a existência de uma psique individual que é, inevitavelmente, marcada pela cultura. É esse empenho da psicanálise em debruçar-se sobre fenômenos sociais e culturais que se costuma chamar de *psicanálise aplicada*. Ou seja, uma psicanálise aplicada a estudos sobre fenômenos culturais e sociais.

Em outro texto, Mezan<sup>10</sup> explica que o analista deve debruçar-se sobre fenômenos coletivos de importância como a literatura, filmes e outros e não se sentir intimidado por essa prática tão criticada por sociólogos, antropólogos, por exemplo, que atacam os analistas por adentrarem um universo que não deviam. No entanto, adverte e reconhece certa dose de razão em tais críticas, porque muitas das práticas de psicanálise aplicada foram estereotipadas e mal desenvolvidas pelos próprios analistas.

Em um texto antigo, o autor já advertia para esse problema dizendo que:

<sup>9</sup> MEZAN, R. A querela das interpretações. In: \_\_\_\_\_. **A vingança da esfinge: ensaios de psicanálise**. 3 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002a, p. 67.

<sup>10</sup> Cf. Idem. Psicanálise e cultura, psicanálise na cultura. In: \_\_\_\_\_. **Interfaces da Psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002b, p. 317- 392.

[...] os especialistas declaram-se freqüentemente estarrecidos com a leviandade com que, inúmeras vezes, os analistas atravessam as complexidades de determinada manifestação cultural para reencontrar, ao cabo de poucos passos, a sinonímia universal dos desejos inconscientes, e atônitos pela acusação de “resistência” com que os mesmos analistas acolhem seu ceticismo quanto à validade das interpretações apresentadas como sendo de inspiração psicanalítica.<sup>11</sup>

Apesar de tais considerações, certamente importantes para novas discussões a respeito da psicanálise aplicada, é válido dizer que é inegável a possibilidade da diversidade de leituras sobre um fenômeno cultural e o quanto podem ser, quando bem feitas, seja pela psicanálise ou por um antropólogo, ricas para o destinatário e o observador a qual lhe são endereçadas. Não se trata de uma guerra de diferentes interpretações, mas um acúmulo de possibilidades sobre um fenômeno enriquecendo-o sob diversos ângulos, talvez não pensados ou não vistos até então. No caso da psicanálise, é de seu interesse que reproduza uma maneira de pensar tal que estabeleça, para o leitor e observador, a reconstrução de sentidos e “[...] o movimento pelo qual cada leitor pode descobrir algo sobre seu próprio complexo de Édipo, e em geral sobre sua própria vida psíquica, por ocasião de uma tal leitura. [...] A psicanálise [...] é instauração do sentido e não mera revelação dele [...]”<sup>12</sup>.

Esse cuidado que o psicanalista, como vimos, deve tomar, encontra-se na esfera do método da psicanálise aplicada que visa a atentar para a pertinência em se conhecer os meandros da interpretação psicanalítica, a fim de evitar erros no uso de tal método quando o objeto de estudo é sobre ou de alguma região da cultura. Para tanto, não se deve, em hipótese alguma, descontextualizar o objeto cultural de seu momento histórico, religioso ou outro qualquer. Por isso, coube à dissertação uma introdução à história do protestantismo no Brasil até o movimento neopentecostal, de forma a situar o leitor no tempo histórico da construção da Igreja Universal, suas particularidades enquanto igreja neopentecostal, a origem do movimento e como se insere nos dias atuais. O indivíduo, apesar de carregar um discurso anterior a si mesmo, absorve a cultura em que vive dentro de um momento histórico específico, que contribuirá e se somará aos seus aspectos inconscientes e, portanto, para a formação de sua subjetividade.

---

<sup>11</sup> MEZAN, 2002a, p. 72.

<sup>12</sup> Ibidem, p. 80.

Em suma, o pesquisador que se utilizar da psicanálise aplicada poderá pensar elementos diversos da cultura (publicidade, religião, cinema, etc.), analisá-las e/ou interpretá-las para expor reflexões diversas sobre esses fenômenos sociais, colocando em evidência os elementos inconscientes que percorrem o sujeito<sup>13</sup> nas diversas áreas segundo os paradigmas psicanalíticos. Tal intento é o que se pretende realizar na presente análise.

O estudo em questão não será um trabalho clínico, mas de psicanálise aplicada, ou seja, visa a uma compreensão dos aspectos inconscientes mobilizados no sujeito através do discurso iurdiano a fim de entendermos como ocorre a persuasão e sua eficácia. Essa leitura será feita posteriormente à análise do conteúdo das mensagens através dos materiais coletados<sup>14</sup>. O que a psicanálise pode elucidar sobre a persuasão? Em que consiste a eficácia persuasiva do discurso religioso da IURD? O que a psicanálise, escolhida como um importante campo de saber pode acrescentar para a discussão, levando em conta os conceitos da retórica e o que será visto nos materiais selecionados?

A coleta do material da IURD para compor a pesquisa ocorreu da seguinte maneira: foram realizadas inúmeras buscas pela Internet para alcançar documentos que pudessem mostrar a complexidade da igreja e o que ela vem pregando; foram escolhidos desde um folheto impresso até a transcrição de uma pregação, via YouTube, do bispo Edir Macedo. Tal procedimento encontra justificativa na ideia de que qualquer pessoa interessada na Universal, diante das inúmeras possibilidades da Internet, percorreria os mesmos caminhos, ou seja, entraria no site da igreja, no blog do pastor, no YouTube etc., para ouvir ou ler o que a igreja tem a dizer.

O primeiro capítulo abordará brevemente a história do protestantismo no Brasil, passando para o movimento pentecostal e, por último, o neopentecostalismo,

---

<sup>13</sup> A palavra “sujeito” será utilizada, ao longo deste trabalho, no sentido usual do termo e não no sentido técnico da psicanálise.

<sup>14</sup> A análise de conteúdo é um método de pesquisa usado para descrever, explorar e interpretar conteúdo de documentos, mensagens, informações e textos em geral. É um guia prático. Trata-se de realizar uma interpretação em relação à percepção dos dados de materiais coletados visando todas as características possíveis do conteúdo como o significado da mensagem, quem é o emissor, o receptor, etc. Busca a compreensão mais profunda do que a mera leitura da mensagem, em um esforço de interpretar conteúdos não só manifestos, mas os latentes contidos no conteúdo. No processo de interpretação, o pesquisador pode fazer-se valer de qualquer fundamentação teórica e cada pesquisador deve encontrar a melhor forma de utilizar este saber em áreas específicas de seu trabalho (Cf. MORAES, R. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p.7-32, 1999).

no qual encontra-se a IURD como sendo a maior igreja desse movimento em influência e em número de adeptos.

No segundo capítulo, serão apresentados alguns conceitos da retórica e persuasão e uma discussão sobre o que é necessário para convencer e persuadir o ouvinte, levando em conta seu auditório, o orador, mensagem etc. Em seguida, uma apresentação de como é estruturado, de modo geral, o discurso religioso iurdiano.

No terceiro capítulo, serão analisados a mensagem de cada material coletado relacionados ao universo da IURD.

Por último, no quarto capítulo, serão expostas as possíveis estratégias persuasivas encontradas. Em um primeiro momento, será explicada a linha de raciocínio decorrente da análise e que pôde levar a construção de uma tríade de persuasão que tenta evidenciar um padrão ou uma síntese do que foi possível apreender das mensagens, das repetições, da ideia geral. E, para finalizar, compreender a eficácia persuasiva do discurso refletida à luz da psicanálise, mais especificamente a leitura freudiana sobre a condição humana que favorece a persuasão; bem como explorar as questões da experiência religiosa e psicodinâmica do grupo religioso em questão, importantes para maior entendimento da adesão às mensagens da igreja.

Pretendi, com esse estudo, uma possível compreensão do que está por detrás das mensagens da IURD, da persuasão tão eficaz, dos possíveis motivos para que isso ocorra, além de trazer a psicanálise para a discussão dessa temática que circunda os indivíduos o tempo todo e possibilita pensar outros discursos inseridos na sociedade e que adquirem, de certa maneira, os mesmos efeitos.

## CAPÍTULO I- O protestantismo no Brasil

*“Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie” – Efésios 2:8.*

A bordo do navio português, em direção ao Brasil, vinha um homem chamado Pero Vaz de Caminha que, em relatórios pormenorizados, escreveu ao rei de Portugal, em 1500, a respeito de suas primeiras impressões sobre a terra “descoberta” e dos povos indígenas. Nas páginas enviadas, apontou seu entusiasmo e grande interesse em evangelizá-los, enfatizando a necessidade do rei de enviar clérigos para batizá-los o mais breve possível.

César<sup>15</sup> explica que enquanto os indígenas do país esperavam os clérigos, a Europa, por sua vez, fervilhava com movimentos reformadores religiosos.

A Reforma Protestante iniciou-se no período de 1500 a 1549 e ocorreu em um momento propício para que sua ideologia ganhasse força, visto que a credibilidade da Igreja Católica estava sendo questionada: desde declínio moral (idas e vindas constantes de papas) até aos aspectos doutrinários.

Pinheiro e Santos enfatizam o descrédito em que a Igreja Católica estava caindo naquele momento através da:

[...] venda de cargos, conduta do clero, venda das indulgências (eram vendidas até para os mortos), a veneração das relíquias e o cativeiro babilônico (quando o papa ficou em Avingnon na França como cativeiro do rei, então a igreja querendo restaurar a Santa Sé em Roma, nomeia outro papa dando início ao Grande Cisma).<sup>17</sup>

Com toda essa turbulência, foi que o movimento reformista adquiriu forças para expandir-se através, principalmente, do reformador Martinho Lutero.

Lutero era um homem que, em seus escritos e discursos, combatia tenazmente a hierarquia da Igreja Católica e, em particular, a questão das indulgências como fator primordial para se obter perdão dos pecados ou redução do

---

<sup>15</sup> Cf. CÉSAR, E.M. L. **História da evangelização do Brasil**: dos jesuítas aos neopentecostais. 2 ed. Viçosa, MG: Ultimato, 2000.

<sup>17</sup> PINHEIRO, J.; SANTOS, M. **Manual de História da Igreja e do pensamento cristão**. 2 ed. São Paulo: Fonte Editorial, 2013, p. 235.

tempo no purgatório. Não necessariamente queria cindir ou dar início a uma nova igreja, mas reformá-la.

Foi outubro de 1517 a data mais importante da Reforma, pois, no dia 31, Lutero protestou publicamente a respeito do abuso na venda de indulgências, colocando na porta da igreja no castelo de Wittenberg suas Noventa e Cinco Teses<sup>18</sup> escritas em latim. Tinha como objetivo a reflexão da parte dos líderes a fim de alcançar o povo para o conhecimento verdadeiro da situação atual da igreja. Um de seus grandes feitos foi traduzir a Bíblia para a língua pátria, até a criação da Bíblia em alemão moderno, que sofreu forte influência da tradução feita por Lutero. A base de suas ideias concentrava-se, sobretudo, pelo princípio da *Sola Scriptura*, o que significa dizer que somente na Bíblia estão todas as decisões da fé e onde está contida toda a verdade: a única com autoridade infalível. A Reforma alterou profundamente o clima religioso da Europa na metade do século XVI e, por conta disso, em 1549, vieram então os missionários católicos para o Brasil.

Depois de trinta e oito anos da proclamação da Reforma Protestante e seis anos depois da chegada dos jesuítas à Bahia, aportou-se no Brasil a primeira tentativa de uma colonização protestante no país. Protestantes franceses se estabeleceram no Rio de Janeiro entre 1555 e 1560 e protestantes holandeses no Nordeste entre 1630 e 1654. Ainda assim, não se poderia dizer que houve uma grande influência protestante no Brasil, pois o Catolicismo já estava estruturado no país e era “[...] *um dos maiores e mais difíceis campos missionários do mundo*”.<sup>20</sup> O padre José de Anchieta<sup>21</sup>, por exemplo, era um dos grandes catequizadores da época.

No entanto, foi Hans Staden – um pouco antes dos protestantes franceses e holandeses chegarem ao Brasil – o primeiro missionário a vir ao país e que pode inaugurar, de certa forma, a pregação do evangelho. Seu “acidente de percurso” ocorreu mais ou menos assim: Staden estava indo para a Argentina em um navio

---

<sup>18</sup> LUTERO, M. As 95 Teses de Martinho Lutero. [s.d.]. Disponível em: <[http://www.monergismo.com/textos/credos/lutero\\_teses.htm](http://www.monergismo.com/textos/credos/lutero_teses.htm)>. Acesso em: 6 out. 2013.

<sup>20</sup> Ibidem, p. 40.

<sup>21</sup> Os missionários católicos eram chamados pelos índios de “*Paye-guassu*”, isto é, “o grande pajé”. Crianças, adultos, índios, negros e europeus estudavam e decoravam o catecismo por longos anos e o faziam através da *Gramática da língua mais usada na costa do Brasil e o catecismo bilíngue* (tupi e português), intitulado *Diálogos da Fé*, escrito por José de Anchieta por volta de 1560. Lá, discorre sobre os dez mandamentos, sobre o adultério (doutrina difícil, já que os indígenas eram poligâmicos), a morte de Cristo, o casamento, a Trindade etc. Nesse catecismo, era omitida apenas a ressurreição de Cristo – pedra fundamental do cristianismo protestante. (Cf. CÉSAR, 2000, p. 44).

português, em 1547, quando naufragou em São Vicente, litoral paulista. Foi capturado pelos índios tupinambás, que eram canibais, e quase morrera na aldeia. Staden ficou, por volta de sete anos, entre os índios e livrou-se de morrer quando um de seus senhores e alguns membros de sua família ficaram doentes, fazendo-os pensar que o mal que lhes afligia ocorria porque mantinham Staden em cativeiro, e ele mesmo confirmou a crença dos indígenas: “É verdade. Vocês todos ficaram doentes porque você quis me comer, mesmo eu não sendo seu inimigo. Sua desgraça vem daí”<sup>22</sup>. Com isso, Staden conseguiu que o chefe Nhaêpepô-oacu desse ordens para que ninguém o matasse, nem ameaçasse de comê-lo, isso porque tinha medo de que desgraça maior sobreviesse a eles. Por isso, o chefe ordenou que Staden pedisse a seu Deus que os curasse. A partir de então, todos ficaram com medo do prisioneiro e pediam para que ele não os deixasse morrer, prometendo deixá-lo em paz por algum tempo. Após o ocorrido, fora resgatado por um navio francês e, regressando à Alemanha, escreveu suas memórias.

Os holandeses que no Brasil estavam contribuíram, ainda que inexpressivamente, para a influência protestante no Brasil que tomaria força no século XIX.

Pinheiro e Santos esclarecem que:

Para fortalecer a fé protestante, os holandeses queimavam e destruíam igrejas católicas. Uma das que resistiu a toda essa destruição foi a catedral da Sé. Com isso a guerra de conquista entre portugueses e holandeses passou a ter também cunho religioso.<sup>24</sup>

Os holandeses eram bem estruturados e conseguiram conquistas em muitos territórios. Quando tomavam alguma igreja católica, rapidamente retiravam as imagens, os altares e adaptavam o templo aos “moldes” protestantes, colocando pia batismal e celebrando a Santa Ceia. Todo o esforço acabou por constituir mais e mais confrontos diretos ao catolicismo que já estava arraigado em praticamente um século (1549-1630) livre e sem concorrência.<sup>25</sup>

Na América Portuguesa, era indispensável que se realizassem as práticas de devoção e cerimônias como procissões, trezenas, novenas, as romarias, santas

<sup>22</sup> STADEN, H. **Duas viagens ao Brasil**: primeiros registros sobre o Brasil. Porto Alegre, RS: L&PM, 2013, p. 86-88.

<sup>24</sup> PINHEIRO; SANTOS, 2013, p. 341.

<sup>25</sup> Cf. MENDONÇA, A. G. **O celeste porvir**: a inserção do protestantismo no Brasil. 3 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008a.

missões etc., como forma de socializar a dispersão e isolamento social dos colonos da época. No entanto, por detrás deste estímulo à vida eclesial, havia um forte interesse da Igreja em controlar o seu redil, pois já começara a se tornar um problema para o clero os “assédios sexuais”, displicência que ocorriam nos espaços públicos das quais pecaminosas imoralidades ocorriam, e que poderia causar danos à alma. Foi então que, em 1707, surgiu no Brasil as *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*, publicada pela Igreja Católica. Tratava-se de um projeto colonizador evangelizador no qual Estado e Igreja caminhavam juntos. Neste momento, no início do século XVIII, a religião oficial da colônia foi estabelecida por essas *Constituições*.

Casimiro observa o real objetivo dessa obra, organizada pela Igreja, enfatizando que:

Os colonos deveriam, pois, obediência às constituições religiosas e obra composta de cinco volumes, previam, detalhadamente, como deveria ser o comportamento dos fiéis e do clero. Essas normas e proibições eram descritas nas *Constituições* de forma esmiuçada e em todas as suas variações.<sup>27</sup>

A desobediência à religião Católica (religião oficial do Estado) era punida de diversas formas. Os cristãos-novos, ateus, pseudocatólicos etc., camuflavam-se para evitar a repressão inquisitorial, frequentando os rituais impostos pela Igreja Católica, mantendo em segredo suas crenças sincréticas que eram consideradas idolatria, feitiçaria ou superstição pela hierarquia católica.

No entanto, Mott<sup>28</sup> esclarece um fato curioso: a grande preocupação da Inquisição era proibir qualquer prática no Brasil, em qualquer rua, bairro, etc., mas não deixa de ser surpreendente que centenas de cristãos praticassem abertamente práticas consideradas proibidas, das quais poderiam ser punidos com castigos de multa, açoites, excomunhão e outras. Existiam, de um lado, o que era condenado pela hierarquia e, do outro, a indiferença do clero sobre as práticas supersticiosas condenados pelas *Constituições do Arcebispado da Bahia*. A indiferença sobre tais circunstâncias mostra que o clero fazia “vista grossa” em não punir ou em não agir

<sup>27</sup> CASIMIRO, A. P. B. S. **Constituições primeiras do Arcebispado da Bahia**: educação, lei, ordem e justiça no Brasil Colonial. [s.n.t.], p. 4.

<sup>28</sup> Cf. MOTT, L. Cotidiano e vivência religiosa: entre a capela e o calundu. In: NOVAIS, F. A.; SOUZA, L. M. (Org.). **História da vida privada no Brasil**: cotidiano e vida privada na América portuguesa. São Paulo: Companhia da Letras, 1997. p. 155-220. v. 1.

incisivamente contra as superstições leves – originárias do medievo europeu – e/ou contra os rituais africanos, fortemente marcados pela idolatria. Mesmo assim, o autor continua dizendo que, apesar de protestantes, cristãos-novos, e outros encontrarem certos momentos de “espaço” para suas práticas, negligentes aos artigos da *constituição* e até mesmo do Tribunal da Inquisição, era evidente os cuidados que a grande maioria deles tomava para manter ocultas as crenças e rituais que pudessem despertar repressão inquisitorial, episcopal ou da justiça civil: “Era no secreto lar, a portas fechadas e com toda a cautela, por exemplo, que os cristãos-novos continuavam a praticar a Lei de Moisés e algumas tradições sincréticas herdado de seus antepassados hebreus”.<sup>29</sup> Como artifício para burlar a vigilância, realizavam as cerimônias proibidas em locais reservados, ocultavam-se de noite ou camuflavam-se. Jamais, até um pouco antes do século XIX, se conseguiria abalar a hegemonia Católica.

Foi nesse ambiente que o protestantismo conseguiu um espaço aqui e acolá, contornando um Estado religioso extremamente tradicional. A situação dos protestantes no Brasil só começou a melhorar e se propagar no século XIX, com 300 anos de atraso. Isso porque em 1808, a família real portuguesa veio ao Brasil com o apoio da Inglaterra o que contribuiu significativamente para a mudança desse cenário. Dentre muitas questões políticas, foi assinado um tratado que possuía um artigo declarando liberdade de culto aos não-católicos que viviam no país. De qualquer modo, isso não aconteceu assim tão fácil.

A questão da liberdade religiosa foi motivo de debates na Constituinte de 1823, promulgada em 1824. Muitos parlamentares tinham ideias liberais e de abertura a isso (provavelmente porque sabiam da inevitabilidade do contato com as nações protestantes), mas houve cerrada oposição, até porque a maioria dos que se opunham eram padres. Restrições quanto aos lugares e locais para realização de cultos com ênfase no proselitismo, por exemplo, ainda continuavam (os cultos eram apenas permitidos nas casas, por exemplo).

O Parlamento teve, então, que abordar problemas como casamento, registro de crianças, sepultamentos em cemitérios públicos e assim por diante. Uma necessidade trazia a outra. Mais tarde não teria a Constituição republicana outra saída a não ser abrir mão da religião

---

<sup>29</sup> Ibidem, p. 201.

oficial, para o que concorreu, por outro lado, a forte pressão dos liberais e dos positivistas.<sup>30</sup>

O Brasil, nesse momento, está aberto às inovações e é estimulado pela monarquia e pela elite a investir em modernização, urbanização, refazendo seus sistemas de transporte, comunicação, produção industrial e outros. Até então o Brasil era considerado um país carente e as igrejas norte-americanas eram vistas como uma nação moderna. Para Campos,<sup>31</sup> o protestantismo ofereceu apoio aos movimentos políticos (forças liberais) que lutavam contra o conservadorismo do catolicismo no país no século XIX, ou seja, o protestantismo colaborou para a modernização do país, de certa maneira, quando se opôs ao catolicismo. A lógica dominante era que no catolicismo a relação é sempre mediada e não permitia o amadurecimento do fiel que se mantinha preso às tradições e autoridades eclesiásticas; já no protestantismo, não há mediação e existe uma liberdade individual e democrática oposta a do catolicismo-romano.

Nesses debates, com divergências de interesses de cada lado (conservadores x liberais) que a verdadeira abertura aos protestantes começou a acontecer, pois quando os missionários chegaram ao Brasil, desfrutaram de um contexto social aberto e progressista de onde a teologia protestante poderia beneficiar (enfatizando as ideias liberais) e ser beneficiada (para sua expansão). Também ganharam espaço valendo-se dos grandes centros urbanos construídos no Brasil para a comunicação e integração dos protestantes pelo país. Encontraram terra fértil, pois a Igreja Católica na maior parte do século XIX, controlada pelo governo, começava a se ver incapaz de sustentar o corpo de clérigos competentes, catequizar de forma eficaz e garantir a "pureza" da doutrina no país. Os missionários aproveitaram esse clima estremecido juntamente com a fraqueza da Igreja para expandirem-se.<sup>32</sup>

Nesse momento, o clima para com o protestantismo já não era um dos melhores e alternavam entre curiosidade, interesse e indiferença, mas foi só realmente sentida pela população brasileira católica quando chegaram missionários

---

<sup>30</sup> MENDONÇA, 2008a, p. 44-45.

<sup>31</sup> Cf. CAMPOS, B. M. Convergência de interesses: liberalismo e protestantismo no Brasil do século XIX. **Protestantismo em Revista**, São Leopoldo, RS, v. 29, p. 3, set.-dez.2012.

<sup>32</sup> Cf. CAVALCANTI, H. B. O projeto missionário protestante no Brasil do século 19. **Revista de Estudos da Religião**, n. 4, p. 61-93, 2001.

com o objetivo exclusivo de fazer proselitismo.<sup>33</sup> Esses missionários, imigrantes europeus e norte-americanos, contribuíram para a propagação do protestantismo, principalmente porque vinham em grande quantidade. Isso aconteceu uma vez que o imperador, querendo expandir a colonização no Brasil e satisfazer as elites econômicas, precisou importar grande volume de mão de obra especializada dos países europeus e dos Estados Unidos.

É preciso acrescentar: converta-se ao protestantismo, pois cristão o Brasil já era. Os EUA sempre foram o modelo de protestantismo e sociedade para o Brasil, daí que o projeto educacional dos missionários no Brasil tivesse como objetivo primeiro converter indivíduos ao protestantismo e, se possível, transformar o país<sup>34</sup>.

Esse recrutamento se inicia por volta de 1820 com uma elite ávida por progresso e modernização e um Estado liberal ciente da ideia de que, para isso ocorrer, teriam que abandonar os paradigmas da Igreja Católica e abrir espaços para outros modelos de sociedade e isso incluía a teologia protestante. Uma parcela desses imigrantes são europeus e outra, um pouco menor, protestantes oriundos dos Estados Unidos. A Inglaterra, nesse momento, tinha suas restrições com o tráfico negreiro e, portanto, era preciso mão de obra não escrava para substituí-los nas fazendas. Luteranos alemães e suíços, atraídos pelas promessas de terras, fixaram-se em Nova Friburgo (RJ) em 1824.

Mendonça e Velasques Filho<sup>35</sup> elucidam que o protestantismo oriundo dos Estados Unidos trouxe para o Brasil um modelo pragmático e que pretendia modificar a sociedade através da transformação do indivíduo e que isso se estenderia, de certa maneira, ao país. Esse protestantismo pragmático contribuiu significativamente com o espírito de modernização que rondava o Brasil. Essa postura e convicções contribuíram ainda mais para a implantação das missões protestantes no país, pois, além de trazerem sua fé, buscavam, sempre que podiam junto ao imperador, proteção para o exercício religioso e o envio de mais evangelizadores para a comunidade, aumentando o número de missionários engajados: "Esses três fatores – a modernização no reinado de D. Pedro II, a

<sup>33</sup> A implantação do protestantismo no Brasil é entendida como dois grandes movimentos: o protestantismo de imigração, que tinha o objetivo de preservar o patrimônio étnico-cultural, e o protestantismo de conversão, que tinha o objetivo de realizar conversões. (Cf. CAMPOS, 2012, p.3).

<sup>34</sup> Ibidem, p. 11.

<sup>35</sup> Cf. MENDONÇA, A. G.; VELASQUES FILHO, P. **Introdução ao Protestantismo no Brasil**. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2002, p. 17.

relação entre a Igreja Católica e o estado, e a leva migratória norte-americana – formam o contexto para a inserção da fé protestante no Brasil".<sup>36</sup>

No entanto, Cavalcanti<sup>37</sup> adverte que o sucesso das missões protestantes dependeu de muita renúncia por parte da população instalada no Brasil que teve que abandonar sua cultura e adotar um novo estilo de vida: o estrangeiro. Do ponto de vista religioso, representaram uma força cultural invasora no país, desestabilizando modelos locais.

De modo geral, uma série de fatores contribuiu para a expansão da fé protestante no século XIX e, principalmente, a infraestrutura do país durante reinado de D. Pedro II, que garantiu aos missionários meios de acesso à população através do telégrafo, jornais, ferrovias etc., possibilitando a propagação da mensagem em território nacional através dos jornais, panfletos evangelísticos e outros. A condição enfraquecida da Igreja Católica, a presença de imigrantes norte-americanos no Brasil, juntamente com o apoio da elite e dos liberais, propiciou alternativas no campo religioso garantindo algumas vantagens a esses missionários.

Em 1835, chega ao país a Igreja Metodista; em 1836, aportou o missionário reverendo Justus Spaulding; em 1837, Daniel P. Kidder, o distribuidor de Bíblias.<sup>38</sup> James Cooley Fletcher, pastor presbiteriano, veio em 1851 e foi muito bem aceito nos círculos sociais e políticos da Corte devido a sua erudição. Em 1855, chegou o casal Robert e Sarah Kalley; em 1859, Ashbel Green Simonton, pioneiro da denominação presbiteriana; e em 1882, foi organizada a primeira igreja batista brasileira. Apesar de tudo, a maior parte dos integrantes nas igrejas era composta de imigrantes. Só em 1865 viria a ser José Manoel da Conceição o primeiro pastor protestante brasileiro: ex-padre, converteu-se ao protestantismo e, com isso, ajudou a propagar e a expandir o evangelho, incansavelmente, por todas as suas ex-paróquias.<sup>39</sup>

---

<sup>36</sup> CAVALCANTI, 2001, p. 73.

<sup>37</sup> Ibidem, p. 65.

<sup>38</sup> João Ferreira de Almeida, pastor protestante com grande capacidade na área de linguística, foi o primeiro a traduzir com 16 anos, do espanhol, partes do Novo Testamento para o português. Morreu com 63 sem conseguir terminar de traduzir o Velho Testamento. Jacobus Akker os terminou. O missionário Daniel Parish Kidder foi o primeiro correspondente da Sociedade Bíblica Americana a se fixar no Brasil e percorrer o país de norte a sul comprometendo-se a doar Bíblias nas escolas das províncias caso sua proposta à Assembleia Legislativa da Imperial Província de São Paulo fosse aceita. Para os protestantes, cada fiel deve ter sua Bíblia, diferente da Igreja Romana que não a estimulava e via com maus olhos a Sociedade Bíblica.

<sup>39</sup> Cf. PINHEIRO; SANTOS, 2013.

César<sup>40</sup> classifica de maneira um pouco ampla a “ordem de chegada” dos protestantes: os presbiterianos primeiro, depois os metodistas e, por fim, os batistas. Ele ressalta que os missionários tiveram dificuldades para aprender a língua, entender a cultura que divergia da cultura britânica e norte-americana. Esses missionários ou eram realmente vocacionados para a missão ou vinham com duas ocupações: pregar e trabalhar (missionários educadores, missionários médicos, missionários escritores etc.). Mesmo com toda essa motivação proselitista, os protestantes tiveram que lutar em favor de sua liberdade religiosa.

Pinheiro e Silva<sup>41</sup> esclarecem isso expondo que o acesso aos serviços públicos como reconhecimento legal do casamento, direito ao sepultamento e registro de nascimento era, muitas vezes, negado aos protestantes e apenas obtido, em último caso, em paróquias católicas (único local com acesso aos documentos). Tudo isto cessou com o advento da República em 1891, quando houve separação de Estado e religião oficialmente.

Apesar das conquistas, os missionários cometeram erros em algumas situações e trouxeram consigo o espírito sectarista e denominacionalista que perdura até hoje: “Falaram pouco sobre justiça social e muito sobre conduta sexual”.<sup>42</sup> Mesmo assim, muitas igrejas foram fundadas no Brasil e o protestantismo se expandiu desde Rio Grande do Sul a Norte e Nordeste do país. Muitas foram as igrejas que vieram e muitas outras foram surgindo ao longo dos anos: “Por essa razão, é muito mais adequado falar em “protestantismos” (luterano, calvinista, metodista etc.) que em ‘protestantismo brasileiro’”.<sup>43</sup>

Abaixo, o parâmetro histórico das primeiras e principais igrejas do Brasil implantadas na segunda metade do século XIX:

#### A) Igrejas protestantes tradicionais

**Metodistas:** os evangélicos da Igreja Metodista foram os primeiros a tentar algo no Brasil. A Igreja Metodista Americana enviou o pastor Fountain Elliot Pitts para sondar o novo campo missionário em 1835 e, depois que sondou a América do

<sup>40</sup> Cf. CÉSAR, 2000.

<sup>41</sup> Cf. PINHEIRO; SANTOS, op. cit.

<sup>42</sup> CÉSAR, op. cit., p. 79.

<sup>43</sup> MENDONÇA; VELASQUES FILHO, 2002, p. 11.

Sul, os metodistas americanos enviaram outros dois missionários: R. Justus Spauding, em 1836, e Daniel Parish Kidder em 1837. A mulher de Kidder faleceu e ele voltou com um filho para o país de origem. Spauding também regressou, mas deixou no Rio de Janeiro uma congregação de quarenta membros, todos estrangeiros.

Por conta de alguns problemas políticos, a Igreja Metodista Episcopal dos Estados Unidos suspendeu por 25 anos o envio de missionários para o Brasil e só retornaram em 1867, enquanto igrejas como batistas e presbiterianas já estavam instaladas no país. Muitos outros missionários vieram para o Brasil neste “segundo retorno”, mas foi Koger quem conseguiu permissão para construir, em São Paulo, a primeira igreja protestante no Brasil com aparência de Templo, segundo exigências da Igreja Católica até a proclamação da República.<sup>44</sup>

**Presbiterianos:** em 1859, no dia 12 de agosto, desembarcou no Rio de Janeiro o primeiro missionário presbiteriano chamado Simonton. Era um jovem de 26 anos, recém-formado em um seminário de Princeton e ordenado ao ministério com pouco tempo. Ficou no Brasil sete anos e fundou a primeira igreja, o primeiro jornal (*Imprensa Evangélica*), o primeiro presbitério, a primeira escola paroquial e o primeiro seminário. O jornal teve uma vida longa durante 1864 a 1889 e, também, durante os três primeiros anos da República (1889–1892). Escreveu muitos sermões e foi quem ordenou o ex-padre José Manuel da Conceição ao pastorado através de sua profissão de fé. Morreu viúvo e de febre amarela em São Paulo.<sup>45</sup>

**Batistas:** no início do ano de 1860, um missionário chamado Bowen desembarcou no Rio de Janeiro para o novo campo missionário. Ficou no país por volta de um ano e voltou para sua pátria. Passaram-se vinte anos para que um segundo missionário viesse para o país: o general Hawthorne, enviado pela Junta de Richmond para ser um representante de Texas no Brasil. Alguns outros que já estavam no país converteram-se à igreja batista por concordarem, aceitarem e participarem do batismo nas águas por imersão e não mais por aspersão, como se fazia na igreja presbiteriana, luterana e congregacional.

Hawthorne foi quem descobriu outros missionários para virem ao Brasil: William Buck Bagby e Zacarias Clay Taylor. Bagby e sua esposa eram huguenotes franceses e estavam muito interessados em missões no país. Taylor também era

---

<sup>44</sup> Cf. CÉSAR, op. cit.

<sup>45</sup> Cf. Ibidem; MENDONÇA, 2008a.

casado, mas perdera sua esposa, casando-se uma segunda vez com a missionária Bagby. Ambos concordaram que deveriam evangelizar a Bahia, local menos ocupado, pois enquanto no Rio de Janeiro havia oito missionários, na Bahia havia apenas seis. Assim, Bagby fundou em solo baiano o primeiro Colégio Batista Brasileiro (1898).

Vieram ainda para ajudá-los os Albuquerque, cujo líder da família era ex-sacerdote católico, pastor convertido na metodista que, depois, passara para a igreja batista. Chegaram a Salvador em 31 de agosto de 1882 e, em outubro, organizaram a primeira Igreja Batista Brasileira. Em 1884, Bagby e sua esposa foram para o Rio de Janeiro e, em 1902, fundaram o Colégio Batista Brasileiro. Taylor permaneceu em Salvador e fundou o primeiro jornal batista, “*O eco da Verdade*”, em 1886.

Segundo César “Apesar de todos os esforços, o trabalho batista começou a crescer mais do que o de outras denominações apenas a partir do século XX. Até então eram os presbiterianos que tinham melhores resultados”.<sup>47</sup>

Até aqui foram descritas as chamadas igrejas protestantes de missão. Todas elas possuíam um padrão polêmico para convencer o outro sobre a verdade do protestantismo ante o catolicismo. O objetivo era a conversão e faziam o máximo que podiam para penetrar os corações dos fiéis e, sobretudo, convencê-los do pecado, desencadeando emoções suficientemente fortes para essa adesão espiritual.

Em resumo, até o momento, a implantação do protestantismo no Brasil foi complexa, difícil e pouco expressiva, pois precisou firmar-se dentro de um campo religioso adverso o que a tornou, em alguns momentos, rígida demais. A ética protestante, para ser implantada no Brasil, teve que atuar em uma contracultura e foi justamente por isso, por possuir resistência à cultura (não assimilada pelos missionários), que o protestantismo tradicional se estagnou, limitando-se a poucas igrejas e a poucas pessoas em algumas cidades importantes. Até então, o protestantismo tradicional se contrapôs à cultura e assimilação dos novos elementos – cultura africana, indígena e ibérica – resistindo às propostas de reorganização com pouca penetração e expressão no Brasil. No entanto, a mensagem missionária começava, entre o final do século XIX e início do XX, a tentar desenvolver uma teologia simples e assimilável para as pessoas, base inicial para o movimento

---

<sup>47</sup> CÉSAR, op. cit., p. 99.

pentecostal, do qual já começam a ficar presentes traços do catolicismo popular e dos cultos afro-brasileiros. A assimilação começa a aparecer e o sincretismo, a existir.

A ênfase da prática e do discurso religioso começa a debruçar-se sobre soluções religiosas de problemas cotidianos e existenciais, aos quais os seres humanos não são imunes. Daí então a ideia de manipular poderes do bem e do mal, através dos dons, a fim de que sejam atendidas as necessidades dos fiéis atuando não mais em função da eternidade, como outrora, mas na vida presente. Entra em cena a ideia de que é necessário combater essa luta entre luz e trevas com o uso de poderes sobrenaturais, ou seja, os dons. E, enquanto no Brasil o protestantismo começava a não mais resistir à ameaça do sincretismo e mais aberta à expressão não clerical de sua mensagem missionária, na América do Norte as igrejas “pegavam fogo”. Começaria então o avivamento pentecostal.

## B) Origem e características do pentecostalismo

“Falar em línguas estranhas”.<sup>48</sup> É praticamente isso que diferencia o pentecostalismo das igrejas protestantes tradicionais. Vejamos o que isso realmente significa.

O movimento pentecostal teve origem nos Estados Unidos e tomou grandes proporções em 1906. Os pequenos grupos (batistas, presbiterianos e metodistas) começaram a enfatizar – focando-se mais no Novo Testamento – o falar em línguas, ênfase nos dons espirituais, cura de enfermidades, as profecias, expulsão de demônios, etc. Tal capacitação, para concretização desses atos, encontrava-se na evidência bíblica do batismo no Espírito Santo (o primeiro batismo sendo a imersão nas águas e o segundo o falar em línguas).

“Tudo começou” em janeiro de 1901, quando os alunos do colégio *Bethel Bible College*, estudando sobre o Espírito Santo, tiveram experiências concretas de falar em línguas quando, durante a aula, oraram fervorosamente sobre isso. Iniciou

---

<sup>48</sup> No meio científico, “falar línguas estranhas” é mais conhecido pelo termo “**glossolalia**” que no dicionário é definido de suas maneiras: “1. suposta capacidade de falar em línguas desconhecidas quando em transe religioso (como no milagre do dia de Pentecostes); 2. distúrbio de linguagem observado em certos doentes mentais que creem inventar uma linguagem nova” (Cf. HOUAIS, A.; VILLAR, M. de S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009, p. 974.

com uma estudante e, depois, todos da escola começaram a falar em línguas. Após essa experiência, mais outra escola foi aberta no Texas, em 1905, também tendo, como influência da anterior, o falar em línguas estranhas. Um homem chamado William J. Seymour, sob esta influência, “[...] prega em Los Angeles um sermão em Atos 2:4, declarando que Deus tem uma terceira benção além da santificação e justificação: o batismo do Espírito Santo”.<sup>49</sup>

Seymour, sendo expulso de sua igreja, foi para Los Angeles em 1906 levar as “boas novas”. Lá ele alugou um armazém e se tornou líder do grupo que formou na Rua Azusa, onde todos os visitantes tinham as mesmas experiências que ele e os outros anteriores a ele. Em 1907, um pastor chamado William H. Durham recebeu de Seymour os dons do Espírito. O sucesso de suas pregações a respeito do Espírito Santo e do batismo em línguas era comovente.

César<sup>50</sup> alega tal sucesso dizendo que a cidade de Los Angeles estava em rápida crescente e, portanto, o movimento de repercussão era acelerado e de grande extensão tanto lá quanto no exterior. Para Bledsoe,<sup>51</sup> Seymour hoje é encarado como propagador indireto do pentecostalismo em muitas nações.

Pinheiro e Santos<sup>52</sup> acreditam que a Missão da Rua Azusa foi, e ainda é, o berço do pentecostalismo mundial. Inicialmente, a igreja chamava-se “Missão Apostólica de Fé” e, em 1914, mudou seu nome para Assembleia de Deus. Essa “nova denominação” foi fundada pelos discípulos de Seymour, Gunnar Vingren e Daniel Berg, que, além disso, receberam de Seymour os dons.

O pastor Durham abriu, logo após seu batismo em línguas e o recebimento de dons, uma igreja também em Los Angeles e foi através dessa igreja que Louis Francescon recebeu seus dons e virou o fundador da Igreja Congregação Cristã no Brasil.

## **Congregação Cristã no Brasil**

Louis Francescon, italiano, nasceu em Cavasso Novo, Udine. Foi para os Estados Unidos em 1890 e se tornou presbiteriano em 1891. Em 1907, sob a tutela

---

<sup>49</sup> PINHEIRO; SANTOS, 2013, p. 346.

<sup>50</sup> Cf. CÉSAR, 2000.

<sup>51</sup> BLEDSOE, D. A. **Movimento Neopentecostal Brasileiro**: um estudo de caso. São Paulo: Hagnos, 2012.

<sup>52</sup> Cf. PINHEIRO; SANTOS, op. cit.

de Durham, recebeu os dons na Igreja desse pastor e experimentou o batismo no Espírito Santo. Sua esposa batizou-se primeiro e ele logo depois. Em 1909, abandonou o emprego, pois Durham e outros profetizaram a ele para que levasse a mensagem pentecostal aos seus conterrâneos. Em setembro desse mesmo ano, foi para a Argentina e, em 1910, veio para o Brasil na cidade de São Paulo.

César<sup>53</sup> relata que Francescon relacionou-se com a alta e enorme colônia italiana, frequentando a Igreja Presbiteriana do Brás até provocar uma cisma na igreja por conta de suas ideias sobre o Espírito Santo.

Bledsoe<sup>54</sup> acredita que, antes mesmo de frequentar a igreja em São Paulo, Francescon havia morado antes no Paraná onde começara sua missão. Mas, por conta de suas mensagens que colidiram de alguma forma com a população (apesar das poucas conversões), procurou refúgio em São Paulo e, então, associou-se à Igreja Presbiteriana. O pastor da igreja proporcionava grandes oportunidades para que Francescon pregasse, o que fazia em italiano, até o momento em que, entusiasmadamente, dava destaque ao batismo no Espírito Santo e no falar em línguas. Por conta disso, foi expulso da igreja. Com alguns dissidentes que vieram com ele, fundou a Congregação Cristã no Brasil em junho de 1910.

Francescon nunca morou no Brasil, diferentemente dos outros protestantes que vieram ao país. Fez algumas visitas que, totalizando sua permanência em cada viagem: “[...] chega-se a conclusão que ele passou dez anos no Brasil”<sup>55</sup>. Apesar de pouco tempo em solo brasileiro, comparado aos outros, a igreja Congregação Cristã no Brasil espalhou-se através dos imigrantes italianos residentes em São Paulo.

Pinheiro e Santos<sup>56</sup> apontam um crescimento pouco expressivo e que só ganhou maiores proporções em meados dos anos 1950. A igreja fundada por Francescon, apesar de vindo do mesmo movimento que a Assembleia de Deus, criada um ano depois da Congregação Cristã no Brasil, é extremamente sectária considerando-se a única igreja verdadeira. Inicialmente, os cultos eram apenas em italiano, passando, durante os anos, para o português. Os cristãos dessa igreja não mantêm relacionamento com fiéis de outras denominações, nem tradicionais e nem pentecostais.

---

<sup>53</sup> Cf. CÉSAR, 2000.

<sup>54</sup> Cf. BLEDSOE, 2012.

<sup>55</sup> CÉSAR, op. cit., p. 114.

<sup>56</sup> Cf. PINHEIRO; SANTOS, 2013.

Bledsoe<sup>57</sup> relata algumas peculiaridades dessa igreja, tais como a não publicação de livros, a não utilização de rádio nem televisão, pouca ou nenhuma reunião em locais públicos e nenhuma atividade fora do templo. Possuem uma interpretação extremamente radical referente à predestinação, o que a impede de fazer proselitismo, realizando-o apenas durante os cultos nas igrejas. No entanto, esse mesmo autor afirma, através de suas leituras em outros autores, o quanto os membros da Congregação contraditoriamente gostam e fazem proselitismo entre os evangélicos de outras denominações, quase como se “pescassem no mesmo aquário”, afinal são todos protestantes. São incentivados a não fortalecer vínculos com outros cristãos – em último caso, apenas para pregar suas crenças – e possuem inflexibilidade quanto aos usos e costumes em detrimento do evangelho, muitas vezes.<sup>58</sup> Não há pregador ordenado ou uma hierarquia rígida, mas um ancião que é revelado por Deus para pregar, na hora do culto. Esses pastores não são assalariados e a Santa Ceia é celebrada uma vez, tornando-a muito esperada por todos.

### A Assembleia de Deus

Gunnar Vingren e Daniel Berg, de origem sueca, foram os fundadores da igreja Assembleia de Deus no ano de 1911. Adolf Uldin, irmão da fé de ambos e ovelha de Gunnar, revelou uma profecia para que Vingren e Berg fizessem missão em outro país. Eles vieram para o Brasil a bordo do navio Clement:

O que levou Gunnar e Daniel a se decidirem pelo Brasil foram os detalhes da visão de Adolf Uldin: Deus os estava chamando para um lugar, em alguma parte do globo, que se chamava Pará, de clima muito diferente, e a viagem seria em um navio que sairia de Nova York em 5 de novembro daquele ano.<sup>59</sup>

Gunnar tinha 31 anos e Daniel 26 anos quando, solteiros, vieram ao Brasil, para Belém do Pará. Chegaram ao país em terceira classe, sem dinheiro no bolso e

---

<sup>57</sup> Cf. BLEDSOE, op. cit.

<sup>58</sup> Um exemplo disso é que, segundo a teologia da Congregação Cristã se um membro da igreja, depois de batizado pelo Espírito Santo, abandona sua fé e/ou adultera, ele perde imediatamente sua salvação e tem pouquíssima ou nenhuma chance de recuperá-la, visão distante do amor e compaixão ensinados através da Bíblia, por exemplo, em outras denominações.

<sup>59</sup> CÉSAR, 2000, p. 118.

sem saber uma palavra em português. Hospedaram-se na casa de um missionário batista que lhes cedeu, para moradia, o porão da igreja.

Antes de se tornarem “assembleianos”, eles eram batistas de uma igreja em Michigan. Foram excluídos dela depois que receberam o avivamento, ou seja, o Batismo com o Espírito Santo ocorrido em Chicago em 1909. Expulsos porque, não bastasse terem recebido o dom, começaram a pregar a doutrina e transformar a igreja tradicional Batista daquele lugar em igreja em pentecostal.

No Brasil, o mesmo aconteceu. Certa vez, o missionário que os hospedou precisou viajar e deixou sua igreja aos cuidados de Vingren e Berg que realizaram os cultos regulares da igreja a pedido do amigo. No entanto, depois dos cultos, reuniam-se com um grupo de fiéis para falar sobre o Espírito Santo e as línguas estranhas. A questão foi que problemas estariam por vir, já que alguns membros começariam a se interessar pelas ideias e crenças dos missionários suecos.

César declara algumas atitudes discutíveis que ocorreram no início da igreja Assembleia de Deus: houve intolerância dela com as outras já instaladas aqui e vice-versa; suecos acolhidos pelo pastor da igreja, por sua vez, cindiram com sua igreja. Dos pentecostais, “[...] havia muita ênfase em línguas, revelações, curas e milagres”<sup>62</sup> o que divergia completamente da igreja Batista, levando-os a muitos exageros e precipitações naquele momento. Por conta desse grupo, algumas pessoas aderiram ao movimento pentecostal e faziam, quando podiam, manifestações dentro da igreja Batista. Tais conflitos levaram a exclusão de Vingren e Berg e pouco mais de uma dúzia de fiéis. Em 1911, fundaram então a Missão de Fé Apostólica. Em 1914, mudaram o nome para Assembleia de Deus, que continua assim até hoje.

Bledsoe<sup>63</sup> afirma que os missionários suecos se desenvolveram de maneira acelerada no país, aprendendo rapidamente o idioma e fazendo proselitismo entre os brasileiros mais simples e marginalizados. Fundaram, em outros estados do Brasil, novas Assembleias de Deus e, em 1934, novos missionários vieram dos Estados Unidos para prestar ajuda aos dois.

---

<sup>62</sup> Ibidem, p. 121.

<sup>63</sup> Cf. BLEDSOE, 2012.

O último Censo do IBGE (2010) registra 12.314.410 evangélicos que frequentam e são afiliados à Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil.<sup>64</sup> Esse número vem crescendo a cada dia e a igreja já é considerada a maior pentecostal do país.

Seu crescimento se deve a muitos fatores como, principalmente, ser construída sempre em locais estratégicos (periferias, por exemplo) e possuir hierarquia bem definida, já que as igrejas menores são sempre supervisionadas. Cada pastor tem autoridade em sua igreja, mas devem relatórios e satisfações à igreja central, que, por sua vez, reporta-se a sede nacional. Esses pastores ascendem na liderança conforme o trabalho realizado em evangelizações e cuidado com a igreja e fiéis.

Mariano<sup>65</sup> ressalta que o perfil dos fiéis dessas igrejas são, majoritariamente, de pessoas pobres com pouca escolaridade e que saíram da Igreja Católica, muitas vezes, perseguidos por esta mesma igreja. Atualmente, contam não apenas com tal perfil de cristãos, pois já atingem a classe média, profissionais liberais e empresários.

Essas duas igrejas foram as únicas pentecostais de maior crescimento na primeira metade do século XX, apesar de não concordarem entre si e não manterem um diálogo fácil entre ambas. Mesmo sendo igrejas pentecostais, nunca compartilharam das mesmas concepções doutrinárias e, por conta dessas e outras diferenças, geraram formas evangelísticas de inserção muito distintas uma da outra. Ainda hoje, a Congregação Cristã permanece exclusivista e crítica acerca do pentecostalismo à sua volta.

Apesar de manter-se irremovível em seu tradicionalismo a Congregação Cristã vem sofrendo pequenas alterações na área de usos e costumes e em sua composição social. Já a Assembleia de Deus, desde 1989 cindida em duas denominações, mostra-se mais flexível e disposta a acompanhar certas mudanças que estão de processando no movimento pentecostal e, apesar da defasagem, na sociedade. Seu recente e deliberado ingresso na política apartidária e na TV, em busca de poder, visibilidade pública e respeitabilidade

<sup>64</sup> A Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB) foi fundada em 1930 e registrada em 1946. É uma sociedade civil de natureza religiosa, sem fins lucrativos. Possui alguns objetivos tais como: promover intercâmbio entre as AD; zelar pela observância das doutrinas bíblicas; promover e incentivar proclamação do evangelho, entre outros. CONVENÇÃO Geral das Assembleias de Deus no Brasil. [s.d.]. Disponível em:<<http://cgadb.org.br>>. Acesso em: 5 mai. 2014.

<sup>65</sup> Cf. MARIANO, R. **Neopentecostais**: sociologia no novo pentecostalismo no Brasil. 2 ed. São Paulo: Loyola, 1999.

social, ao lado de outras transformações internas, sinaliza de modo irrefutável sua tendência à acomodação social, à dessectarização.<sup>66</sup>

Já era difícil conceituar essas duas diferentes igrejas dentro da mesma “linha” pentecostal, mas é a partir dos anos 1950 que se torna mais complexo e complicado encontrar um consenso entre todas. Não apenas a nomenclatura da igreja muda, mas sua cultura interna, desde usos e costumes à teologia ensinada. Por isso, é importante apontar esse segundo momento. Foi só após quarenta anos, ou a partir de 1950, que outros três grandes grupos pentecostais surgiram no país: a Igreja do Evangelho Quadrangular (São Paulo, 1951), a Igreja Pentecostal O Brasil para Cristo (São Paulo, 1955), Casa da Bênção (Belo Horizonte, 1964), a Igreja Pentecostal Deus é Amor (São Paulo, 1962) e outras. Essa multiplicação ocorreu principalmente por conta do proselitismo e do seu incentivo pelo Brasil a fora. Esse período das novas igrejas pentecostais mencionadas é conhecido como sendo uma segunda geração de pentecostais.<sup>67</sup>

Mariano<sup>68</sup> nos mostra o porquê dessa “multiplicação” de vertentes pentecostais. Ele comenta que, nessa mesma década de 1950, na cidade de São Paulo, dois ex-atores do cinema americano vieram, em uma empreitada missionária, à frente da Cruzada Nacional de Evangelização trazer ao Brasil o evangelismo de massa centrado na cura divina. O nome da igreja à qual pertenciam era Evangelho Quadrangular. Difundiram-na através de rádios, tendas, praças públicas, ginásios de esporte etc., atraindo fiéis e pastores de outras denominações e, principalmente, pobres e nordestinos. Com isso, provocaram uma fragmentação denominacional no pentecostalismo, até então avesso a qualquer uso dos meios de comunicação em massa por considerá-los diabólicos.

Alencar<sup>69</sup> comenta que esses missionários, na década de 1950, trouxeram à cena uma ênfase no dom de cura divina. Até hoje as igrejas desse segundo momento utilizam tal teologia como poderoso recurso proselitista. Para o autor, o evangelismo baseado na cura foi o grande responsável pela explosão pentecostal mundo a fora. Foi então que o pentecostalismo começou a tomar novas formas de

---

<sup>66</sup> Ibidem, p. 30.

<sup>67</sup> Cf. CÉSAR, 2000; PINHEIRO; SANTOS, 2013.

<sup>68</sup> MARIANO, 1999, *passim*.

<sup>69</sup> Cf. ALENCAR, G. **Protestantismo tupiniquim**: hipóteses sobre a (não) contribuição evangélica à cultura brasileira. São Paulo: Arte Editorial, 2005.

inserção, novos modos de pensar o culto e a teologia. O século XX foi certamente o século do Pentecostalismo.<sup>70</sup>

Mariano<sup>71</sup> denomina as igrejas da primeira metade do século (Assembleia de Deus e Congregação Cristã no Brasil) de igrejas *pentecostais clássicas*. Depois dessas duas, as que surgiram podem ser consideradas como sendo as pentecostais da “segunda geração” ou pentecostais da “segunda onda”.<sup>72</sup>

Na verdade, apesar de existirem muitas outras igrejas pentecostais espalhadas pelo Brasil, as mais conhecidas são as que deram início na década de 1950. Quanto às diferenças teológicas, a principal delas consiste no fato de que no primeiro momento as igrejas pentecostais conferiam foco no Espírito Santo, enquanto as igrejas pentecostais do segundo momento, na cura. Mesmo com algumas diferenças teológicas (muitas delas irreconciliáveis), as igrejas evangélicas têm origem comum e são sociologicamente próximas.<sup>73</sup> Durante esse momento histórico religioso, o Brasil também estava passando por mudanças sociológicas, como muitas migrações para áreas urbanas e o avanço da industrialização, facilitando bastante a evangelização do protestantismo e, principalmente, a propagação do ensino a respeito do segundo batismo no Espírito Santo, os dons, os usos e costumes, curas divinas e exorcismos.<sup>74</sup>

César<sup>75</sup>, no entanto, lamenta o fato do movimento estar caindo em descrédito atualmente, diferente do que se pretendia no início. Para ele, os eventos como Batismo com o Espírito Santo, o exorcismo, as curas etc., são evitados a todo custo pelas igrejas protestantes clássicas (batistas e presbiterianas, por exemplo) e, em contrapartida, muito difundidos e mencionados vulgarmente pela imprensa secular a respeito das outras igrejas. Essa indiferença das igrejas clássicas e tal descrédito se devem ao fato de entenderem e perceberem que fenômenos de outras religiões (basicamente indígena, africana e católica) entraram na igreja, comprometendo

---

<sup>70</sup> Na época do Antigo Testamento era chamada a “Festa das semanas”. Hoje nós a chamamos de “Pentecoste”, que é a palavra grega usada no Novo Testamento e que significa justamente “cinquenta dias”, ou seja, as sete semanas que se contam desde a época da oferta de gratidão pelas primícias. Foi durante essa festa (ou seja, cinquenta dias depois da ressurreição de Jesus Cristo) que o Espírito Santo desceu sobre a Igreja Apostólica e onde foi possível verificar, através das escrituras, grandes sinais como línguas estranhas, poder, etc.

<sup>71</sup> Cf. MARIANO, 1999.

<sup>72</sup> Cf. Ibidem, 1999; BLEDSOE, 2012; PINHEIRO; SANTOS, 2013.

<sup>73</sup> Cf. ALENCAR, 2005.

<sup>74</sup> Cf. BLEDSOE, op. cit.

<sup>75</sup> CÉSAR, 2000, *passim*.

dogmas e a própria teologia: o fenômeno do *sincretismo*.<sup>76</sup> Apesar dessa constatação, ou seja, de uma rápida transmissão ou difusão do sincretismo no interior das igrejas pentecostais, é um pouco injusta a crítica dos protestantes tradicionais, pois não há como negar, também, o sincretismo dentro dessas igrejas, visto que receberam a influência americana!

Alencar<sup>77</sup>, a respeito disso, aponta que o protestantismo clássico<sup>78</sup> sofreu influência anglo-saxônica e americana e que, certamente, também teve que “abrasileirar-se” a fim de se contrapor a esse caráter estrangeiro, muitas vezes estranho aos religiosos do Brasil. Esse “abrasileiramento” ocorreu nas décadas de 1930 e 1940 de Getúlio Vargas que obrigou, devido às complicações pós-guerras, as denominações cristãs celebrarem seus cultos em português e a publicarem hinários em língua nacional (assim que o hinário chegou ao Brasil, ele estava em italiano ou alemão). Mesmo com tais mudanças devido ao nacionalismo de Getúlio, a doutrina continuou sendo estrangeira.

Para o autor, existe sincretismo em todas as religiões. Ele ironiza quando alega que os cristãos têm orgulho de sua herança hebraica, da herança anglo-saxônica, da helenização da igreja primitiva e nega, por outro lado, influências que o cristianismo teve e ainda tem. Para os cristãos, essas outras “influências” são heresias. Segundo o autor, foi cultura brasileira que mudou e transformou as teologias locais.

Certa vez fui a uma igreja aqui em São Paulo cuja “fauna” era bastante diversa. O ministro de louvor era uma versão gospel do Carlinhos Brown. O excesso de tecido em sua roupa imensa e espalhafatosa daria para vestir a banda inteira; colete dourado, cabelo *rastafári* com lenço colorido, tudo muito *fashion*. Ao meu lado um *punk* com pulseira cheias de pregos, pulava perigosamente; mas adiante um indivíduo fantasiado de dragão da independência, bastante diversas das patricinhas e mauricinhos aos montes. Pensei: “Meu Deus, entrei na boate errada!”. Por outro lado, pode se entrar em outro templo e encontrar um grupo de pessoas de branco, com corredor de sal grosso, (des)fazendo encosto, invocando orixás distribuindo rosas ungidas passando debaixo de um manto sagrado,

<sup>76</sup> **Sincretismo:** 1. fusão de diferentes cultos ou doutrinas religiosas, com reinterpretação de seus elementos; 2. síntese, razoavelmente equilibrada, de elementos dispares, originários de diferentes visões do mundo ou de doutrinas filosóficas distintas [...]. (HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009, p. 1748).

<sup>77</sup> Cf. ALENCAR, 2005.

<sup>78</sup> Exemplo de igrejas protestantes clássicas: Presbiteriana Independente, Igreja do Evangelho Quadrangular, Igreja o Brasil para Cristo, entre outros.

com inúmeras manifestações de demônios e você pode pensar que entrou no “Terreiro errado!”.<sup>79</sup>

No Brasil, não é possível sustentar a ideia de que existe uma “igreja pura” em suas tradições, pois o país em si abarcou inúmeras teologias, religiões no qual impeliu, os que aqui habitavam, a ter que se haver com as diferenças, similaridades, e etc., entrelaçando-as, de uma maneira ou outra, para que fossem verdadeiramente “entendidas”! Por exemplo, a igreja Assembleia de Deus foi fundada por dois batistas suecos, comprovando, pois, que a igreja teve logo de cara uma influência sueca. Nos anos 1950, as “inovações” teológicas vinham quase que exclusivamente dos EUA, sendo muitas igrejas, no Brasil, fundadas por canadenses, angolanos, americanos, entre outros. Além disso, podem-se somar as influências indígenas, africanas e católicas que a igreja sofreu igualmente ao longo de sua história em terras brasileiras.

Mariano<sup>80</sup> entende que esse sincretismo faz perder de vista o verdadeiro entendimento da história, doutrina e significado do protestantismo – suas crenças e teologia – com um “modismo” em se relativizar tudo. A princípio, as igrejas parecem possuir uma unidade, uma conformidade, mas, na prática, não é isto que ocorre. O que se tem é uma igreja para todos os tipos e gostos, com uma teologia às vezes rasa e, com frequência, subjetiva.

[...] houve um tempo em que quando se mencionava igreja Batista, Presbiteriana, Assembleia de Deus ou Metodista sabíamos exatamente o significado dado a isso. Mesmo que fossem estereótipos. Mas existiam marcos teóricos distintos, estilos eclesiásticos específicos e posições doutrinárias definidas. Ainda há, mas nem tanto. Hoje pode ser, mas pode também não ser, o que dá na mesma.<sup>81</sup>

O pentecostalismo começou a mudar no final da década de 1970 e parecia querer emergir outro tipo de liturgia, outro tipo de público e aceitação no mundo. E a esse “novo” tipo de pentecostalismo surgindo dá-se o nome de neopentecostalismo, os de terceira geração ou terceira onda.<sup>82</sup>

---

<sup>79</sup> Ibidem, p. 24.

<sup>80</sup> Cf. MARIANO, 1999.

<sup>81</sup> Ibidem, p. 25.

<sup>82</sup> Cf. Ibidem; BLEDSOE, 2012.

### C) O neopentecostalismo

Esse terceiro momento inicia-se na segunda metade dos anos 1970 e ganha força nas décadas de 1980 e 1990. *Neo*, porque remete a uma formação recente, ou seja, a um “novo” pentecostalismo que, embora oriundo deste, traz grandes diferenças em relação ao pentecostalismo tradicional que tem ênfase no “falar em línguas”. Os neopentecostais dão extrema importância às curas, exorcismos, prosperidade financeira e batalhas espirituais.<sup>83</sup>

Mariano<sup>84</sup> destaca que os perfis dos líderes desse seguimento são de grande autoridade, personalidades fortes que dão muita expressividade emocional pelos meios de comunicação e nas igrejas durante os cultos.

Alencar<sup>85</sup> não vê tais personalidades como sendo exclusivas e próprias das igrejas evangélicas, mas enfatiza que em qualquer igreja é necessário que exista uma liderança forte a fim de que haja desenvolvimento, por isso a figura carismática é necessária. É inegável que, quanto mais forte o personagem e líder da igreja é, mais importante a hierarquia e, portanto, seu dono e fundador.

No entanto, Mariano<sup>86</sup> entende que essas igrejas desse novo movimento crescem e agem como empresas, contando com um ou dois representantes máximos de autoridade executiva e espiritual sobre as igrejas afiliadas e seus seguidores para comando e direção. Algumas até possuem fins lucrativos “Esta ruptura com sectarismo e o ascetismo puritano constitui a principal distinção do neopentecostalismo”.<sup>87</sup>

Bledsoe<sup>88</sup> destaca que a teologia que embasa seus ensinamentos está atrelada à prosperidade, e que os obstáculos que impedem essa ascensão financeira estão diretamente ligados e/ou são atribuídos ao diabo e seus demônios que têm grande poder sobre os fiéis. Levando em consideração tal ponto de vista, faz-se necessário para eles os cultos de exorcismo a fim de se obter a libertação espiritual desses demônios e/ou de práticas de feitiçaria, geralmente atribuídas a alguém que tem o desejo de destruir a vida do fiel, seja por inveja, ciúme, raiva etc.

---

<sup>83</sup> Ibidem; ibidem.

<sup>84</sup> Cf. MARIANO, 1999.

<sup>85</sup> Cf. ALENCAR, 2005.

<sup>86</sup> Cf. MARIANO, 1999.

<sup>87</sup> Ibidem, p. 36.

<sup>88</sup> Cf. BLEDSOE, 2012.

Essa libertação não se restringe aos demônios na área financeira, mas também de outras práticas eventualmente realizadas ou sofridas pelo crente como: atividade sexual promíscua, possíveis maldições hereditárias que herdou sem saber e, também, aqueles que já participaram de religiões afro-brasileiras (macumba, umbanda, candomblé, espiritismo etc.) que, para eles, é o portal de todos os males e seu pior inimigo. O foco é sempre fazer do fiel uma pessoa melhor, mais feliz, realizada, poderosa e vencedora. Nesse sentido, ela difere totalmente das pentecostais, pois coloca a busca pela salvação em plano semelhante à busca pela felicidade, riqueza e realização pessoal.

Aqui a ideia de rejeição ao mundo não vigora como nas pentecostais clássicas, pois partem do princípio de que a existência terrena do cristão verdadeiro não deve ser dominada pela pobreza, sofrimentos carnais e rejeição à busca de riquezas e prazeres, mas defendem, sobretudo, que o crente está destinado à prosperidade, saúde e felicidades no mundo agora. Para isso, o cristão precisa ser fiel nos dízimos e ofertas, tema central e de grande importância no discurso da IURD.<sup>89</sup>

Para concluir esse raciocínio, torna-se importante destacar o que Weber,<sup>90</sup> sociólogo alemão, escreveu a esse respeito. Ele mostra o quanto a conduta do trabalho foi discutida na Igreja Ocidental em contraste com o Oriente, apontando que, ao longo do tempo, foi debatido entre teólogos a ideia do trabalho como sendo um dom dado por Deus e que a indisposição para o mesmo seria, geralmente, considerado falta de graça. Se Deus dá a vocação para alguém, este deve obedecer e submeter-se ao mandamento divino para cumprir ao que foi chamado. O fiel, por sua vez, pode tirar vantagem da oportunidade se Deus mostrar a possibilidade do lucro. Recusar ao chamado da profissão viola o que Deus quer, pois o trabalho e, portanto, as riquezas devem ser para Deus e não para a carne ou pecado. A riqueza é ruim apenas se for direcionada aos prazeres carnais, mas se é realizada enquanto um dever dado por Deus, moralmente é permitida e ordenada, pois através do trabalho é que se dá glória a Deus e, a não possibilidade de trabalhar, o pecado da preguiça. A ideia é a seguinte:

---

<sup>89</sup> Cf. ALENCAR, 2005; MARIANO, 1999.

<sup>90</sup> WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Martin Claret, 2013.

O homem é apenas o administrador de bens que vêm a ele pela graça de Deus. Ele deve, como o servo da parábola, dar conta de cada centavo que lhe foi confiado, e é no mínimo perigoso despender qualquer quantia para um propósito que não serve à glória de Deus, mas apenas à própria fruição.<sup>91</sup>

Quanto maiores as posses, maiores as responsabilidades para com a glória de Deus, tornando dever do fiel aumentá-las por meio do esforço incansável. O que o protestantismo ascético condenava era a avareza e cobiça impulsiva, ou seja, perseguir riquezas para si, pois eram consideradas tentação e o próprio mal. Essa ética do trabalho individual como gerador de riqueza estava, como foi assinalado, entrelaçada a ideia de salvação individual pela fé, obediência e estudo da Bíblia, movidos, então, por um esforço contra a preguiça, que é considerado pela igreja pecado capital. De forma diluída, o neopentecostalismo parece conter algumas das reflexões postuladas por Weber – de que não há problemas em ter lucro ou trabalhar para ganhar mais e mais dinheiro, pois é Deus quem dá o dom e a possibilidade de crescimento para o fiel que deve ser, sobretudo, obediente e aceitar as bênçãos de Deus. A melhor ação, então, é obedecer e multiplicar a riqueza, como ilustrado na parábola bíblica do servo que não multiplicou o que lhe fora dado pelo seu senhor e, assim, “continuou pobre”, “não aceitou o que lhe fora dado por Deus” e teve sua punição pela ação censurável. Segue abaixo a transcrição da parábola dos dez talentos em Mateus 25:14-30 (ou em Lucas 1:11-27) para maior compreensão:

Porque isto é também como um homem que, partindo para fora da terra, chamou os seus servos, e entregou-lhes os seus bens. E a um deu cinco talentos, e a outros dois, e a outro um, a cada um segundo a sua capacidade, e ausentou-se logo para longe. E, tendo ele partido, o que recebera cinco talentos negocou com eles, e granjeou outros cinco talentos. Da mesma sorte, o que recebera dois, granjeou também outros dois; mas o que recebera um, foi e cavou na terra e escondeu o dinheiro do seu senhor. E muito tempo depois, veio o senhor daqueles servos, e fez contas com eles. Então aproximou-se o que recebera cinco talentos, e trouxe-lhe outros cinco talentos, dizendo: Senhor, entregaste-me cinco talentos; eis aqui outros cinco talentos que granjeei com eles. E o seu senhor lhe disse: Bem está, servo bom e fiel. Sobre o pouco foste fiel, sobre mito te colocarei; entra no gozo do teu senhor. E, chegando também o que tinha recebido dois talentos, disse: Senhor, entregaste-me dois talentos; eis que com eles granjeei outros dois talentos. Disse-lhe o seu senhor: Bem está, bom e fiel servo. Sobre o pouco foste fiel, sobre muito te colocarei; entra no gozo do teu senhor. Mas chegando

---

<sup>91</sup> Ibidem, p.250.

também o que recebera um talento, disse: Senhor, eu conhecia-te, que é um homem duro, que ceifas onde não semeaste e ajuntas onde não espalhaste; E, atemorizado, escondi na terra o teu talento; aqui tens o que é teu. Respondendo, porém, o seu senhor, disse-lhe: Mau e negligente servo; sabes que ceifo onde não semeei e ajunto onde não espalhei; Devias então ter dado o meu dinheiro aos banqueiros, e, quando eu viesse, receberia o meu com os juros. Tirai-lhe, pois, o talento, e dai-o ao que tem dez talentos. Porque a qualquer que tiver será dado, e terá em abundância; mas ao que não tiver até o que tem ser-lhe-á tirado. Lançai pois o servo inútil nas trevas exteriores; ali haverá pranto e ranger de dentes.<sup>92</sup>

A ideia protestante da vocação colocou o ascetismo a serviço da aquisição capitalista que agiu poderosamente, rompendo com as limitações do impulso à aquisição, tornando-o legítimo e, até mesmo, desejado por Deus. A campanha contra as tentações da carne e a dependência das coisas exteriores destinava-se, apenas, contra o uso irracional da riqueza.

Apesar disso, não há unicidade dessa teologia neopentecostal mesmo dentro das igrejas que são *neo*, pois existem líderes que são calvinistas, outros sabatistas, outros que criticam a teologia da prosperidade, entre outros elementos de divergência. Em um aspecto geral, elas coincidem em algumas coisas, como já dito até aqui, mas seria imprudência afirmar que, dentro de uma mesma denominação, elas não sofrem suas variações.

Bledsoe<sup>93</sup> já havia informado sobre a “tarefa desafiadora” em definir o neopentecostalismo brasileiro. Todas as neopentecostais têm a marca do pentecostalismo, no entanto, as igrejas Assembleia de Deus e Congregação Cristã no Brasil tendem muito mais a se aproximarem das igrejas tradicionais, por exemplo, do que ao movimento *neo*. As igrejas neopentecostais diferem-se, sobretudo, nas distinções do caráter doutrinário e comportamental e sua forma de inserção.

Mariano esclarece que:

O apego dos neopentecostais ao mundo é indisfarçável. Em contraste, sobretudo, com o pentecostalismo clássico que enfatiza a salvação celestial e exorta constantemente o fiel a permanecer firme na fé diante da proximidade do Juízo Final, a preocupação primordial que transparece na mensagem neopentecostal é com esta vida e com este mundo. O que interessa é o aqui e agora. E, para isso,

<sup>92</sup> BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. ed. rev. e corrigida. Tradução João Ferreira de Almeida. São Paulo: King's Cross Publicações, 2009.

<sup>93</sup> Cf. BLEDSOE, 2012.

nada melhor do que ter Cristo no coração, meio infalível de alcançar a vitória sobre o Diabo e obter a retribuição divina agora e sempre.<sup>95</sup>

Para Alencar,<sup>96</sup> o neopentecostalismo é a expressão mais brasileira de todas as correntes. Ela adapta o culto ao “jeitão brasileiro”, muito mais do que os pentecostais, que imitam e proporcionam um ambiente austero e conservador, com liturgias anglo-saxônicas destoando totalmente da cultura brasileira. É uma religião liberal nos costumes e dogmas e, diferentemente do pentecostalismo, ousou com a conexão aos gêneros musicais do Brasil. Se sempre houve sincretismo nas religiões do Brasil, devido à história já mencionada até aqui, foi a neopentecostal, para ele, a que mais se apropriou da cultura, assimilando-a em seu interior e não tentando afastar-se a qualquer custo do universo “mundano”, como igrejas mais tradicionais parecem sempre se posicionar. Ele afirma, ainda, que a ética protestante não tolera o multiculturalismo brasileiro, mas deveria, pois assim que o protestantismo migrou para o Brasil, teve que se deparar com uma cultura já estabelecida, como a indígena, a africana e a portuguesa. No geral, a ideia missiológica era salvar essas culturas do paganismo e, nela, também o catolicismo.

Igrejas como Congregação no Brasil e Assembleia de Deus satanizaram no início, por exemplo, alguns instrumentos específicos, como a percussão. Já as igrejas neopentecostais, com um estilo similar ao pagode, trazem e resgatam essa base original da música brasileira. Provavelmente essas novas igrejas, querendo se afastar do tradicionalismo teológico, litúrgico etc. das igrejas anteriores, acomodaram-se rapidamente à sociedade, à cultura e à religião popular, o que explica (e muito!) o seu sucesso entre as pessoas. E é nesse momento e contexto que começa a existir o movimento gospel onde as igrejas, sobretudo as neopentecostais, carregam para dentro dos templos os ritmos reggae, rock, samba, entre outros, por meio do qual realizam sua evangelização.

Mariano<sup>97</sup> destaca o processo como “mundanização” diferentemente de “abrasileiramento”, como Alencar<sup>98</sup> propõe. Para ele, a postura menos sectária das igrejas neopentecostais em relação as que a antecederam possui consequências mais sérias. Tal concepção diverge totalmente com as igrejas pentecostais que

---

<sup>95</sup> MARIANO, 1999, p. 44.

<sup>96</sup> Cf. ALENCAR, 2005.

<sup>97</sup> MARIANO, op. cit., p. 45.

<sup>98</sup> Cf. ALENCAR, op. cit..

sempre pregaram a saída e/ou a abstenção das coisas “do mundo” que são compreendidas, no geral, como pecaminosas. A ideia das igrejas pentecostais e as mais tradicionais é ficar o mais distante possível e separar-se de tudo o que é mundano, seja nas músicas cantadas, da arte, cinema e tudo o que não edificar a alma. Já a acomodação das igrejas neopentecostais na sociedade acontece de forma rápida, atraindo muitos fiéis. Sem rodeios, utilizam-se dos recursos artísticos construídos “fora da igreja” trazendo-as para *dentro* da igreja; buscam viver bem a vida e fazem questão de mostrar que esse modelo é melhor e o que realmente querem é tirar o fiel da miséria. Para isso, testemunhos são levados a rádios e à televisão (ex-drogado, ex-prostituta, ex-traficante, etc.).

Alencar rebate, dizendo:

É interessante como no meio protestante foram *sacralizadas* algumas manifestações artísticas (música e literatura), mas *satanizadas* outras (dança, moda, cinema). Aqui fica patente a dificuldade que o protestante tem de lidar com o corpo (dança, pintura, escultura) e sua disposição (apenas) para as coisas do “espírito” (poesia, música, literatura).<sup>99</sup>

Esse autor, um pouco mais realista com tal cenário, critica os que atacam o neopentecostalismo por seu sincretismo nas práticas culturais religiosas modernas e defende que nenhuma igreja pode se considerar “pura”, sendo possível afirmar isso através da história. A diferença consiste, segundo ele, em algumas terem influência norte-americana, por exemplo – de ricos e brancos – enquanto outras, africana e/ou indígena – de nordestinos e pobres: “Para Lutero, foi fácil ‘contextualizar’ o evangelho para benefício dos príncipes alemães, mas impossível fazer o mesmo para os camponeses”.<sup>100</sup>

Existe uma apropriação e absorção da cultura brasileira pela qual a televisão e outros meios de comunicação influenciaram a igreja, e a igreja, por sua vez, foi assimilando e adquirindo espaços cada vez maiores nos meios de comunicação para fins próprios. Para o autor, ambas se alimentam mutuamente, pois a televisão faz alarde sensacionalista sobre os erros pastorais (roubo, por exemplo) e a igreja, por sua vez, aproveita para avançar e se promover na televisão, apesar da carência

---

<sup>99</sup> Ibidem, p. 72-73.

<sup>100</sup> ALENCAR, op. cit., p.80.

de espaço nos horários nobres. Um jeito de ser “evangélico brasileiro”, porque “[...] mensagens, livros, e até mesmo “bênçãos” são vendidas ao gosto do freguês”.<sup>101</sup>

Bledsoe<sup>102</sup> comenta que as igrejas neopentecostais tomam emprestadas muitas práticas do catolicismo popular e religiões afro-brasileiras, no entanto, essas mesmas igrejas declaram guerra contra tais instituições que são, para elas, a fonte de todos os males (males físicos, psicológicos, de maldição, males que impedem a prosperidade, entre outros). O sincretismo afro está dentro da igreja, mas não o percebem como tal e, projetivamente, os atacam. Eis aqui um grande paradoxo a ser pensado!

Existem várias igrejas neopentecostais formadas na década de 1950, como a Igreja Nova Vida, Igreja Renascer em Cristo, Igreja Internacional da Graça de Deus e a Igreja Universal do Reino de Deus. Esta última é a igreja que mais cresce dentre as neopentecostais, e será o foco deste trabalho, por ser a maior e a principal dessa terceira onda. Para compreender os motivos dessa expansão, é preciso dispor, primeiramente, de algumas informações sobre suas origens e sobre suas características, o que será feito na seção seguinte deste capítulo.

## **IURD: a maior igreja neopentecostal do Brasil**

Segundo o Censo (2010) do IBGE, a IURD tem 1.873. 243 fiéis pelo Brasil.<sup>104</sup> Do movimento neopentecostal, ela é a que mais cresce no país, apesar de sua pouca idade, já que teve início em 1977. Sua influência atravessa a contagem de fiéis mencionados, pois se infiltra em âmbito global de múltiplas formas. Tem como objetivo sua expansão e não economiza esforços para isso. Algumas destas inserções serão vistas neste estudo, mas antes é necessário apresentar um pouco da história dessa igreja e seu fundador.

## **Edir Macedo: o fundador**

---

<sup>101</sup> Ibidem, p. 80.

<sup>102</sup> BLEDSOE, 2012, passim.

<sup>104</sup> Apesar de ser a maior igreja neopentecostal do país, em uma reportagem do site *O Globo* é possível encontrar um dado importante de que 229 mil adeptos da IURD migraram para a Igreja Mundial (CASTRO, J.; DUARTE, A. Censo: Igreja Universal perde adeptos, e Poder de Deus ganha. *O Globo*, 29 jun. 2012. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/pais/censo-igreja-universal-perde-adeptos-poder-de-deus-ganha-5345868>>. Acesso em: 5 abr. 2014).

Edir Macedo Bezerra nasceu no dia 18 de fevereiro de 1945, quarto filho dentre os seis irmãos. Nasceu com uma pequena atrofia nos dedos, o que o levou a sentir-se inferiorizado e com baixa autoestima por toda sua adolescência. Os pais tinham dificuldades em criar os sete filhos, pois eram de família simples. Em relação à religião, ambos tiveram criação católica, apesar de Henrique, pai de Edir, já ter sido maçom.<sup>105</sup>

Durante sua juventude, apesar das diversões que tinha com os amigos, um medo o atormentava: ter o inferno como destino após sua morte. Foi através de sua irmã mais velha, Elcy (com problemas de bronquite asmática) que conheceu a igreja evangélica, pois ela, sem solução para sua doença, visitou a igreja Nova Vida a fim de obter alguma cura. Segundo a biografia de Edir, sua irmã foi, de fato, curada. Com isso, e muito intrigado, ele se converteu à essa igreja e, com o apoio da irmã, decidiu frequentá-la no centro do Rio de Janeiro onde “Aos poucos, o ambiente de fé, as músicas, as preces, juntamente com as pregações, motivaram Edir Macedo”.<sup>106</sup>

Depois de uma decepção amorosa aos 19 anos, Edir afirma em sua biografia autorizada que lhe ocorreu o fenômeno da conversão:

Recebi um novo coração. Uma alegria indescritível passou a fazer parte do meu ser. Fiquei livre de complexos, da solidão e da dependência de terceiros. Percebi que havia em mim uma energia própria que me fazia capaz de todas as coisas em nome do meu Senhor. Que maravilha... Foi a maior alegria de toda a minha vida: meu encontro com Deus.<sup>107</sup>

Em 1971, Edir casa-se com Ester na Igreja Nova Vida no Rio de Janeiro. Eles tiveram duas filhas, Viviane e Cristiane. Edir e Ester ganharam mais um filho, Moisés, que ainda bebê foi entregue a eles durante um culto, por uma mulher. Depois desse dia, oficializaram a adoção.

Passado pouco tempo do nascimento das filhas, Edir desenvolve capacidade para pregação e desejo de tornar-se pastor da igreja evangélica que frequentava. No entanto, não recebeu apoio dos fiéis daquela comunidade, deixando-o inconformado e com muita raiva da situação.<sup>108</sup>

---

<sup>105</sup> TAVOLARO, D. **O Bispo**: a história revelada de Edir Macedo. São Paulo: Larousse, 2007.

<sup>106</sup> Ibidem, p. 81.

<sup>107</sup> Ibidem, p.82.

<sup>108</sup> Ibidem, p.96.

Após 12 anos como membro da Nova Vida, Edir decidiu, em 1975, fundar outra igreja, pois estava cansado, dentre outras coisas, do “elitismo” da igreja Nova Vida. Com alguns amigos, fundou a Cruzada do Caminho Eterno, que depois se chamou Casa da Benção. Houve algumas cisões com alguns destes amigos, levando-o a fundar, em 9 de julho de 1977, a Igreja Universal do Reino de Deus. Durante esse tempo, pregava nas casas, ruas, praças públicas etc.<sup>109</sup>

O biógrafo explicita a diligência de Edir ao pregar e atrair fiéis à sua igreja. Fazia-o no subúrbio carioca e, depois, ia para o coreto no centro do bairro pregar o evangelho, atrair frequentadores e promover batismos.

Mariano explica que, no início, os fundadores da IURD foram Edir Macedo e Romildo Soares, este último sendo o líder principal e pregador da igreja. No entanto, começaram a ter divergências de pontos de vista no tocante ao direcionamento da igreja: “Sua liderança, contudo, logo começou a ser atropelada pelo estilo autoritário e centralizador de Macedo, bem como por seu carisma, dinamismo e pragmatismo”<sup>111</sup>.

Por conta disto, Edir propôs uma assembleia para decidir o novo líder da Universal, sendo necessário que o perdedor renunciasse ao cargo. Macedo ganhou pela maioria dos votos. Romildo Soares saiu aos poucos e fundou, em 1980, a Igreja Internacional da Graça de Deus.<sup>112</sup>

No Brasil, o crescimento da IURD foi rápido, alcançando, em oito anos, a partir de 1980, 195 templos em 14 estados brasileiros. Também abriu templos no exterior, como nos Estados Unidos, México, Portugal, etc.<sup>113</sup>

Apesar de seu jeito expressivo no púlpito e em suas declarações, Edir Macedo é discreto e pouco se sabe sobre sua vida particular, apenas que seu maior discurso preocupa-se, em última instância, em estimular os fiéis a saírem do comodismo e da pobreza, ponto chave da doutrina da iurdiana.<sup>114</sup> Atualmente, Macedo mora nos Estados Unidos e é conhecido mundialmente como Bispo Macedo, ou somente Bispo.

---

<sup>109</sup> MARIANO, 1999, p. 55.

<sup>111</sup> Ibidem, p. 56.

<sup>112</sup> Cf. TAVOLARO, 2007; MARIANO, op. cit.

<sup>113</sup> TAVOLARO, op. cit., p. 121.

<sup>114</sup> Cf. TAVOLARO, 2007; CÉSAR, 2000.

## Doutrinas Básicas da IURD

Toda igreja muito bem estabelecida é consolidada sobre bases doutrinárias muito bem pensadas e que devem ser seguidas para a inclusão do interessado ao grupo cristão. Doutrina é definida como:

Conjunto coerente de ideias fundamentais a serem transmitidas, ensinadas. (2) conjunto das ideias básicas contidas num sistema filosófico, político, religioso, econômico, etc. (5) conjunto das crenças e dogmas da fé cristã; catecismo (6) sistema que cada um adota ou segue no seu procedimento; norma, regra, preceito.<sup>116</sup>

Buscando compreender melhor tais princípios, é possível ir ao site oficial da IURD<sup>117</sup> na procura de tais doutrinas para encontrá-las. A escolha desse caminho parece autêntica por ser um site oficial e supõe-se, portanto, haver atualização e controle das informações ali passadas para o público. A linguagem, a forma e o conteúdo partem diretamente de pessoas ligadas à IURD, o que justifica a busca através desse site.

Na seção “Em quê cremos”, foram encontrados os conceitos fundamentais, porém resumidos, de tais doutrinas. A primeira delas é que a IURD tem a crença de 1) um Deus vivo que é, na verdade, a Trindade composta por Pai, Filho e Espírito Santo revelado à luz da Bíblia Sagrada; 2) no batismo com o Espírito Santo; 3) na cerimônia da Santa Ceia e 4) na importância dos dízimos e das ofertas.

A mensagem principal da igreja é Jesus e somente pela fé na pessoa de Cristo que é possível obter os benefícios após a morte e, também, na vida atual. Essa fé é exercida e melhor manifestada pelos chamados sacrifícios de fé que vêm a serem os dízimos e as ofertas.<sup>118</sup>

A igreja possui uma estrutura bem definida de cultos semanais, mais comumente chamados de “reuniões”, também especificados no site dessa forma. São eles: reunião da prosperidade, cura, filhos de Deus, terapia do amor, libertação, jejum das causas impossíveis e encontro com Deus. Essas reuniões são focadas nesses temas e ocorrem no mesmo dia da semana, ao longo dos meses, e em todos os templos. Mariano entende essa forma fixa de atuar da igreja IURD como uma

<sup>116</sup> HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009, p. 711.

<sup>117</sup> UNIVERSAL. [s.d.]. Disponível em:<<http://www.universal.org>>. Acesso em: 24 mar. 2014.

<sup>118</sup> BLEDSOE, 2012, p. 95.

rotina a ser seguida, “[...] um calendário de cultos e rituais para prestar atendimento especializado a problemas determinados”.<sup>120</sup>

Cada reunião diária tem seu resumo no site a fim de disponibilizar ao leitor todas as informações necessárias referentes à programação do dia, seja no rádio, na Internet, nos templos entre outros. Esses resumos contêm o objetivo do culto, os dias e horários.

As reuniões de segunda-feira tratam da prosperidade financeira, carreira e/ou soluções sobrenaturais para problemas nesta área. No site da IURD, lê-se que o dia é dedicado a palestras para orientação relacionada às finanças e, também, a exposição de pessoas que se tornaram importantes e de grande sucesso, capazes de promover verdadeira inspiração de vida e superação aos fiéis que buscam o mesmo objetivo de prosperidade econômica; nas terças-feiras, são realizadas as reuniões de cura física, emocional, etc., mais comumente conhecidas como sendo as sessões de descarrego; nas quartas-feiras, o encontro tem como principal objetivo motivar o fiel em suas escolhas diárias e torná-lo mais confiante para isto; nas quintas-feiras, o foco discursivo está voltado ao bem-estar sentimental, desde os solteiros que buscam um parceiro, aos casados com problemas de relacionamento; nas sextas-feiras, é realizado o culto de libertação (mais comumente conhecido como cultos de exorcismo) sob a ideia de que muitos problemas são causados por problemas espirituais; aos sábados, a reunião é sobre as causas impossíveis, quando o foco encontra-se em motivar o fiel acerca da superação dos obstáculos que enfrenta, conquistando-os com o auxílio da igreja. Nesse último culto, eles têm como pressuposto a ideia de que Deus irá agir diretamente sobre a causa impossível, tornando-a possível. Por último, aos domingos, o culto tem por objetivo ensinar os passos necessários para que o fiel tenha acertos e ganhos produtivos em todos os sentidos e áreas da vida, através do que eles denominam como sendo “parceria” entre o fiel e Deus.<sup>121</sup>

Existe, como bem lembra Bledsoe,<sup>122</sup> a campanha da Fogueira Santa, realizada algumas vezes ao ano afim de que os crentes demonstrem sua fé em Deus para que um milagre ocorra em suas vidas e o diabo seja destruído. Rezende detalha o encontro dizendo que “[...] a mais tradicional é a Fogueira Santa de Israel:

---

<sup>120</sup> MARIANO, 1999, p. 58.

<sup>121</sup> Cf. BLEDSOE, op. cit.; MARIANO, op. cit.

<sup>122</sup> Cf. Ibidem.

os pedidos dos fiéis são recolhidos pelos pastores e bispos para serem levados à Terra Santa duas vezes por ano".<sup>124</sup> No entanto, no site oficial da igreja, não foi possível encontrar acerca desse culto que é popularmente conhecido, o que chama bastante a atenção.

Já em relação aos usos e costumes, a IURD torna-se mais flexível que as outras igrejas pentecostais por liberar e/ou afrouxar normas de comportamento a respeito do que o cristão deve ou não vestir e fazer, diferentemente das pentecostais. A IURD não se detém, a princípio, em proibir o uso de nada. Contudo, alguns comportamentos são considerados incompatíveis e censuráveis – mesmo que isso não esteja totalmente manifesto no discurso iurdiano. De maneira geral, a manifestação de alguma conduta desviante não ocorre seguida de uma penalização, seja de exclusão do fiel da igreja ou outra qualquer e quando o é, não é realizada de forma direta pela igreja.<sup>125</sup>

Mariano elucida o assunto de forma interessante:

Os neopentecostais vestem-se como todo mundo. [...] Ouvem rádio, assistem à TV, vão a festas, frequentam praias, piscinas, praticam esportes, torcem para times de futebol. Quanto à proibição ao tabaco, às drogas, ao sexo não marital, aos jogos de azar, nenhuma alteração ocorreu com o surgimento das neopentecostais. Quanto ao álcool, a orientação muda um pouco. [...] Mesmo as neopentecostais, embora mais liberais, estabelecem orientações tipicamente puritanas, moralistas contra o homossexualismo, a pornografia, as drogas, a assistência a programas de TV que exploram a violência e sexualidade, a frequência a bares e danceterias, participação no carnaval. Na Universal, com exceção dos pastores, sempre engravatados, e dos obreiros, todos uniformizados, os fiéis vestem-se como bem entendem. [...] Edir Macedo é contumaz crítico do que nomeia de as 'vestes dos santos'. Para ele, o crente deve combater o Diabo em vez de se preocupar com usos e costumes *démodé*, que não passam de mais uma artimanha do inimigo.<sup>127</sup>

Dessa forma, fica evidente a presença de uma "ruptura na identidade estética"<sup>128</sup> a respeito da aparência dos religiosos que, com o advento do neopentecostalismo, puderam afastar-se do estereótipo convencional e tradicional do cristão pentecostal que fora conhecido por muito tempo como aquele que

<sup>124</sup> REZENDE, E. Marketing Pentecostal: inovação e inspiração para conquistar o Brasil. **Revista de Estudos da Religião**, p. 24, jun. 2010.

<sup>125</sup> Cf. BLEDSOE, 2012.

<sup>127</sup> MARIANO, 1999, p. 210.

<sup>128</sup> Ibidem, p. 187.

usava terno e levava a bíblia debaixo do braço, lutando contra a carne para se santificar e manter-se afastado o suficiente dos prazeres mundanos. É possível ver um novo cristão emergindo e um novo estereótipo sendo construído.

Algumas características semelhantes ao pentecostalismo permanecem, mas muito poucas, principalmente em relação à ênfase nas batalhas espirituais (luta contra o diabo) e na doutrina da prosperidade que os distinguem visivelmente das mais tradicionais que pregam, em contrapartida, exatamente o oposto: “Frases simples e constantemente repetidas como ‘pare de sofrer’, ‘toma lá, dá, cá’ e ‘tá amarrado’ respaldam o conteúdo teológico principal”.<sup>129</sup>

A IURD investe bastante tempo para que suas doutrinas sejam assimiladas e transmitidas adequadamente aos fiéis durante as reuniões nos templos. Mesmo assim, não é só através das reuniões semanais que tal intento se concretiza, mas através do investimento maciço em emissoras de rádio e TV, empenhando-se em ser um pronto-atendimento para os necessitados do “lado de lá” da tela. Com esse cenário, a IURD teve que se haver com a demanda da clientela (carente) brasileira e colocar à disposição de tais públicos inúmeros obreiros, pastores e bispos de plantão para atendê-los em suas emergências.

### **Canais de comunicação**

Na opinião de Bledsoe,<sup>130</sup> a IURD está bastante comprometida em usar a mídia para promover suas ideias, fazer proselitismo e toda a propaganda dos cultos. Essas mídias, frequentemente usadas pela IURD, foram pensadas para ter seus efeitos no ouvinte, quase como um “Estou conversando com você, meu irmão”. E, apesar de não aparecer de forma direta, o discurso envolve poder, pois transmite mensagens, doutrinas e comportamentos de interesse da Instituição que, no entanto, não podem aparecer de forma explícita ao telespectador. Ela deve, em última instância, seduzir o ouvinte. E que mídias são essas? A principal delas é a Rede Record da qual Edir Macedo também é dono desde 1992. Ela possui, como seu maior cliente, a IURD que tem inúmeros programas tais como: o polêmico “*Fala*

---

<sup>129</sup> BLEDSOE, 2012, p. 51.

<sup>130</sup> Cf. Ibidem.

*que eu te escuto*", "Santo culto em seu lar", "The Love School", etc., no qual promovem suas doutrinas.

Edir Macedo é dono não somente do canal Rede Record, atualmente uma emissora que está em 2º lugar no país, mas também de sites, blog e jornais como *Folha Universal*, *Plenitude*, etc., sem contar os inúmeros livros *best-sellers*, canais de rádio e arquivos de áudio com suas pregações acessíveis para quem quiser baixá-las. É inegável que "[...] a influência atual do bispo Macedo no mercado de comunicação provoca pasmo. Tão impressionante quanto à voracidade do projeto de expansão da igreja".<sup>131</sup>

Para dar um último exemplo dessa expansão, houve, no dia 31 de julho de 2014, a inauguração do Templo de Salomão, novo empreendimento do Bispo Edir que contou com a presença de grandes autoridades como Dilma Rousseff, Michel Temer, prefeito Fernando Haddad e outras figuras importantes do Brasil.<sup>132</sup> Ela foi construída no Brás, região central da capital paulista e custou, segundo a igreja, 680 milhões de reais.

Ao contrário das igrejas mais tradicionais, o pentecostalismo e o neopentecostalismo tiveram sucesso e em larga escala, com milhões de fiéis conquistados em poucas décadas. Isso se deve, como mostra o caso da IURD, ao emprego maciço da comunicação, ou pelo menos este é um fator muito relevante a ser considerado. No entanto, o que nessa esfera da comunicação é responsável pelo resultado expressivo? Em outras palavras, quais estratégias de persuasão podem ser identificadas nas mensagens da IURD capazes de alcançar seus objetivos, ou seja, alcançar mais e mais fiéis para sua igreja? Como consegue ser eficaz? Para avançar nessa investigação, torna-se necessário recorrer ao conhecimento da retórica, que é justamente a área na qual se criaram, desenvolveram e fixaram os procedimentos que visam à persuasão e, principalmente, o que fazer para garantir a eficácia.

---

<sup>131</sup> TAVOLARO, 2007, p. 241.

<sup>132</sup> URIBE, G.; MARQUES, J. Inauguração de tempo da Igreja Universal reuniu petistas e tucanos. *Folha de S. Paulo*, 31 jul. 2014. Disponível em:<<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/07/1494128-inauguracao-de-tempo-da-igreja-universal-reuniu-petistas-e-tucanos.shtml>>. Acesso em: 3 ago. 2014.

## CAPÍTULO II- Persuasão: retórica e as emoções

"Porque a palavra de Deus é viva, e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até ao ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e propósitos do coração"—  
Hebreus 4:12.

Antes de passar à análise do material coletado em diversas fontes da IURD, faz-se necessário um pouco de teoria a respeito da retórica para que, no exame mais aprofundado, seja possível uma compreensão do que o discurso é composto, quais os tipos, a definição de persuasão e alguns de seus modos. A ênfase do presente trabalho levará em conta, mais especificamente, a mensagem iurdiana e sua possível influência sobre os fiéis, e o que é necessário que ela contenha para que se concretize o efeito de persuasão.

Em sua discussão a respeito da retórica, Aristóteles<sup>133</sup> indaga o porquê de algumas pessoas obterem êxito ao realizar uma defesa ou acusação sem, necessariamente, serem profissionais que dominam tal arte. Como conseguem cativar os auditórios? Como tais pessoas conseguem colocar os outros em uma determinada disposição de espírito que as convençam de algo? Em suma, como se faz para persuadir o outro?

O estudo da retórica, portanto, se atém aos *modos de persuasão*. Este campo da retórica não faz parte de nenhuma ciência em si, mas serve a qualquer uma que procura entender os mecanismos da persuasão. Sua arte consiste em um só objetivo: entender como é possível afetar a tomada de decisões dos ouvintes. Seu foco não está voltado, necessariamente, a obter os resultados de persuasão, mas entender os meios pelos quais ela acontece, ou seja, buscar observar, descobrir e entender, em cada caso, o porquê ela é eficaz e o que é necessário fazer para persuadir.

À luz de Citelli,<sup>134</sup> não cabe à retórica saber se algo é ou não verdadeiro, mas buscar compreender, de forma objetiva e analítica, os mecanismos usados para que algo ganhe a dimensão de verdade. Ou seja, ela em si mesma não é persuasão,

<sup>133</sup> Cf. ARISTÓTELES (384-322 a.C.). **Retórica**. Tradução, textos adicionais e notas Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2011.

<sup>134</sup> Cf. CITELLI, A. **Linguagem e persuasão**. 15 ed. São Paulo: Ática, 2002.

mas pode revelar como se faz; atém-se no *como* aquilo que está sendo dito o é de forma eficiente.

Para Aristóteles,<sup>135</sup> a retórica é determinada pelo orador, o assunto e o ouvinte a quem se dirige o discurso.<sup>136</sup> Ele cita três tipos de discurso: deliberativo, forense e demonstrativo. Para o presente trabalho, discurso deliberativo será o foco, já que trata especificamente do discurso que induz o indivíduo a fazer ou não algo. O orador desse tipo de discurso refere-se, normalmente, ao futuro, e um dos aspectos e finalidades deste discurso consiste em determinar o que é bom ou não; o que é aceitável ou não; o que será prejudicial ou não. Para isso, é necessário que o orador tenha conhecimentos de fatos diversos, não criando juízo de valor sobre a presença ou ausência de ética, de justiça e outros, por exemplo, mas visa apenas sustentar pontos que considerar convenientes para convencer.

O autor continua<sup>137</sup> explicando que a persuasão se expressa através de três meios: a) do caráter do orador; b) de levar o ouvinte a certa disposição de espírito e c) da própria mensagem/discurso. Aspectos pessoais do orador contam para a eficácia da persuasão, pois lhe é conferido crédito por parte do ouvinte, ou seja, é sim um meio eficiente para a persuasão, pois se o enunciador é detentor deste ou daquele caráter, imediatamente lhe é depositado confiança. O melhor e mais eficiente meio para se obter êxito na persuasão é discursando com propriedade e muito conhecimento sobre assuntos públicos, seus costumes e interesses. No entanto, essa mesma persuasão pode ser obtida quando o discurso afeta as emoções, o que revela a importância de conhecê-las (como são despertadas, sua natureza, etc.), pois são causas das mudanças dos julgamentos, acompanhadas de prazer ou de dor.

O orador, portanto, deve ter conhecimento pleno dos assuntos/temas que pretende argumentar e defender para a eficácia do discurso, seja conhecendo os dogmas e crenças e, se necessário, até mesmo a respeito de alguma disciplina científica. Se possível for, o orador deve possuir também algumas virtudes como prudência e benevolência, por exemplo, que induzirão o ouvinte a crer no que o

---

<sup>135</sup> ARISTÓTELES, op. cit., p. 53-54.

<sup>136</sup> Os termos “orador” e “auditório” são apenas explicativos e a retórica engloba outros modos e meios de expressão como a linguagem escrita, verbal, visual e outras mídias. (Cf. PERELMAN, C. **Retóricas**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004; MEYER, M. **A retórica**. São Paulo: Ática, 2007).

<sup>137</sup> ARISTÓTELES, op. cit., p. 45.

emissor diz, já que muito provavelmente tais atributos suscitarão confiança no público.<sup>138</sup>

Citelli<sup>139</sup> esclarece que o mecanismo mais óbvio indicado por Aristóteles é o que fixa a estrutura de um texto (e, portanto, a estrutura do discurso do orador) em quatro sequenciais: o exórdio, a narração, as provas e a peroração. O exórdio sendo o início do discurso, a introdução que capta a atenção dos ouvintes; a narração que é o assunto e/ou a argumentação; as provas, que são os elementos que comprovam e sustentam as argumentações e; por fim, a peroração ou a conclusão. Esses elementos estruturais foram observados por Aristóteles (e ainda hoje são largamente utilizados) porque ele mesmo os verificou na maioria dos discursos de sua época.

Apesar do olhar desse grande mestre em relação aos discursos de seu tempo e a busca pelo entendimento de como a persuasão se dá, o campo da retórica é incerto e evoca desconfiança e suspeita nas outras áreas do saber. Nasceu em um momento no qual, frequentemente, foi reduzida à manipulação dos espíritos através do discurso. Essa condenação foi especificamente feita por Platão que defendia a ideia da filosofia capaz de libertar, que busca a verdade e, por isso, não se submete a falsas aparências, visão divergente da de Aristóteles, que levava a retórica muitíssimo a sério.

Atualmente, para Citelli, a retórica é vista como enfeite e vazio de ideias que apenas servem para embelezar um texto e deixá-lo mais bonito. Ele dá como exemplo os bailes de debutantes com jargões do tipo "a beleza feito menina", 'a formosura que ofusca as luzes do salão', 'a rosa que desabrocha'<sup>140</sup> etc. Durante os últimos cem anos, não faltou quem escrevesse sobre este tema, apesar da grande confusão a respeito do verdadeiro objeto de tais obras, já que os próprios autores parecem sempre muito confusos com um tema que lhes foge do domínio.<sup>141</sup>

Para Meyer,

É verdade que podemos manipular e enganar, mas também podemos aderir de boa-fé e com convicção a proposições não necessariamente compartilhadas por outros. Nem todos temos os mesmos interesses, as mesmas concepções, os mesmos pontos de vista, mas é preciso que convivamos uns com os outros e que discutamos tudo o que suscita dificuldades, para chegarmos a um

<sup>138</sup> Cf. ARISTÓTELES, op. cit.; PERELMAN, 2004.

<sup>139</sup> Cf. CITELLI, 2002.

<sup>140</sup> Ibidem, p. 14.

<sup>141</sup> MEYER, 2007.

esboço de bem comum na Cidade. Assim, talvez a retórica seja um mal, mas um mal necessário, que mais se assemelha a um comunicar do que a um mandar fazer.<sup>143</sup>

O autor oferece uma definição cautelosa dos termos e, por isso, passa a entender o conceito de persuasão não como uma definição leviana e que se dirige apenas à enganação, ao mal, ao errado e com fins egoístas como popularmente é entendido, mas faz com que se busque a definição mais exata possível a fim de entender seu real significado. De acordo com o dicionário, “*Persuasão é 1.ato ou efeito de persuadir(-se); 2.certeza fortemente estabelecida; convicção*”.<sup>144</sup> Pela definição, a palavra persuasão pode tanto ser entendida como sendo um ato para persuadir o outro ou a si mesmo, ou seja, um ato ativo e passivo, e/ou uma certeza absoluta de algo que dificilmente será abalado por qualquer coisa ou circunstância, portanto, envolvendo fortes mecanismos psicológicos para fazer com que o indivíduo tenha certeza inabalável sobre algo que lhe é revelado. Parece que o ato de persuadir tem em si um estilo que lhe é próprio, isto é, trazer em qualquer medida uma convicção, uma certeza, uma ideia pouco questionável. No entanto, cabe um questionamento importante da definição, pois “certeza fortemente estabelecida”, inabalável parece relacionar-se mais com o que chamamos de crença.

A persuasão defende um discurso que se situa na esfera do provável, e não no uso da certeza, que resulta em demonstração. Portanto, os meios de persuasão visam convencer de que “x” é melhor do que “y”, mas sempre pode haver alguém para defender o contrário – “y” melhor do que “x”. Vence a disputa pela adesão do ouvinte àquele que souber sensibilizá-lo mais para a sua posição, apelando para elementos racionais e emocionais, ou seja, a soma dos dois podendo ter como resultado a adesão!<sup>145</sup> A retórica é, portanto, o estudo do quê e como se faz para se persuadir o ouvinte, possuindo uma estrutura básica para que seja possível entender e fazer o que se propõe e não uma certeza inabalável, pois isso teria a ver com crença e com religião/revelação.

Citelli cuidadosamente lembra que persuadir é o mesmo que submeter alguém a aceitação de alguma ideia, mesmo assim [...] não é sinônimo de imediato

---

<sup>143</sup> Ibidem, p. 20.

<sup>144</sup> HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009, p. 1480.

<sup>145</sup> Explicação do professor Renato Mezan a respeito da persuasão em orientação de mestrado.

de coerção ou mentira"<sup>146</sup> Ele lembra que o persuasor pode não trabalhar necessariamente com uma verdade, mas com certa verossimilhança. Para o indivíduo, não importa muito se o que se escuta ou vê é verdade, pois tão-somente convence pela verossimilhança. Ele dá como exemplo a imagem do peru da Sadia em um *outdoor*. De certa forma, sabe-se que o peru consumido em casa não é o mesmo Peru da imagem, pois existe o processo de edição dessa imagem, deixando-a impecável, com aparência suculenta a fim de atrair o olhar e a vontade de comprar o produto. Apesar disso, o indivíduo fica convencido acerca da qualidade da Sadia por verossimilhança, o que é o suficiente.

Perelman,<sup>147</sup> a propósito, aponta para uma distinção clássica entre convencer e persuadir. O primeiro sendo de cunho mais racional, dirigido ao intelecto, ao entendimento e, o segundo, à vontade. Ele acrescenta que convencer difere de persuadir porque na persuasão existe uma convicção tal, uma força necessária única que impulsionará à ação, o que não ocorre da mesma maneira no convencimento, que pode resultar em uma compreensão, uma “certificação” interna, apenas.

Já Meyer<sup>148</sup> prefere distinguir retórica de argumentação, a primeira visando a agitar as paixões (possível, portanto, de ser encontrada no raciocínio não-científico, na literatura, política etc.) e, a segunda, que tenta convencer por meio da razão. Em última instância, as definições de Perelman e Meyer não são tão diferentes uma da outra, já que para convencer, é necessário que se saiba argumentar através da razão e muito bem. No entanto, a cisão conceitual que propõem, entre um discurso que apela ao emocional e o discurso que apela à razão, poderia ser realmente possível? Encaminharemos algumas reflexões a respeito dessa indagação ao longo do trabalho.

Perelman acredita que, para que a adesão seja eficaz, é preciso que o orador tenha a atenção do público e que o público, por sua vez, também se interesse pelo que o orador quer comunicar. Portanto, a retórica depende do auditório para sua eficácia.

Pode acontecer que o próprio orador não faça parte desse auditório.  
É possível, de fato, que o orador procure obter a adesão com base

---

<sup>146</sup> CITELLI, 2002, p. 67.

<sup>147</sup> PERELMAN, 2004, p. 59.

<sup>148</sup> Cf. MEYER, 2007.

em premissas cuja validade ele próprio não admite. Isto não implica hipocrisia, pois o orador pode ter sido convencido por argumentos diferentes daqueles que poderão convencer as pessoas a quem se dirige.<sup>150</sup>

Sendo assim, o que impediria o orador de tentar a adesão pelas mesmas premissas pelo qual foi convencido? Nesse caso, parece que o orador, percebendo que o auditório tem uma especificidade tal a ser levada em conta, decida tentar convencer por outros argumentos que não pelos quais foi convencido, ou seja, o orador antecipa-se em conhecer o auditório para saber o quê e como transmitir o que deseja. Na ordem da lógica, tudo é pensado através de um dado sistema, contudo, na retórica, tudo pode ser questionado, pois não se desenvolve no interior de um sistema onde há premissas e regras de dedução, como na lógica. O orador pode ter sido convencido na ordem da lógica e procurar a mesma adesão pela retórica com foco nas emoções, pois, diferentemente da lógica, a retórica preocupa-se em produzir, obter e/ou aumentar a adesão dos ouvintes.<sup>151</sup>

A diversidade de auditório pode ser enorme e variar conforme idade, sexo, critérios sociais, políticos e outros. Toda a argumentação, que tem por objetivo aumentar a adesão das mentes ao que lhe é proposto no diálogo ou modificá-la, tende a produzir ações e deve levar esses critérios em conta. No entanto, para esse exercício, é necessário que o orador tome posse de uma linguagem comum para que seja possível o contato entre ambas as partes e em cada caso, seja utilizando uma linguagem técnica, linguagem formal, linguagem comum aos membros de alguma profissão, etc.<sup>152</sup>

Agora, caso o orador não tenha um saber específico ou “aprofundado” de alguma área científica ou não possuir certo conhecimento prévio do “perfil” desse público, deverá, mesmo assim, responder bem, pois, nesse caso, não falará como um especialista, mas como alguém de virtude suficiente para que o público lhe dê atenção (falar claramente, humor, etc.).

De forma muito clara Aristóteles já explicava essa questão quando desenvolveu o seguinte pensamento:

Cumpre acrescentar que o orador que discursa passionadamente, ainda que seu discurso careça de fundamento, consegue que o

---

<sup>150</sup> PERELMAN, op. cit., p. 71-72.

<sup>151</sup> Ibidem, p. 77.

<sup>152</sup> Cf. PERELMAN, 2004; MEYER, 2007.

auditório compartilhe de seus sentimentos, o que explica, inclusive, porque muitos oradores procuram impressionar e dominar seu auditório meramente à custa de ruído.<sup>154</sup>

Meyer, para exemplificar esse mesmo fenômeno, faz uma consideração importante quando se lembra da retórica de Hitler:

Em termos de conteúdo, de argumentos, ela é débil. Seu sucesso deve-se, por um lado não desprezível, a uma oralidade bem particular: sabe-se que marcar as frases subindo de patamar, até a vociferação, permite martelar o auditório, dando a ele o sentimento de “alçar vôo” com o discurso. A língua alemã, em que as frases são muito longas, presta-se muitíssimo bem a essa marcação e carregar nos traços dessa maneira aumenta o caráter persuasivo do discurso.<sup>156</sup>

O tom da voz, o jeito certo de falar determinada frase ou a ênfase em certas ideias, liga-se à imagem do orador, tornando-o aceito pelo auditório que se dispõe a ouvi-lo e, porque não, segui-lo. Nesse caso, o orador gradativamente vai ganhando autoridade para tanto. Esse “fenômeno” não se limita à pessoa do orador em específico, mas ao que ele representa, relacionando-se ao auditório pela identificação destes com aquele que fala. Embora tenha sido possível entender do que é composta a retórica e qual seu objetivo, parece justo destacar como Meyer<sup>157</sup> define e nomeia os três componentes, *éthos*, *páthos* e *logos*.

*Páthos* aparece como sendo as reações da alma que são ativadas pelo discurso. Mais ligado ao efeito no auditório, é a fonte de questões que suscitam as paixões e emoções. É essa paixão que mobiliza o ouvinte a alguma tese e, por isso, o orador deve levar em conta as paixões do auditório em geral, e saber as questões que permeiam o público ouvinte, o que o enraivece, o que deseja, etc.

O *éthos* (orador) é apresentado como sendo o caráter daquele que delibera, ou seja, aquele que possui legitimidade moral e ética para realizar o discurso, seja ele de qualquer origem social e profissional. Está do lado de quem *fala*.

Por fim, o *logos* (mensagem) aparece como sendo o que é e/ou o que será. É tudo o que está em questão e graças ao qual é possível ser comunicado. Deve tentar persuadir o auditório pela força dos argumentos e, também, convencê-los ao

---

<sup>154</sup> ARISTÓTELES, 2011, p. 228.

<sup>156</sup> MEYER, op. cit., p.49.

<sup>157</sup> Ibidem.

que quer que pretenda, seduzindo e comovendo-os (dirigindo-se mais propriamente às emoções).<sup>158</sup> O *logos* que um orador possui é a chave para persuadir, pois é através da mensagem que será possível criar uma emoção para este fim.

Outro meio comum pelo qual a persuasão obtém êxito está nos relatos reais de acontecimentos passados e nas metáforas, metonímias, parábolas, fábulas e outros que, a propósito, são bastante utilizadas nas igrejas, já que a bíblia possui inúmeros exemplos.<sup>159</sup> São figuras retóricas eficazes porque criam paralelos muito mais próximos do ouvinte do que fatos passados que, apesar de reais, nem sempre tem ligação com o público. Essas figuras de linguagem são elegantes, pois agilizam o conhecimento das coisas e dispensa uma inteligência exorbitante para poder entendê-las. Causa prazer e é possível extrair deles informações importantes de benefícios imediatos ou tardios: atraem facilmente atenção do receptor.

Para melhor ilustrar o que foi dito, apresentamos uma parábola bíblica sob o título de “A parábola do rico insensato”:

Alguém da multidão lhe disse: “Mestre, dize a meu irmão que divida a herança comigo”. Respondeu Jesus: “homem, quem me designou juiz ou árbitro entre vocês?”. Então lhes disse: “Cuidado! Fiquem de sobreaviso contra todo tipo de ganância; a vida de um homem não consiste na quantidade dos seus bens. Então lhes contou esta parábola: “A terra de certo homem rico produziu muito. Ele pensou consigo mesmo: ‘O que vou fazer? Não tenho onde armazenar minha colheita’. “Então disse: ‘Já sei o que vou fazer. Vou derrubar os meus celeiros e construir outros maiores, e ali guardarei toda a minha safra e todos os meus bens. E direi a mim mesmo: Você tem grande quantidade de bens, armazenados para muitos anos. Descanse, coma, beba e alegre-se’. “Contudo, Deus lhe disse: ‘Insensato! Esta mesma noite a sua vida lhe será exigida. Então, quem ficará com o que você preparou?’. “Assim acontece com quem guarda para si riquezas, mas não é rico para com Deus”. (Lucas 12: 13-21).<sup>160</sup>

Na metáfora acima, é claro o paralelo feito por Jesus referente à queixa gananciosa de alguém da multidão, que se encontra ligado aos prazeres materiais e

<sup>158</sup> A respeito disso, cabe dizer que a terceira grande categoria de raciocínio (além do apodítico, do implícito e dialético) é o retórico que não busca convencer de forma racional somente, mas de maneira emotiva, capaz de atuar juntamente com a razão e a emoção, envolvendo o receptor na condução de suas ideias (Cf. CITELLI, 2002, p. 19).

<sup>159</sup> Parábola do semeador (Mt 13); Parábola do trigo e do joio (Mt 13: 24-30); As parábolas do grão de mostarda e do fermento (Mt 13: 31-43); Parábola dos trabalhadores e das diversas horas de trabalho (Mt 20); Parábola das bodas (Mt 22); A parábola dos dois filhos (Mt 21: 28-32); Parábola dos lavradores maus (Mt 21: 33- 44); A parábola da candeia (Mc 4: 21-25); A parábola do amigo importuno (Lc 11: 5-13); Parábola do mordomo infiel (Lc 16), etc.

<sup>160</sup> BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**: nova versão internacional (1993-2000). São Paulo: Sociedade Bíblica Internacional, [s.d.], p. 812.

o quanto pode custar caro tal avareza à espiritualidade, à alma, ao ponto de parecer estupidez e insensatez tamanhas ambições. Imediatamente, é possível imaginar tal situação, o quanto é comum a todo ser humano tais sentimentos, e refletir sobre o quanto o pecado da ganância prejudica a vida espiritual de forma imediata. A mensagem é simples, fácil de entender, passível de identificação por qualquer um e profunda no objetivo de passar seu ensinamento.

A metáfora, como dito até então, tem papel importante e primordial na retórica e seu papel na argumentação não foi devidamente analisado como deveria. O estilo do orador deverá ser apropriado e vir de encontro com o assunto para que a persuasão seja completa.<sup>161</sup>

Com isso, fica claro que dificilmente será apropriado, por exemplo, um político falar e tentar trazer o auditório para alguma reflexão através de uma parábola bíblica, comumente usada por religiosos. Precisa haver certa coerência entre, novamente, o quê discursar, como fazê-lo (foco e objetivo da mensagem e quais recursos apropriados que o orador pode utilizar) e o público (saber com quem está falando).

Aprofundando um pouco mais a noção do orador como um agente eficaz da persuasão, torna-se importante pensar quais outros tipos de discursos são utilizados e que se situam na esfera desse emissor. São eles: o discurso dominante e o autorizado.

O *discurso dominante* são de instituições como igrejas, micro e macroinstituições, escola, etc., que falam através de signos que se superpõem expressando-se como uma verdade: "Assim, por exemplo, se o Código Civil determina que a monogamia é o modo de organizar a família no Brasil, não nos é dado espaço para questionar tal enunciado".<sup>162</sup> Ou seja, um discurso que não abre espaço para que mais pessoas possam se pronunciar sobre ele; apenas uma parcela decide a regra e a lei do qual o restante – diga-se de passagem, a maioria – deve obedecer.

O *discurso autorizado*, conceito trazido de Marilena Chauí por Citelli,<sup>163</sup> tem a ver com o discurso do especialista, por exemplo, que passa a falsa ideia de que o discurso burocrático-institucional, com sua "neutralidade" possui científicidade

---

<sup>161</sup> PERELMAN, 2004, p. 83.

<sup>162</sup> CITELLI, 2002, p. 32.

<sup>163</sup> Ibidem, p. 33.

suficiente para garantir a validação de alguma tese, pois quem afirma é um doutor, cientista, o executivo bem-sucedido, etc. Logicamente os que não possuem essa voz e as "competências" estão a margem. São vozes não ouvidas, impedidas de fazerem perguntas ou indagar a natureza de alguma coisa: "Autorizado pelas instituições, o discurso se impõe aos homens determinando-lhes uma série de condutas pessoais".<sup>164</sup>

A possibilidade de conseguir os efeitos da persuasão, mesmo na defasagem de alguma habilidade ou conhecimento, parece revelar que o tema é mais complexo do que apenas a sistematização e teorização do *como fazer* para persuadir. Em que plano psicológico e emocional a persuasão parece encontrar apoio para sua eficácia, apesar de uma ou outra dificuldade do orador? O que é necessário que a mensagem contenha para que seja eficaz? O discurso iurdiano é do tipo dominante, do qual uma parcela de bispos decide a lista de doutrinas para transmitir aos fiéis que devem obedientemente aceitar e incorporar, sem chance de contestá-la? O discurso do Bispo Edir poderia ser considerado um discurso autorizado, por ser aquele especialista que fala com Deus e obtém de Ele suas bênçãos como nenhum outro fiel, validando por completo seu discurso? Os estudos científicos de diversas áreas realizados sobre a persuasão a respeito das mensagens iurdianas também são do tipo autorizado, de onde o(s) especialista(s) fala(m) "fielmente a verdade" para "os que não possuem conhecimento" a fim de lhe abrirem os olhos do "terrível mal"? Essas são perguntas complexas que o trabalho não possui a pretensão de responder, apenas apontar para que nos incite a reflexão sobre o que até agora acabamos de expor.

Passaremos agora a compreensão de algumas especificidades do discurso religioso, no caso, iurdiano que se difere de outros os quais não contemplaremos nessa pesquisa.

#### A) Discurso religioso iurdiano

Antes de passar para a análise do material, mostra-se importante caracterizar como se estrutura o discurso religioso em geral e que se aplica quando pensamos o discurso iurdiano, para entendermos melhor a análise posterior, pois, por se tratar de

---

<sup>164</sup> Ibidem, p. 36.

um discurso religioso, é mister que tenha especificidades diferentes do que quando se pretende estudar um discurso poético, político, etc.

O discurso religioso está presente em quase todo o mundo e a concentração de estudos sobre ele não deixa nada a desejar: muitos teóricos se debruçam para entender as estratégias persuasivas no discurso religioso que chamam a atenção, sobretudo, por alcançar muitas pessoas para o cristianismo, por exemplo.

O discurso religioso é propriamente um discurso autoritário e, por excelência, persuasivo onde o receptor não tem qualquer chance de interferir e/ou modificar o que está sendo dito. Como bem lembra Campos e Vieira,<sup>165</sup> o diálogo vira um monólogo porque o orador, o pastor, o bispo ou qualquer outra autoridade religiosa é o porta-voz que apenas expressa a verdade inquestionável de Deus, portanto, esse emissor possui o poder pela palavra concedida do próprio Deus a ele. Em última instância, não há necessidade de comprovar o discurso, pois a fé no que está sendo dito é o suficiente para a comunidade religiosa "Os mandamentos de Deus, mesmo que representados por emissores diversos, mantêm seu caráter irrevogável como o discurso do Ser Maior. E o receio da pena imposta pela transgressão das leis de Deus justifica a submissão dos fiéis".<sup>166</sup>

Segundo Citelli, o discurso autoritário repete falas sacramentadas pela igreja, por exemplo, de onde o diálogo perdeu forças para o monólogo. A voz de Deus fica acima de toda e qualquer voz, inclusive a do pastor que é considerado apenas um "mero" porta-voz da palavra Divina. Mesmo assim, a persuasão se encontra refinada no seguinte sentido "Não deixa de ser uma situação curiosa estar diante da mais visível forma de persuasão e do mais invisível eu persuasivo!".<sup>167</sup> Talvez por isso exista, para o autor a "ilusão da reversibilidade" – conceito criado por Eni Orlandi – que é a crença do religioso de que é possível um processo de comunicação com Deus, dado que os representantes de Deus parecem falar com Ele diretamente ou de forma exclusiva, especial. Não há como interagir com Deus, segundo o autor, e é a ilusão de que isso é possível que sustenta, dentre tantas coisas já mencionadas, o discurso.

---

<sup>165</sup> CAMPOS, N. R. M. N.; VIEIRA, R. da C. A persuasividade no discurso religioso. **Linguagens: Revista de Letras, Artes e Comunicação**, Blumenau, v. 8, n. 1, p. 39-54, jan.-abr. 2014.

<sup>166</sup> Ibidem, p. 41.

<sup>167</sup> CITELLI, 2002, p. 48.

Um recurso muito utilizado para "comunicação com Deus" na IURD é através das músicas. Rodrigues<sup>168</sup> esclarece que os pastores se esforçam para criar um ambiente que induza a certo transe hipnótico (choros, orações, aplausos, etc.) a fim de que as pessoas exteriorizem sentimentos, desejos e outras expressões. O silêncio é ausente e, para o autor, o entusiasmo provoca catarse coletiva possibilitando alívio de tensões cotidianas. O êxtase na Universal é interpretado como manifestação do sagrado e se expressam com frequência através da glossolalia: "[...] procuram ter acesso à divindade (através de orações), para lhe comunicar seus anseios, medos e inseguranças [...] e, consequentemente, manifestar o desejo de adquirir 'poder' para derrotar o 'diabo'".<sup>169</sup>

Peña-Alfaro<sup>170</sup> contribui para a reflexão proposta elucidando que a IURD, além de assumir o lugar onde o próprio Deus fala ao fiel, confirma tal premissa com a realização de grandes feitos como os milagres (curador x curado) e exorcismos (bispo x endemoninhado) ocupando um lugar assimétrico em relação ao fiel que também reforça essa relação, fazendo ecoar de certa forma as relações do Antigo e Novo Testamento de onde isso era evidente, aumentando o poder persuasivo da igreja. Para o autor, o recurso à autoridade, à assimetria revela o elemento mais importante do discurso religioso que busca persuasão e sabemos que é eficaz, pois o discurso reveste-se de autoridade divina e apela a isso todo o tempo ganhando cada vez mais adeptos convictos. No mais, sustenta os papéis bem definidos de autoridade (divino) e subordinação (humano), pois "[...] a assimetria é o cerne das práticas sociais no interior das instituições religiosas [...]."<sup>171</sup> Apesar da necessidade em se manter a assimetria, aquele que discursa deve utilizar-se de jargões e expressões que possibilitem proximidade entre ele e os integrantes do grupo para maior eficiência comunicativa: ela deve acontecer de forma rápida e eficaz e evitar ambiguidades.<sup>172</sup>

Um dos temas mais importantes e significativos do discurso iurdiano é o *discurso pró-saúde* de onde muitos a procuram para obter o que precisa; e o

---

<sup>168</sup> RODRIGUES, 2011, p. 40.

<sup>169</sup> Ibidem, p. 165.

<sup>170</sup> PEÑA-ALFARO, 2005, p. 58.

<sup>171</sup> Ibidem, p. 57.

<sup>172</sup> Cf. CAMPOS; VIEIRA, 2014.

discurso econômico,<sup>173</sup> que busca prometer uma vida financeira próspera a fim de que o fiel recupere o que é seu por direito, já que é filho de Deus (a miséria é entendida como maldição do diabo). Não deixa de ser uma outra maneira de interagir com a divindade, pois se o indivíduo é filho de Deus, sente que merece “por direito” saúde, poder e riquezas a fim de certificar ao outro e a si mesmo que faz parte da divindade, de alguma maneira.

Em relação às metáforas, foi dito que são utilizadas pela igreja em larga escala e Peña-Alfaro elucida que o uso das que existem na Bíblia frequentemente articulam-se com as histórias particulares de cada um: no geral, todos têm um inimigo a vencer e um prêmio a alcançar. Isso não é pouca coisa, o que torna a Bíblia em si mesma um importante recurso que pode servir à persuasão.

Segue abaixo um texto retirado do Blog do Edir Macedo<sup>174</sup> sob o título “Vestidos, não nus” para ilustrar o que fora colocado agora, ou seja, um discurso que envolve o fiel na ideia de uma batalha a ser vencida, convocando-o a ser “guerreiro ousado e determinado” na luta contra o mal:

Somente **vestidos da Armadura de Deus** (Efésios 6.10), do Espírito Santo, é que teremos condições de ficarmos firmes, contra todas as ciladas do diabo, e também de resistirmos no dia mau, e, depois de **vencer tudo**, permanecermos inabaláveis.

É no dia mau que gememos, padecemos, sofremos as aflições em nome da nossa fé. Mas **uma vez vestidos**, tudo passa, tudo acaba, tudo termina.

Contudo, aqueles que se encontram **nus espiritualmente**, caem já na primeira cilada do diabo e não suportam o dia mau.<sup>175</sup>

A Universal cria, através desse recurso das metáforas, a ideia de participação e, segundo vimos na seção anterior, possui eficácia persuasiva por possuir linguagem simples, próxima, na qual é possível ser realizada uma associação entre o fiel e o texto (ou personagem do texto). Os problemas parecem simples de se resolver, pois basta ao fiel usar a “armadura de Deus”, seja lá o que isso queira dizer na prática.

---

<sup>173</sup> Esse discurso é conhecido como "Teologia da Prosperidade" e foi desenvolvida nos EUA em 1940. Não é um discurso exclusivo da Universal, mas uma combinação de outras tradições religiosas que possuem crenças sobre riqueza, cura, felicidade e outros (Cf. PEÑA-ALFARO, op. cit., p. 84).

<sup>174</sup> BLOG Universal. Disponível em:<<http://blogs.universal.org/bispomacedo/2015/05/24/vestidos-nao-nus/>>. Acesso em: 24 mai. 2015.

<sup>175</sup> Os grifos são meus para apontar uma ênfase de característica metafórica.

E, para finalizar, deve-se compreender que o discurso iurdiano possui variedade de gênero comunicativo como: rádio, televisão, jornal, Internet e livros criando um efeito persuasivo de outra ordem e que não podemos negligenciar: a *repetição do discurso*, capaz de convencer porque “martela” às mentes o que se pretende dizer a todo custo, seja na participação do fiel às correntes de oração (no geral, duram semanas e são insistentes); nos exorcismos (frequentes dos cultos), nas frases de efeito pronunciadas repetidamente em tom de autoridade, inseridas no ambiente emocional do culto (induzindo muitas vezes ao transe) em um clima propício e contagiente, etc. A ênfase da mensagem, sempre positiva da Igreja Universal, é colocada o tempo todo ao ouvinte legitimando-se como exclusivamente poderosa e capaz de ajudar as pessoas livrando-as de seus males.<sup>176</sup> Ela se oferece como solução e a repetição dessa ideia é, certamente, sedutora.

Neste capítulo, vimos como a retórica é importante nos estudos sobre a persuasão, alguns dos elementos que utiliza para isso, como a persuasão obtém eficácia em alguns processos, etc. E, por último, algumas características do discurso religioso, como sendo autoritário e, portanto, assimétrico; discurso pró-saúde e econômico, na ideia de que o fiel merece tais benção por ser filho de Deus; a ilusão da reversibilidade, a possibilidade de falar com Deus; a repetição, que pela insistência parece querer “realmente dizer alguma coisa importante” e os discursos recheado de metáforas (e outras figuras de linguagem) para convencer o fiel, sejam retiradas da Bíblia ou inventadas pelos bispos.

Perelman questiona e procura entender como se efetua, no entanto, essa passagem do comando para a persuasão e se pergunta que condições psicológicas são essas que favorecem tal passagem. Vimos até aqui mais ou menos como o discurso é montado para ser eficaz na persuasão, mas como isso efetivamente se dá? Que base psicológica faz prosperar as múltiplas formas de se realizar um discurso que vira a aderência de seu ouvinte? O que determina o impacto neste ou naquele auditório? Em que medida a forma implica no conteúdo de uma mensagem? São indissociáveis?

Como e por que o espírito crítico invade novas áreas? Por que certas críticas, em certas épocas, não têm alcance e outras, muito

---

<sup>176</sup> Cf. PEÑA-ALFARO, 2005.

parecidas às vezes, têm alcance revolucionário, em política, em ciência ou em religião? <sup>178</sup>

O autor expõe um problema de pesquisa bastante relevante e convida a psicologia, e mesmo a teoria psicanalítica, para analisar mais de perto esse campo de investigação que ele considera extenso e pouco explorado, assim como outras ciências que também podem ajudar a precisar uma noção melhor da problemática. Visto assim, buscaremos alguns materiais de apoio para a reflexão proposta desse trabalho para, posteriormente, tecermos algumas considerações à luz da teoria freudiana, que muito pode contribuir para nossa compreensão sobre a eficácia persuasiva do discurso religioso iurdiano.

---

<sup>178</sup> Cf. PERELMAN, 2004.

### CAPÍTULO III- Análise do material coletado no universo iurdiano

“A tua palavra é lâmpada que ilumina os meus passos e luz que clareia o meu caminho” – Salmos 119:105.

Pretende-se, através da análise do conteúdo dos materiais coletados, compreender como o discurso iurdiano se estrutura, como o emissor (bispo e/ou instituição) fala ao seu ouvinte/receptor que é o fiel ou o leitor que procura saber sobre a IURD; como o discurso está colocado e o que pretende enfatizar: quer convencê-lo do quê? Quer persuadi-lo a fazer o quê? No mais, entender como discursam e o que podemos encontrar nesses materiais que nos revele o porquê de sua eficácia.

A análise de conteúdo<sup>179</sup> visa ajudar o pesquisador a explorar, no presente caso, qualitativamente, as mensagens e informações contidas em qualquer documento: no jornal, livros, relatos, revistas, fotografias, cartazes, cartas etc., ou seja, qualquer material de comunicação verbal ou não-verbal. Essa metodologia é usada basicamente para descrever e/ou interpretar o conteúdo de documentos e textos considerando o emissor (quem fala?), mensagem (para dizer o quê? com que finalidade? de que modo?) e receptor (a quem?) nessas investigações. De certo modo, essa leitura (nos três vieses) será contemplada através dos materiais coletados e que levará em conta primeiramente os conteúdos manifestos para dirigirmo-nos, posteriormente, ao conteúdo latente “[...] chegando, às vezes, a captar algo de que nem o autor tinha consciência plena”.<sup>180</sup>

A análise de conteúdo quer ir ao encontro da descoberta do que está por trás do discurso aparente, pois parte da premissa de que existe algo que convém descobrir que ainda não está claro. A persuasão está contida no discurso dos materiais coletados, mas é preciso debruçar-se sobre eles a fim de dissecarmos cada parte, desde as cores utilizadas de um folheto à entonação de voz em uma pregação. Os tipos de discursos, as técnicas persuasivas mais utilizadas, as metáforas, os jargões, o *éthos*, *páthos* e *logos* tudo o que já foi explicado servirá de base para a compreensão da mensagem. Agora será possível, nestes materiais,

---

<sup>179</sup> MORAES, R. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p.7-32, 1999.

<sup>180</sup> Ibidem, p.10.

averiguarmos o que já foi discutido para pensarmos mais propriamente na eficácia do discurso.

#### A) Os folhetos

Abaixo, serão apresentados três exemplos de folhetos encontrados em um site chamado IURD Gráfica.<sup>181</sup> Basicamente, um site que divulga folhetos, mas que também apresenta em sua página *links* e mensagens sobre os episódios da Rede Record, vídeos, últimas informações da semana, entre outros. Todas as mensagens são relacionadas à IURD.



Imagen 1 – Folheto “A profecia de Deus x A profecia do Diabo”

O receptor do folheto 1 parece ser qualquer pessoa. A princípio, pode-se pensar que um cristão da IURD entenderá melhor o que denominam ser “A profecia de Deus” e “A profecia do Diabo” do que um ateu ou leigo no assunto, mas, no geral, não interfere em nada na compreensão da mensagem proposta no folheto, que aparece de forma clara e com imagens tão bem definidas e estigmatizadas. A mensagem do folheto 1 mostra, em linhas gerais, que se o indivíduo passa por miséria, vida sentimental assolada, doenças ou família destruída é porque não recebeu de Deus sua profecia. Pior, recebeu a profecia do Diabo. Ou seja, não

<sup>181</sup> IURD Gráfica. Disponível em:<<http://iurdgrafica.blogspot.com.br/2014>>. Acesso em: 30 abr. 2014.

receber a profecia de Deus é sinal de que inúmeras circunstâncias ruins podem afigir o indivíduo e que, para piorar, são feitos do Diabo. No entanto, quem tem saúde, família feliz, vida financeira próspera e sentimental abençoada é porque recebeu a profecia de Deus.

A voz que fala através do folheto é a imagem e instituição da IURD de forma clara e simples a qualquer receptor. Tem a finalidade de, no geral, revelar as duas polaridades de forma bem definidas: *ter ou não ter* bens e/ou aquilo que faz uma pessoa feliz e realizada versus *ter ou não ter* uma profecia, em um dualismo entre Deus x Diabo. O folheto mostra critérios e imagens bem claras ao leitor que o estiver lendo, pois facilita a compreensão do indivíduo para identificar em qual dos “quadrados” se encontra: nos que têm a profecia de Deus, ou nos que têm a profecia do Diabo.



Imagen 2 – Folheto “O grande descarrego financeiro”

Neste segundo folheto, a mensagem principal se refere e tem por objetivo libertar, expulsar e lançar para fora o mal que pode estar assolando a vida financeira

dos fiéis. Parece ser dirigido a qualquer trabalhador que tenha problemas com essa área. O modo pelo qual revela tais intenções encontra-se nos elementos trigo, sal e água, expressos no folheto, que remetem à ideia de uma fórmula capaz, através de um ritual, de fazer este expurgo nas finanças. É um exorcismo disfarçado, velado, com referências à umbanda. No meio do folheto, encontra-se escrito “*Traga sua ferramenta de trabalho ou produto com que trabalha para receber o descarrego financeiro*”, ou seja, o indivíduo precisa levar algo do seu trabalho no dia estabelecido a fim de se fazer uma conexão do objeto com as finanças, partindo do concreto para algo mais simbólico. Para maior embasamento, foi colocado um versículo bíblico de João 10:10, no qual tem-se a mensagem de que aqueles que têm vida, devem tê-la em abundância, isto é, que fiquem livres de impedimentos, coisas ruins e dificuldades na área financeira que, supostamente, dificultam a abundância, por isso o objetivo de blindar esta área para mantê-la intacta de coisas ruins. Abaixo, no folheto, a mensagem sobre uma “*Nação de Vencedores*” indica a ideia de que, se você quer ser um vencedor, precisa cuidar de suas finanças e, para isto, ir ao culto destinado ao descarrego.



Imagen 3 – Folheto “O dia P”

Neste terceiro folheto, há uma convocação para o dia “P”. Bem marcante, primeiramente, pela criação usada com cores e efeitos bem marcados e porque, diferentemente dos outros folhetos, há uma mensagem do Bispo Macedo que fala diretamente ao leitor, concluindo que “*quem pegar*” (ou seja, é alcançável) “*o espírito desta profecia*” (que ele não diz, mas pode-se inferir que vai dizê-la e/ou profetizá-la no dia 11 de maio), vai conseguir os benefícios da profecia, por ora enigmática. A transcrição da fala do bispo mostra-se maior e ganha o centro no corpo do folheto do que, propriamente, o versículo bíblico. O versículo no folheto diz o seguinte: “*PROFETIZEI, como Ele me ordenara, e o espírito entrou neles, e viveram e se puseram em pé, um exército sobremodo numeroso... Porei em vós o Meu Espírito, e vivereis, e vos estabelecerei, na vossa própria terra. Então sabereis que Eu, o SENHOR, disse isto e o fiz, diz o SENHOR... Ezequiel 37*”. O versículo começa com o verbo “Profetizei” no passado, indicando que alguém da Bíblia profetizou algo e, por isso, conseguiu um exército numeroso. Depois, termina o versículo dizendo que Deus coloca “em vós”, ou seja, em qualquer um, o Seu Espírito que fará com que seus filhos vivam e se estabeleçam em sua própria terra. Viver e estabelecer, provavelmente, fazendo alusão aos benefícios vivenciados na terra tal como alguém profetizou na bíblia e conseguiu um exército. A princípio, o folheto dirige-se a qualquer pessoa.

De modo geral, os três folhetos fazem alusão à ideia de que, se você fizer *tal* coisa, terá *tais* benefícios.

### Análise dos folhetos

A análise a seguir seguirá a ordem acima colocada, sendo analisado primeiro o “folheto 1”, depois o “folheto 2” e, por último, o “folheto 3”.

No primeiro folheto, pode-se perceber que houve uma intenção do emissor em fazer uma comparação, por isso uma divisão visível do material em duas partes. O conteúdo do folheto supõe que existam dois tipos de profecia: a de Deus e a do Diabo. Deus, como sendo o que faz coisas boas, e o Diabo, as coisas ruins. Não revela nenhum “meio termo”, mas polaridades muito bem definidas. Além de ter duas colunas para comparação, o folheto mostra quatro situações (quantidade suficiente para passar a mensagem sem ficar cansativo) “boas” e “ruins” com imagens da classe média um tanto clichês (família heterossexual com dois filhos,

mansão etc.) seguidos de uma palavra ou frase a fim de facilitar a compreensão do leitor. No contexto social, é válido lembrar que são ideais que todo indivíduo almeja alcançar e que, supostamente, podem ser obtidos mediante algum esforço individual.

A mensagem principal que o folheto procura retratar diz respeito a profecias de bênçãos materiais possíveis de serem conquistadas, e não espirituais, trazendo a ideia de que se você tem “família feliz, prosperidade, vida sentimental abençoada e saúde”, você recebeu a profecia de Deus (aqui a mensagem recai diretamente sobre as dimensões racionais de bom/mal, justo/injusto, etc.).

Sabe-se, de modo geral, que poucas pessoas se encontram com as quatro condições, colocadas no folheto, em vigor em suas vidas. São situações que envolvem a fragilidade do ser humano e, portanto, o real desejo de almejá-las e conquistá-las, a fim de viver uma vida feliz, com prazer, etc. Para se obter essas situações de prosperidade emocional, familiar, sentimental e de saúde, é preciso ter a profecia de Deus, sendo Ele capaz de prover, por ser bondoso e Pai, tais desejos.

O folheto não explica como conseguir a profecia, apenas retrata o perfil de quem a possui ou não. No entanto, ninguém vive as situações consideradas boas e perfeitas do folheto de forma plena. Saúde, felicidade e prosperidade são categorias complexas que variam para cada ser humano. Além do que, nada é tão estático, o ser humano oscila entre doença e saúde, entre felicidade e tristeza, isso a todo o tempo. Aqui jaz o perigo. Se por algum momento o leitor perceber que vive uma situação difícil em sua família, um filho com problemas de alcoolismo, por exemplo, achará que recebeu a profecia do Diabo. Se tiver diabetes, pensará o mesmo. Diante disso e, apesar do leitor fazer suas considerações mais ponderadas a respeito do folheto, possivelmente terá a sensação de que é um sofredor, perdedor e que não consegue alcançar a profecia de Deus, pois, do contrário, estaria melhor. Pode acontecer de surgir no indivíduo, principalmente no cristão, um sentimento de culpa, impotência (pois acredita na influência direta de Deus e do Diabo em sua vida) e sofrimento. Neste momento, a eficácia da persuasão, que atingiu os limites mais racionais, passa para a dimensão emocional do sujeito.

Existe, nesse folheto, a noção de que é possível modificar a situação de um aspecto a outro, da pobreza à riqueza, da doença à saúde etc., basta confiar na IURD que “facilita” a reflexão do leitor, ajudando-o a perceber se tem a profecia de um ou de outro, a fazer um *check-list* do que consta ou não na sua vida e chamá-lo

imediatamente à resolução do problema, sem meio termo para as polaridades, o que faz lembrar o versículo bíblico de Apocalipse 3:16: “Assim, porque você é morno, não é frio nem quente estou a ponto de vomitá-lo da minha boca”.<sup>182</sup> O equilíbrio entre a vida boa e a vida infeliz pode ser visto, pelo fiel, como um meio termo não muito aceitável, já que é capaz de ser vomitado por Deus, que não aceita o “meio termo”, ou seja, ou você vive lá ou cá.

No Folheto 2, é possível perceber que a chamada mais atrativa está na palavra “financeiro”, escrita em dourado, obviamente, remetendo à cor do ouro (dimensão racional da mensagem). Por estar tão visível, já de imediato percebe-se que o tema central tem a ver com as finanças. Depois, entende-se que se trata de um descarrego financeiro. Descarrego remete à ideia de que há demônios ou influências ruins que podem atuar na área financeira do indivíduo, ou seja, convoca o leitor para o ato de limpar, tirar, trazer libertação desses males nessa área da vida. Revela, de certa forma, que a IURD se preocupa com a questão financeira dos fiéis e faz um culto específico para tratar dessa temática. Se a igreja pressupõe tirar algo ruim ou expulsar a ação demoníaca que prejudica as finanças dos indivíduos, logo, tem como válida a premissa de que tais espíritos realmente são capazes de influenciar diretamente a vida financeira de qualquer um e que é possível, através do culto correspondente, livrar-se desse mal.

Outro destaque importante do folheto está nas imagens do trigo, sal e água. O descarrego em questão será feito através dos elementos citados como sendo uma “fórmula” para se obter o fim desejado. Sal e água aparecem como elementos de purificação e o trigo, de fartura. Pode-se pensar que a IURD destaca esses elementos na imagem do folheto para facilitar a visualização e compreensão rápida do leitor. Não fica etéreo, mas algo possível de ser realizado e no qual o trabalhador poderá realizar. Basta que o indivíduo faça o que a igreja pede e que leve um objeto concreto de seu ambiente de trabalho, tal como um amuleto, para fazer conexão do material com algo espiritual e, então, tornar possível obter o expurgo do mal. Abaixo do folheto, há o escrito “*Nação dos vencedores*”, o que faz pensar que, para ser um vencedor, é preciso ter suas finanças em dia e sem influência do mal. É plausível supor que, sendo o fiel filho de Deus, logo, não pode ser pobre ou ter dificuldades

---

<sup>182</sup> BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**: nova versão internacional (1993-2000). São Paulo: Sociedade Bíblica Internacional, [s.d.], p. 959.

com dinheiro, pois é herdeiro (indireto) das riquezas do mesmo. Os problemas na área financeira, portanto, não tem a ver com o indivíduo que gasta muito, não sabe administrar suas contas ou algo do tipo, mas do Diabo que, implicitamente, quer sempre destruir e destituir aquilo que Deus quer dar aos seus filhos. Por outra via, sempre um duelo presente, mas disfarçável, entre Deus e o Diabo para interesses próprios, e o fiel tendo que se proteger das consequências disso, indo aos cultos, realizando a fórmula, orando, expulsando etc., isto é, ajudando Deus na empreitada cansativa de desviar o mal ou mesmo o maligno desse fiel que almeja alcançar suas bênçãos merecidas. Esse é um bom exemplo do discurso econômico mencionado no capítulo anterior.

Por último, não menos importante, percebe-se o versículo bíblico, em letras pequenas e de traçado fino, confirmando a intenção da igreja, dando credibilidade à sua chamada para o descarrego financeiro, revelando, em sua frase, que Jesus veio para dar em abundância. No caso do folheto, o verbo “*dar*” refere-se, provavelmente, às questões ligadas ao dinheiro e/ou área financeira. Logo, Jesus veio para que o indivíduo também tivesse prosperidade financeira em abundância, segunda essa lógica. Vale ressaltar que, no caso de folhetos, o versículo escrito isoladamente do contexto do capítulo bíblico pode educar os fiéis na crença de que é possível, segundo circunstâncias próprias, retirar desse mesmo livro uma frase que dê suporte para alguma afirmação particular, ou seja, a bíblia como um compêndio de respostas para questões e problemas pessoais.

Um fato curioso: dia 21 de abril é feriado de Páscoa, quando os cristãos comemoram a ressureição de Jesus com cultos e/ou festas específicas para lembrar esse dia bíblico. No entanto, o foco do culto que ocorreu no dia 21 de abril foi outro, o de descarrego financeiro (conforme descrito no folheto) que revela, de certo modo, a prioridade do discurso da igreja.

O folheto 3 tem aparência mais “*clean*”, estimulando a curiosidade do leitor, falando de “Um grande dia” no qual será revelado algo importante. O “Dia P” faz suspense, pois a letra “P” parece estar prestes a pegar fogo, ou sugere algo que vem de outra dimensão, com fumaças, por exemplo. Para maior aderência ao culto, coloca-se uma frase do próprio Edir Macedo: “*quem pegar o espírito [...] agarrará os benefícios*”. Pegar e agarrar são palavras que indicam ações possíveis de serem feitas por qualquer ser humano. Espírito e benefícios fazem alusão ao espírito que trará as benesses. É como se uma frase enfatizasse a outra. No entanto, ninguém

sabe que profecia é essa, não é revelada no folheto, apenas dito que será explicada e se tornará visível no dia 11 de maio. O mistério e o suspense, largamente utilizados em filmes e novelas e observados nesse folheto, captam a atenção do leitor que deseja “saber do que se trata”, estimulando eficazmente a sua imaginação e curiosidade.

Esse folheto retrata, de certa forma e assim como os outros, a mesma ideia de que o indivíduo sempre precisa fazer algo, como levar uma ferramenta de trabalho, profetizar, pegar o espírito, etc., para conquistar o que se deseja. São ações solicitadas ao fiel, apesar de mensagens pouco claras que escamoteiam a *priori* o como fazê-las. Em outras palavras, mostra que o indivíduo precisa fazer primeiro o que solicitam, o que ensinam, para, depois, apontar para o que ele irá ganhar quando o fizer. Não dizem como, mas induzem através do discurso, que o leitor procure a IURD mais próxima para saber do que se trata.

O versículo bíblico usado no folheto 3, escrito com letras pequenas e linhas fracas em cima de uma Bíblia com raios saindo dela – mostrando o “poder” que a mesma possui – foi recortado, em partes, de sua versão original. Segue o texto na íntegra, de Ezequiel 37:1-14, para maior compreensão do texto bíblico. Em negrito estará o recorte descrito no folheto:

Veio sobre mim a mão do Senhor e o Senhor me levou em espírito, e me pôs no meio de um vale que estava cheio de ossos. E me fez andar ao redor deles. E eis que eram mui numerosos sobre a face do vale, e estavam sequíssimos. E me disse: Filho do homem, poderão viver estes ossos? E eu disse: Senhor Jeová, tu o sabes. Então me disse: Profetiza sobre estes ossos, e dize-lhes: Ossos secos, ouvi a palavra do Senhor. Assim diz o Senhor Jeová a estes ossos: Eis que farei entrar em vós o espírito, e vivereis. E porei servos sobre vós, e farei crescer carne sobre vós, e sobre vós estenderei pele, e porei em vós o espírito, e vivereis; e sabereis que eu sou o Senhor. Então profetizei como se me deu ordem. E houve um ruído, enquanto eu profetizava; e eis que se fez um reboliço, e os ossos se juntaram, cada osso ao seu osso. E olhei, e eis que vieram nervos sobre eles, e cresceu a carne, e estendeu-se a pele sobre eles pó cima; mas não havia neles espírito. E ele me disse: Profetiza ao espírito, profetiza, ó filho do homem, e dize ao espírito: Assim diz o Senhor Jeová: Vem dos quatro ventos, ó espírito, e assopra sobre estes mortos, para que vivam. **E profetizei como ele me deu ordem; então o espírito entrou neles e viveram, e se puseram em pé, um exército grande em extremo.** Então me disse: Filho do homem, esses ossos são toda a casa de Israel. Eis que dizem: Os nossos ossos se secaram, e pereceu a nossa esperança; nós estamos cortados. Portanto profetiza, e dize-lhes: assim diz o Senhor Jeová: Eis que eu abrirei as vossas sepulturas, e vos farei sair das vossas sepulturas, ó povo

meu, e vos trarei à terra de Israel. E sabereis que eu sou o Senhor, quando eu abrir as vossas sepulturas, e vos fizer sair das vossas sepulturas, ó povo meu. **E porei em vós o meu espírito, e viverei, e vos porei na vossa terra; e sabereis que eu, o Senhor, disse isto, e o fiz, diz o Senhor.**

No folheto, dá-se a entender que se o indivíduo profetizar (qualquer um pode fazê-lo a princípio e não há restrição aparente), até um exército poderoso é capaz de existir por esse ato profético. O indivíduo viverá na Terra, Deus disse que o faria e fez, portanto, não resta dúvida de que no culto também o fará, pois resolveu isso na Bíblia. No entanto, quando lemos alguns versículos a mais da Bíblia, entendemos que se trata de um ato profético no qual Deus manda Ezequiel profetizar a um vale de ossos para que, após tal ato, eles voltassem à vida. Eram tantos que parecia um exército aos olhos do profeta (provavelmente tratava-se de uma visão). Tudo isso para Deus mostrar que Israel era, tal como aquele vale de ossos, um montante de pessoas mortas, as quais Ele faria “reviver”, tal como fez com os ossos secos, em visão a Ezequiel, através da sua palavra profética. O ato de profetizar é fundamental, seja em uma interpretação ou em outra.

É interessante frisar que, na Bíblia, quem profetizou foi Ezequiel, um profeta. No dia “P” (conforme o folheto, no dia 11 de maio), quem profetizará para todas as igrejas Universais do planeta será Edir, obviamente através de alguma mídia. Ele se coloca como sendo um profeta da categoria de Ezequiel e, portanto, podendo realizar o mesmo feito que ele: trazer à vida os ossos secos. Os “ossos secos” remetem à noção de que a profecia é tão grande e forte que atuará sobre qualquer problema individual, já que não existe nada mais “grandioso” do que trazer mortos à vida através da palavra. Sendo assim, cria a promessa de que não importa como o fiel está, o que ele profetizar será suficiente para tirá-lo do sofrimento, fazendo-o “reviver”. A garantia do serviço está no fato de que o próprio Deus, como descrito no versículo bíblico destacado no folheto, colocará em Edir o seu próprio espírito, na sua própria terra – não à toa o culto será o mesmo em todas as IURDs do “planeta” – e todos saberão que Deus o colocou a seu serviço porque é ungido e diferenciado dos demais. Não há margem alguma para que o fiel não acredite no que Edir profetizar, pois ele tem o próprio espírito de Deus para isto. Sendo assim, se o fiel duvidar do espírito da profecia, dos milagres ou qualquer coisa, não estará somente duvidando de Edir, mas do próprio Deus (além do que, não terá os benefícios da

profecia). Esse é um exemplo claro de discurso autoritário/assimétrico, também mencionado no capítulo anterior.

O suspense deste dia “P” está associado, implicitamente, a crença de que o dia trará benefícios inimagináveis ao fiel através das profecias de Edir, como sendo um porta voz direto do próprio Deus. Se o fiel for inteligente, pegará os benefícios da profecia, ou seja, se fizer o que Edir falar, pedir, ordenar, implorar, etc., será um fiel honroso e obediente porque seguiu as orientações do Bispo, ou seja, de Deus.

Em última instância, todos querem mostrar a Deus o quanto são honrados, obedientes, humildes, bondosos e, se para isso é necessário que se vá ao culto e faça o que lhes será pedido, então os fiéis irão fazer, pois ser obediente é agradar a Deus e ser um cristão honroso (gerando através dessa ideia um apelo às emoções). Caso sujeitem-se ao profeta (Edir) que estará inspirado pelo próprio Deus, mostrarão esse dom e, então, poderão ter os benefícios. Uma coisa pela outra. Uma troca na qual ambos saem ganhando.

## B) Blog

Além do site da gráfica, é possível encontrar na Internet o blog do bispo Edir Macedo<sup>183</sup> que contém mensagens criadas por ele e pelos principais bispos da IURD, postadas todos os dias da semana. Nele, também é possível encontrar vídeos de cultos, de algum testemunho pessoal de fiéis da igreja e do próprio bispo Macedo. É de grande importância ressaltar que, ao final de cada *post*, há comentários dos fiéis sobre a mensagem do dia. Abaixo, segue umas delas, postada no dia 5 de maio de 2014, com o título “Provado pela Palavra de Deus” e alguns comentários dos fiéis que realizaram a leitura do *post*:

### (1) “Havia uma profecia envolvendo José...”

*Então, eram eles em pequeno número, pouquíssimos e forasteiros nela; andavam de nação em nação, de um reino para outro reino. A ninguém permitiu que os oprimisse; antes, por amor deles, repreendeu a reis, dizendo: Não toqueis nos Meus ungidos, nem maltrateis os Meus profetas. Fez vir fome sobre a terra e cortou os meios de se obter pão. Adiante deles enviou um homem, José,*

<sup>183</sup> BLOG Universal. Disponível em:

<<http://blogs.universal.org/bispomacedo/?s=Provado+pela+Palavra+de+Deus>>. Acesso em: 7 mai. 2014.

**vendido como escravo; cujos pés apertaram com grilhões e a quem puseram em ferros, até cumprir-se a profecia a respeito dele, e tê-lo provado a palavra do Senhor. O rei mandou soltá-lo; o potentado dos povos o pôs em liberdade. Constituiu-o senhor de sua casa e mordomo de tudo o que possuía, para, a seu talante, sujeitar os seus príncipes e aos seus anciãos ensinar a sabedoria. Salmo 105.12-22**

**(2)** Havia uma profecia envolvendo José. Era algo grande, que expressava a soberana vontade de Deus com relação ao Seu povo. Mas, para que a profecia se cumprisse, José **tinha** que ser aprovado na prova da Palavra do Senhor. O que é a prova da Palavra do Senhor? É aquilo que se **faz** para provar que se **crê** nela. O sacrifício é a maior expressão de fé ou crença. **(3)** O que José tinha para sacrificar a Deus? O seu sacrifício era manter a sua crença na profecia, visível diante de Deus. No sonho que teve (profecia), todos os seus irmãos (a maioria era de mais velhos), incluindo seus pais (Jacó e Raquel), iriam se “curvar” diante dele, em reverência. Porém, o que ele vivenciou, a princípio, foi algo completamente diferente. José se tornou escravo e depois prisioneiro. **(4)** Aparentemente, ele ficou mais longe do cumprimento da profecia, e essa é a mesma sensação que temos quando sacrificamos o que a nossa fé demanda. **(5)** Porém, ele guardou, e não apenas guardou, mas materializou a fé na profecia, até que ela fosse cumprida. Quando a profecia foi cumprida, ele se tornou o homem mais influente do mundo conhecido naquela época, não apenas vendo seus irmãos, pais e todos os homens mais poderosos daquela época se curvando diante dele, mas até Faraó lhe dava crédito total e simplesmente dizia: “Seja feito como tu dizes!” **(6)** Quando a profecia de Deus se cumpre, ela acaba nos surpreendendo, pois é maior que tudo que imaginamos e pensamos.

Então, fica aqui provado que a profecia é para aquele que crê, como lemos em 1 Coríntios 14.22: **mas a profecia não é para os incrédulos, e sim para os que creem**”.

Seguem alguns comentários dos fiéis:

**Mensagem da J.** Um dia eu recebi uma profecia isso parece impossível e ainda não aconteceu... mas isso arde dentro de mim por mais difícil que esteja por mais longe que parece estar de se cumprir MAS NÃO DUVIDAREI. Na FÉ. (postada dia 6 de maio de 2014 às 11h23min).

**Mensagem de A.** Bom Dia, Bispo! É mesmo, Bispo; no dia a dia da gente, somos provados e às vezes em mais de uma vez no dia, e se não fizermos uso da fé; Nos perdemos. É um momento raro, momento único o cumprimento da profecia; Eu tenho algumas profecias guardadas comigo, pois ainda não se cumpriram todas. (postado dia 6 de maio de 2014 às 10h).

Para não ficarmos apenas com um exemplo, faz-se necessário mais um *post* do blog. No mesmo mês, em maio, encontra-se outra mensagem com o título “Ao que crê, basta...”:

**(1)** “... mas apenas manda com uma palavra, e o meu rapaz será curado.”

**(2)** Muitas vezes somos procurados por pessoas que acreditam que o milagre e a mudança só virão se elas receberem tratamento especial, em conversas prolongadas com o “Profeta”. **(3)** Elas chegam a perguntar se estamos com tempo para ouvi-las, pois o problema delas é muito grande! **(4)** Estão diante de um “Profeta” que tem autoridade para mudar, e se satisfazem com um “psicólogo”, que não resolve nada. Quando, na realidade, aos que creem basta uma palavra (profecia). **(5)** *Senhor, o meu criado jaz em casa, de cama, paralítico, sofrendo horrivelmente.* Jesus lhe disse: *Eu irei curá-lo.* *Mas o centurião respondeu:* Senhor, não sou digno de que entres em minha casa; *mas apenas manda com uma palavra (profecia), e o meu rapaz será curado.* Pois também eu sou homem sujeito à autoridade, tenho soldados às minhas ordens e digo a este: vai, e ele vai; e a outro: vem, e ele vem; e ao meu servo: faze isto, e ele o faz. *Ouvindo isto, admirou-Se Jesus e disse aos que O seguiam: Em verdade vos afirmo que nem mesmo em Israel achei fé como esta.* Mateus 8.6-10. **(6)** Quando a pessoa pensa, a ficha cai rápido. Mesmo sendo romano, vindo de uma nação idólatra, ele só precisou usar a cabeça, a Fé inteligente para tomar posse da Profecia!

Alguns comentários do *post* acima descrito:

**Mensagem de J.** Eu CREIO, por isso que sacrifico, estou na fé do dia 11 de maio (postado dia 5 de maio de 2014 às 14h49min).

**Mensagem de C. S.** “arrebento muito forte” (postado dia 3 de maio de 2014 às 17h11min).

No *post* do título “Provado pela fé”, encontra-se, novamente, o tema da profecia. Nela, é contada a história de José, relatada na Bíblia, e o quanto este sujeito, para ser aprovado, teve que ter fé. Na verdade, o esquema do pensamento utilizado é o seguinte: o indivíduo precisa fazer algo para mostrar que crê. Se crê, precisa sacrificar-se pela fé. Esta fé é fé na profecia. Se tiver fé na profecia, poderá tornar-se alguém de grande influência ou obter o que deseja, assim como José conseguiu ser o homem mais “influente do mundo”. Nos comentários dos fiéis, há pessoas que dizem ter recebido alguma profecia ainda não cumprida em suas vidas, mas que esperam firmes tais concretizações e entendem que apenas com o uso da fé será possível que se realizem.

No *post* “Ao que crê, basta...”, encontra-se a história de um centurião, um soldado que pede a Jesus um milagre ao seu criado que está morrendo. Pede que Ele apenas diga que seu criado seja curado, pois tem fé em suas palavras e no poder de curá-lo, mesmo à distância. O soldado acredita nessa possibilidade. Diante da história, o *post* do dia procura mostrar ao leitor que não há necessidade de procurar algum especialista para resolver os problemas pessoais, apenas crer na profecia. Ao mesmo tempo, mostra indignação com fiéis que estão diante de um “Profeta” que tem condições de fazer mudar a situação da pessoa, mas que procuram outros profissionais como o psicólogo. Termina dizendo que o soldado usou a cabeça – indicando que muitos fiéis não o fazem –, ou seja, a fé, que novamente aparece como condição que precede a profecia, para tomar posse da bênção profetizada, semelhante à história do centurião que mostrou que as palavras de Jesus vieram seguidas da cura do servo.

Em um dos comentários, é possível perceber que um dos sujeitos escreveu que crê, em letras grandes, que se sacrifica e tem fé. Ou seja, a mesma lógica do *post* anterior: crer, seguido pelo sacrifício através fé que levará a profecia e, portanto, a bênção esperada. O outro comentário mostra o quanto a mensagem o tocou fortemente.

### Análise dos posts.

Para melhor compreensão, foram numeradas algumas linhas do *post* para melhor localização a fim de que seja fácil e rápido o encontro do que será explanado e a frase ou conteúdo descrito.

De acordo com a ordem dos *posts*, segue a análise do primeiro intitulado “Provado pela palavra de Deus”. O *post* começa com uma história retirada da bíblia (ver numeração 1). A história refere-se a José que fora, antes de ser importante no Egito, escravo. Na citação do blog, algumas palavras estão em negrito com intenção de enfatizar a condição especial e divina que profetas eventualmente possuem “*Não toqueis nos Meus ungidos, nem maltrateis os Meus profetas*”. É sabido até então que alguns bispos da IURD intitulam-se como profetas, ungidos do Senhor. Depois eles colocam em negrito “*José, vendido como escravo [...] até cumprir-se a profecia a respeito dele, e tê-lo provado a palavra do Senhor. O rei mandou soltá-lo*”. Não parece ser à toa que tal grifo tenha sido destacado no texto onde tal “percurso” da

profecia parece seguir um roteiro: primeiro você tem que ter alguma profecia. Em seguida, vem a parte do sacrifício, ou seja, algo penoso e difícil que o fiel deve passar, sofrer e/ou considerar para conseguir o que se deseja ou o que lhe foi profetizado. Por último, crer que logo essa profecia chegará, portanto, ter fé de que ela de fato existe e que só no final do caminho árduo a receberá. José sofreu bastante, como relata a história bíblica, para obter sua recompensa que foi ser o governador do Egito, cargo de extrema confiança do faraó da época. A história escolhida para ilustrar a situação não foi qualquer uma, mas a de um homem que outrora fora comum, um pastor de ovelhas, que se torna escravo e, depois, para o ápice do extremo, governador do Egito. Remete à ideia, mesmo que distante, de que qualquer um, qualquer fiel pode dar esse salto na vida se seguir corretamente os mesmos passos, assim como José conseguiu e se tornou um grande homem.

Na numeração 2, encontra-se a explicação da história de José e o “como fazer” para que a profecia se cumpra na vida do fiel, na fórmula que é “fazer” para provar que se “crê” na profecia, sendo este “fazer” o ato do sacrifício. Não fica claro ao leitor de que sacrifício se trata, o que é preciso sacrificar para mostrar que se crê na profecia, que também é algo misterioso. No entanto, se o discurso mostra que para se ter a profecia e mostrar que crê nela é preciso sacrificar, haverá muitos fiéis “sacrificando” todo o tempo para conseguir o que se deseja e mostrar que tem fé. Uma pergunta caberá: existe uma real compreensão do que é preciso sacrificar? O que será que o leitor entende de tais afirmações? Não há, certamente, uma resposta, mas a mensagem sugere que é dever do fiel assim fazê-lo para obter o que deseja e a resposta disso está, provavelmente, nas reuniões semanais e de posse dos bispos. Talvez o blog não queira trazer à luz ou revelar os detalhes, mas aguçar, propor uma fórmula, indicar que existe um “como fazer” sem dar as pistas para isto, mas deixando a isca de que apenas na IURD é possível que se encontre a maneira.

Na numeração 3, mostra que o sacrifício de José foi manter sua crença na profecia. A profecia de José lhe fora revelada através de sonhos nos quais via sua família curvando-se diante dele. Seu sacrifício estava em não desanimar do conteúdo do sonho, da possibilidade de uma futura exaltação, mas crer que lhe aconteceria, mais cedo ou mais tarde, em algum momento de sua vida. Mostra que apesar de ele ter se tornado escravo, ter sido humilhado, ele creu que um dia o que ele sonhara aconteceria e que foi por isso, por crer na profecia, que ele obteve a

plenitude da mesma. A história de José escolhido para o *post* indica, de alguma forma, que é possível ter um sonho alto e/ou grandioso (neste caso, não sonhar literalmente como José sonhou, mas ter um sonho de vida a ser almejado) e que é possível de ser realizado tal como o de José, bastando ter fé de que acontecerá (a responsabilidade pela concretização do sonho dependendo quase que exclusivamente do fiel), gerando nele a esperança, mesmo mínima, de se dar bem como José.

Na numeração 4, tem-se a história de José como sendo uma realidade para muitos fiéis que sacrificam o que a fé demanda. Na verdade, parece insinuar que existe um processo para que uma profecia se cumpra na vida de alguém. Assim como José, pode ser que o processo para se conseguir a concretização da profecia seja amarga no início para, depois, ser possível conquistá-la. O mais importante é que se creia na profecia recebida. A dúvida, neste caso, é vista como impedimento para se conseguir as bênçãos e privilégios que a profecia garante.

Na numeração 5, a mensagem aponta que José não só guardou a fé como a materializou na profecia e esperou até que fosse cumprida. Nesse trecho, mostra claramente a ideia de que se o fiel fizer tudo direito e conforme explicado, ele poderá gozar de grandes feitos da profecia para muito além do que fora profetizado. José, no exemplo, sonhou que sua família se curvava diante dele, mal sabendo que seria o governador do Egito, muito mais esplendoroso do que poderia supor. E, se foi assim com José, será assim com o fiel que crer. Com tal configuração, fica fácil a culpabilização no indivíduo que, caso não receba a profecia, a “bênção”, é porque não sacrificou o suficiente, não teve fé e/ou fez algo errado. Ao mesmo tempo, dá a sensação de poder ao sujeito que acredita, por conta própria e seguindo o processo correto, obter sua satisfação no final. José fora de prisioneiro ao centro das atenções do mundo, tornando-se, através da ilustração escolhida, um exemplo para os fiéis, passando a ideia certeira de que “tudo é possível”, basta crer, ter fé e sacrificar.

Na numeração 6, conclui-se que o fiel pode se surpreender com a profecia e prova, por A mais B, que ela só chega para quem crê, e a história de José é prova concreta que dá credibilidade ao discurso do *post* e, portanto, do bispo/IURD.

No comentário de “J.” do *post* discutido, ela escreve que recebeu a profecia (não diz qual) e que parece ser grande ao ponto de parecer impossível, mas que não irá duvidar (assim como José) e que está na fé, ou seja, esperando e acreditando (sacrificando) para que os benefícios da profecia se concretizem. No

comentário de “A.”, existe um sacrifício bem marcante, pois diz ser provado (a) “mais de uma vez no dia”, mas que faz uso da fé (conforme ensinado na igreja) e espera pelo momento “único” do cumprimento da profecia. Em outras palavras, uma ansiedade significativa para esperar “o grande dia” chegar, sempre confiante e vigilante nisso o tempo todo. Diferentemente do comentário de “J.”, “A.” recebeu mais de uma profecia e algumas parecem ter sido realizadas.

De forma geral, o *post* parece bem enigmático quanto ao conteúdo de uma profecia que pode ser desde algo revelado pelo Bispo, alguma experiência com o sagrado, a um sonho tal como José etc. A dimensão racional da mensagem contém certa dose de “você precisa fazer” para “ter” e não se trata de fazer qualquer coisa, mas fazê-la da forma correta, como ensinada no *post* (e nos cultos, provavelmente). Existe um esperar do fiel, uma ansiedade para não deixar que o momento se perca de modo a conseguir alcançar as boas novas tal como José aguentou firme, por anos, até se tornar governador do Egito. No entanto, o movimento emocional possível de se perceber encontra-se no fato do fiel querer fazer o que o bispo ensina para ser alguém que cumpre o que a Bíblia diz, ser um “servo bom e fiel” e fazer corretamente para que Deus recompense o sacrifício de ter sido obediente. A obediência, neste caso, se refere a tudo o que os bispos – homens escolhidos por Deus, dotados de credibilidade – ensinam, pregam, avaliam e insistem em mostrar, argumentar, demonstrar. O fiel deve respeitar essa hierarquia, crer no que lhe é pregado, obedecer e sacrificar-se para, no final, poder receber o que almeja do Deus que tudo vê, ou seja, fazer certo para obter o favor divino. Existe, nesse caso, uma vigilância, e isto é demonstrado através do comentário de “A.” que se mantém alerta durante todo o dia para não vacilar, ou seja, não ser uma serva infiel, distraída ou negligente e perder a chance de ganhar o que a profecia lhe prometeu, que parece vir sem avisar. No caso de “J.”, a pessoa se adianta e, em letras garrafais, escreve que “não duvidará”, pois no menor vacilo sabe que pode ver sua profecia não ser cumprida. A espera por este algo que está por vir, como José que esperou anos, é a chave da “grande conquista”. Duvidar, não acreditar na profecia (dita por algum bispo ou Bíblia) e o não esperar afasta o fiel dos ganhos prometidos e, em suma, da sua felicidade.

Por fim, parece que o *post* quer assegurar e reafirmar que a espera/demora é natural, pois assim como ocorreu com José, assim será com o fiel. Uma tentativa de não fazê-lo perder as esperanças daquilo que tanto a IURD prega. A paciência é

uma virtude que todo cristão deve possuir e, para conseguir o que se deseja, este é o caminho! A ideia mais oculta é que, no fundo, não se tenham fiéis incrédulos com a mensagem e promessa iurdiana a respeito de profecias diversas entregues que muitas vezes não são cumpridas, mas se precaverem com uma história Bíblica que dificilmente será contestada pelos fiéis e que mostra o quanto uma promessa pode “demorar” para acontecer: é necessário, ao que parece, ficar bíblicamente amparado.

No segundo *post*, “Ao que crê, basta...”, a mensagem do dia é iniciada, assim como no post anterior, com um versículo bíblico. O fragmento, apesar de curto, expressa com ênfase que é possível, apenas com uma palavra, fazer a cura acontecer. Na numeração 2, tem-se a impressão de que o bispo faz um desabafo, dizendo o quanto carentes os fiéis se encontram, pois estes necessitam conversar com os profetas (também pode-se ler “com os bispos”) por longas horas e o tempo todo. Percebe-se, nas entrelinhas, a carência do público quando ele expressa que, muitas vezes, os bispos são procurados de forma tão contínua e desgastante, porque acreditam que o milagre e a mudança provêm dessas figuras, de alguma maneira, pois são ungidos (ou seja, tem algum poder).

Na numeração 3, novamente vem à luz o quanto solicitados os bispos são por toda a igreja. Levando em conta que, no geral, uma igreja da IURD recebe muitos fiéis, entende-se o quanto desgastante deve ser o trabalho de ouvir, e por muito tempo, os lamentos. Mas, na numeração 4, ele acaba por contradizer, de alguma forma, o que falara na numeração 3 já explicada. Agora, ele afirma que ao invés de procurarem um profeta – um bispo que tem autoridade para mudar a situação dos fiéis, mostrando uma imagem autossuficiente do legado –, os fiéis procuram um psicólogo que nada resolve, apontando certo preconceito com a categoria profissional a respeito de resultados realmente eficazes de tal ciência na condução dos conflitos psicológicos dos fiéis para sua resolução. Essa frase remete, de certa forma, a carência na qual os fiéis da IURD se encontram, e o quanto os bispos e profetas não estão satisfazendo a demanda, a ponto dos devotos procurarem ajuda fora dos templos, uma ajuda profissional para seus problemas.

O bispo autor do *post*, no entanto, critica a atitude desses fiéis dizendo que eles perdem tempo em procurar um psicólogo que nada resolve, sendo que existem eles, os profetas de Deus, que poderiam resolver os problemas e possuem autoridade para tal. Continua dizendo que ao que crê, basta uma palavra (profecia)

revelada, provavelmente, pelo profeta/bispo. Então, pode-se entender que quem procura consolo por outras vias, por outros profissionais, não teve fé suficiente e não creu o bastante para receber a mudança. E, além do mais, “basta apenas uma palavra”, ou seja, a cura é mais fácil e rápida do que se imagina. Tratamento psicológico não é resolvido em apenas uma palavra, mas ele afirma que aquele que crê pode ser curado apenas com a palavra dita por algum profeta. Já adiantando, portanto, que quem procurou ajuda profissional de psicólogo não creu o suficiente, o que em outras palavras quer dizer que o fiel não é tão fiel assim e, por isso, não obteve cura (servo mal, negligente, que duvida, não tem fé e, portanto, não agrada a Deus).

Na numeração 5, o bispo do *post* cita um trecho bíblico do Evangelho de Mateus 8:6-10 a respeito de um centurião que chega a Jesus pedindo para que ele cure um de seus criados. Jesus diz que iria curá-lo, mas o centurião responde que não haveria necessidade da presença física de Jesus em sua casa, pois acreditava que se Ele mandasse seu servo ficar curado de onde estava, logo, ele ficaria (apesar da distância). O centurião acredita, de alguma forma, na experiência sobrenatural e no poder das palavras de Jesus para fazer o milagre acontecer. Se ele mesmo, o centurião, pode pedir e ser atendido em suas ordens em “menor escala” com seus criados, ainda mais Jesus o fará, crendo que Ele tem poder para tanto. Por pensar assim, Jesus fica surpreso com tal atitude promovendo, então, a cura de seu criado. Pode-se pensar que este texto foi escolhido justamente pelo fato do centurião não duvidar, em hipótese alguma, no poder das palavras de Jesus e, por isso, ter tido o milagre que precisava. O bispo do *post* coloca o texto para enfatizar o que havia dito momento antes.

Na numeração 6, o bispo termina dizendo que “quando o fiel pensa, a ficha cai rápido”, ou seja, basta usar a cabeça como o centurião fez, usar a “fé inteligente” (não sendo possível saber ao certo do que se trata) para tomar posse da profecia. No caso, basta ir ao profeta/bispo, ter fé e tomar posse da profecia, assim como o centurião, que com apenas uma palavra de Jesus, conseguiu a cura do seu servo.

Nos tempos atuais, não há a presença física de Jesus, mas há os profetas nessa “substituição” que possuem “autoridade para mudar”, quem sabe até curar, a vida das pessoas como descrito no *post*. Em suma, insiste para que o fiel não seja leviano em buscar ajuda fora do templo e que se ele realmente for inteligente e esperto, saberá que a ajuda está na IURD, de posse dos bispos, da igreja. Ao que

tudo indica, nenhum servo quer parecer negligente ou pouco sábio diante de suas aflições. O próprio Deus já deixou os seus eleitos na Terra para proporcionar as bênçãos que ele realizara na Bíblia, então, por que duvidar? Nesse caso, a ênfase do *post* parece ter como objetivo emitir um alerta, causando certo temor naqueles que não seguiram à risca a recomendação do bispo, fazendo-os sentir que são perdedores, servos ingratos, sem fé e que, acima de tudo, não terão sua cura, por exemplo, por desobedeceram ao que os bispos dizem e, consequentemente, a Deus. Aqui, a persuasão é eficaz porque parece conduzir o fiel à culpa – e posteriormente a uma tentativa de reparação – principalmente porque lhe foi ensinado que se não fizer corretamente, não receberá o que precisa, Deus ficará irado, e não lhe dará sua recompensa no céu e, ainda, suscetível de sofrer as mazelas demoníacas, como visto até então (aqui o apelo é feito às emoções).

No comentário de “J.”, a pessoa não diz abertamente o que sacrifica, mas que assim o faz porque crê. No comentário de “C. S.”, diz apenas que o bispo “arrebento” fazendo alusão ao *post* que foi muito bom em sua visão.

De modo geral, as pessoas sacrificam coisas para obter os benefícios da profecia, ou seja, cura física e emocional, prosperidade financeira, poder etc. Assim como no *post* anterior e neste último, a profecia está por vir, ainda na forma de enigma, a qual o fiel pode obter, caso mantenha-se firme crendo nela, tendo fé e acreditando na igreja/bispos. Essa profecia parece apontar para alguma esperança de mudança, sendo possível ver exemplos na bíblia e, também, pessoas do próprio dia a dia que participam da IURD e que conseguiram chegar lá. Os verdadeiros exemplos.<sup>184</sup>

A história relata a crença do centurião no poder sobrenatural que Jesus tinha. Confiava nisso e, assim, Jesus fez o que ele pedira. No caso da igreja, o bispo colaborador do *post* indica a falta de fé dos fiéis que não estão crendo o suficiente no que os bispos dizem, aconselham e profetizam, perdendo as bênçãos. Revela uma autossuficiência da igreja na resolução dos problemas através de palavras “mágicas” e/ou fáceis. Acreditam serem eles mesmos intitulados como ungidos de Deus e, portanto, portadores de poder para realizar milagres e maravilhas. A história

<sup>184</sup> No site <[www.eusouauniversal.com](http://www.eusouauniversal.com)>, eles disponibilizam o testemunho pessoal de pessoas da igreja que alcançaram seus objetivos na vida e hoje são profissionais de sucesso como, por exemplo, “Sou o Cláudio Soares. De morador de rua, tornei-me empresário de sucesso. Eu sou a Universal!” ou também “Sou a Patrícia Leal. Mãe, esposa e empresária. De vítima de pedofilia a uma mulher de sucesso. Eu sou a Universal!” (EU sou a Universal. [s.d.]. Disponível em: <[www.eusouauniversal.com](http://www.eusouauniversal.com)>. Acesso em: 02 de out. de 2014), entre outros.

do centurião pretende ilustrar e resgatar a crença dos fiéis no poder da palavra, dita outrora por Jesus e, atualmente, por eles e resgatar, também, a credibilidade que parece ser, no decorrer do *post*, uma preocupação da igreja. Ao mesmo tempo em que parece dar ao fiel a autonomia e mostrar “o quanto fácil é, basta crer na profecia”, a igreja indica que só é possível ser feito através de algum bispo, nomeado por Deus para realizá-lo. O centurião, no caso da história bíblica, são os bispos que fazem uma ponte entre o servo doente (fiel) e Jesus/Deus. Ou seja, uma barganha na qual a situação é a seguinte: “venham até nós, peçam e, como temos credibilidade e fé como o centurião da Bíblia, o que pedires será realizado/cumprido”. Neste caso, a igreja intermedia o contato do fiel como sagrado, fazendo alusão ao catolicismo, segundo o qual os padres e santos assumem essa função.

### C) O outdoor

Na cidade de Taboão da Serra, no dia 15 de maio de 2014, foi visualizada a imagem abaixo. Trata-se de uma Igreja Universal do Reino de Deus localizada na Rua do Tesouro, n. 592 – Parque Santos Dumont.



Imagen 4 – Outdoor da Igreja Universal do Reino de Deus

A mensagem da imagem é a seguinte: “*Igreja Universal do Reino de Deus. Entre e receba uma oração de proteção por você por sua família*”. Tal mensagem convoca qualquer um que passe pela rua a entrar e receber uma oração de proteção. Indica, de alguma forma, ser um pronto atendimento que se mostra disponível. A ideia central do *outdoor* é revelar que lá dentro, recebendo a oração de um bispo, o indivíduo estará protegido de qualquer mal e a IURD pode oferecer isso de graça.

### Análise do Outdoor

O *outdoor* revela que a IURD está pronta para atender a qualquer indivíduo que por ali passar, em qualquer horário do dia. Quando diz “Entre e receba uma oração de proteção”, enfatiza duas noções importantes: o indivíduo pode entrar em qualquer momento do dia, sem restrição de horário; e pode receber uma oração de proteção como sendo algo possível de se obter assim que entrar pelas portas da igreja. É fácil, simples e oferece uma das coisas mais primárias à que o ser humano almeja: proteção. Considerando que o Homem é um ser desprovido de proteção, vivendo em um mundo áspero e nada fácil, a oferta de proteção contra qualquer mal que possa assolá-lo é bem-vinda, reconfortante e extremamente eficaz em persuadir o indivíduo. A igreja, nesse ponto, mostra-se acolhedora aos problemas do público em geral e não apenas dos cristãos. Revela, também, de alguma forma, que a igreja não está oferecendo ajuda apenas para o pedestre que passar por lá, mas à família do indivíduo de forma mais ampla. Além do acolhimento referente à condição frágil na qual todos se encontram, como apontam as palavras bíblicas de que “do pó viemos e ao pó voltaremos”, também acolhe a família no sentido de trazer comunhão e paz entre os membros, através da oração. Propõe, implicitamente e em primeira mão, solução para o sujeito e sua família, promovendo alívio de proteção pessoal e revelando o “amor ao próximo”, solidariedade (ou seja, virtudes da IURD) para com os familiares que nem ali se encontram. Sendo assim, o indivíduo que entrar sairá com forte sentimento de gratidão pela igreja por ter participado de uma ação que conduzirá a benefícios para si e para a família.

A persuasão tem eficácia, neste caso, porque pretende entregar “de graça” amor, acolhimento e atenção, proposta aparentemente simples, mas que causa comoção e vai de encontro com as emoções, pois psicologicamente é o que muitos

almejam e não encontram em seu dia a dia. A IURD quer proporcionar o que é, muitas vezes, raro de se obter, fazendo-o através de uma situação simples como a oração dentro do templo, lugar sagrado e protegido na concepção geral, no qual muitos esperam consolo. Racionalmente, ela propõe algo que pode cumprir, basta entrar e imediatamente o problema será resolvido.

#### D) A pregação

A IURD possui um site<sup>185</sup> que disponibiliza todas as informações da igreja, seus projetos e, ainda, os serviços, agendas, o blog, as doações, os editoriais e vídeos com mensagens/pregações aos fiéis. É um grande portal para muitas informações e o público tem acesso à informação e possibilidade de escrever mensagens também.

Na sessão “Palavra Amiga”, encontram-se diversos vídeos, a maioria realizada pelo próprio bispo Macedo, trazendo alguma palavra de conforto para o ouvinte. Abaixo, segue a transcrição de uma pregação feita por ele, no dia 28 de maio de 2014, intitulada “A fé atrevida”:

- (1) Que Deus abençoe a todos abundantemente em nome do Senhor Jesus Cristo.
- (2) E essa benção, obviamente, depende da fé. Não da religião, mas da fé. Se você é católica, espírita, se você é budista, evangélico, se você tem ou não tem religião, não interessa! Pra Deus não interessa a religião de ninguém, pra Deus interessa aqueles que acreditam naquilo que Ele falou, naquilo que Ele prometeu, naquilo que Ele promete na tua, na Sua palavra. Isso é fé. Essa fé é que faz a diferença.
- (3) A pessoa que manifesta a fé, a pessoa que manifesta aqui exercita a fé, certamente é uma pessoa atrevida, porque a fé é atrevida.
- (4) Você veja, por exemplo, você está me ouvindo neste momento e gostaria de entender mais a respeito da fé. Eu vou falar do amor. Vamos falar do amor porque você vai compreender melhor a fé quando nós falamos sobre o amor. Veja só.
- (5) Quando uma pessoa casa, ela casa, ela abre mão da sua vida de liberdade, ela abre mão da sua vida solteira para se casar, se unir com outra pessoa. Ela sacrifica a vida dela de solteira por outra pessoa. Isso é casamento. Ela se liga com outra pessoa pelo casamento por conta do quê? Do amor. Pelo menos é assim que a gente entende. Então o sentimento de amor, faz a gente dar a vida

---

<sup>185</sup> UNIVERSAL. [s.d.]. Disponível em: <[www.universal.org](http://www.universal.org)>. Acesso em: 24 mar. 2014.

por outra pessoa e vice e versa. Ora, você não vê o amor, você não vê, não sente, você não consegue tocar no amor. O amor é um sentimento. Amor é um sentimento! É algo abstrato, mas você tem certeza desse sentimento, por causa dessa certeza desse sentimento você abre mão da sua vida de solteira, de solteiro para viver com outra pessoa apenas. E é o que acontece hoje em dia. Todo mundo quer casar, todo mundo quer ter o seu pé de chinelo. É ou não é? Todo mundo quer calçar o seu sapato, todo mundo quer arrumar a sua vida. Ninguém quer ficar solteiro. Você veja, por exemplo, até os gays querem casar! Até os gays querem casar porque ninguém quer ficar sozinho. Ninguém quer ficar sem ninguém. Por quê? Isso acontece por conta do sentimento de amor. Sentimento de amor. Muito bem, você entendeu agora o que é um sentimento de amor. Agora vamos entender o sentimento de fé.

**(6)** O sentimento de amor é em relação às pessoas que a gente vê, as pessoas que a gente toca, as pessoas que a gente abraça, as pessoas que a gente quer bem. É ou não é? Agora o sentimento de fé diz respeito a alguém que nós não vemos, que nós não tocamos, que nós não abraçamos, que não abraça a gente, que a gente não sente, que é Deus. É o Todo poderoso, é o Infinito Senhor dos céus e da Terra. Nem todos creem, nem todos acreditam na Sua existência, mas aqueles que têm, digamos, sentimento de fé crê que Ele existe e que se torna abençoador dos que o buscam.

**(7)** Então, o sentimento de fé que nos une a Deus também é o casamento. Porque Deus jamais vai aceitar dividir você ou eu com quem quer que seja, com qualquer outro deus, digamos assim. Ele quer ser o primeiro em nossa vida. Então o casamento com Deus, em outras palavras, envolve uma entrega total e tem que ser o primeiro na nossa vida. Por exemplo, o casamento com uma outra pessoa. Às vezes a pessoa trai, o outro trai, às vezes o outro tem duas mulheres, dois homens, às vezes tem três mulheres, às vezes o sujeito não quer ficar agarrado só a uma, quer ficar com outras mulheres, quer viver na base de muitas mulheres ou de muitos homens, enfim... Mas Deus não aceita isso. Ou Ele é ou Ele não é. Ou Ele é seu marido ou Ele não é o seu marido. Ou Ele é o primeiro na sua vida ou Ele não é o primeiro na sua vida. E o que determina isso? É a fé.

**(8)** É a fé, mas assim como o sentimento de amor faz a pessoa tomar uma atitude, que é casar e viver em função da outra, um do outro, assim também é a fé. A fé faz isso. A fé leva a pessoa a se envolver com Deus, por isso eu chamo de fé atrevida, porque ela se envolve, a pessoa se envolve com esse Deus invisível, esse Deus que a gente não entende, que a gente não toca, esse Deus que é espírito. A gente se envolve com Ele de maneira radical, a gente coloca Ele em primeiro lugar na nossa vida e por isso que as pessoas chamam a gente de louco, de fanático, de perturbados. Por quê? Porque nós nos envolvemos, nós casamos com alguém que a gente não vê que ninguém vê, nem nós vemos! Porém, esse alguém, nós temos absoluta certeza que é fé que está conosco.

**(9)** Agora, “O Bispo, como é que eu posso, como que eu posso saber se Deus me aceitou como seu parceiro, como seu aliado como o seu, a sua esposa, sua esposa?”. A bíblia fala que a igreja é a noiva de Jesus e noiva é aquela que vai se casar. Então como é que eu posso saber se Deus me aceitou eu sendo uma pessoa tão errada, tão cheia de falhas? Quando você toma atitudes de

obediência à palavra dEle, então você se torna sócia, sócio dEle. Você se torna propriedade dEle e então é obrigação dEle cuidar de você, proteger você, guardá-la de todos os males, mas como é que eu faço isso? Quando Deus fala sobre dízimos e ofertas Ele está falando justamente nisso, casamento! Ele está falando em aliança. Ele está falando em parceria com Ele. Porque tudo é dEle. Tudo, tudo, tudo o que existe no mundo é dEle. O que existe no infinito é dEle. Então quando nós colocamos o que nós temos que é dEle também, mas quando nós delegamos a Ele como o Senhor da nossa vida, nós o elegemos Senhor da nossa vida através da obediência à palavra dEle...

**(10)** Você há de vir o seguinte. Ele, Deus, só é Senhor dos que o obedecem. O Senhor Jesus Cristo só é Senhor dos que lhe obedecem. Ele não é Senhor de todo o mundo, embora todo mundo o considere Senhor, mas Ele só é Senhor daqueles que obedecem a Sua voz. Então Ele disse “Trazei todos os dízimos, as ofertas e provai-me nisto”. Quer dizer, provai-me nesta sociedade, você me dá os seus primeiros dez por cento e os noventa por cento restante você vai ser abençoado, próspero e você vai ter a mina bênção, porque Eu vou abrir os seus caminhos. Eu vou abençoar esses noventa por cento. Então, quando há este casamento, Deus obrigatoriamente tem que honrar a parte dEle, a palavra dEle, porque não existe sociedade de uma só pessoa. Só existe sociedade, no mínimo, de duas pessoas. Então quando você se sujeita, se submete à palavra dEle em obediência, você pode até prová-lo, você pode até testar “Vamos ver se a bíblia realmente é a palavra de Deus?”. Aí você faz um teste com Deus “Oh, Deus, eu estou aqui, desempregado, eu não tenho dinheiro, eu tô, eu tô arruinado não tenho onde morar, eu não tenho onde colocar a cabeça e eu quero ver se o Senhor, se o que está escrito aqui é verdadeiro, é verdade...” Então, suponhamos que você seja um mendigo e você tem, você ganhou naquele dia uma moeda de um real. Então você pega essa moeda de um real que você ganhou é a única coisa que você tem, coloca sobre a bíblia e fala: “Senhor, tá aqui. É tudo o que eu tenho. Agora eu quero ver se a sua palavra é verdadeira. Se for verdadeira eu vou te seguir, se não for verdadeira eu vou saber. Eu vou perder esse um real, mas eu vou saber que o Senhor, que isso tudo aqui é mentira”.

**(11)** E essa é a proposta para esta semana que vem agora. De domingo a domingo, do dia um até o dia oito, nós vamos fazer prova com Deus, com os dizimistas e os ofertantes. Nós vamos fazer prova com Deus de domingo a domingo. Nós vamos levar as pessoas a provar aquilo que Deus prometeu. Porque Ele disse “[...] abrirei as janelas dos céus e derramarei sobre vós, bênçãos sem medida”. O que que é benção sem medida? Benção sem medida é bênção sem medida! É como rio que joga água no mar, o mar nunca se enche e o rio nunca seca. É assim que funciona. Bênção sem medida, minha amiga, meu amigo ouvinte, é benção sem medida. Quer dizer, você recebe benção hoje, amanhã, depois de amanhã, não interessa se você merece, se você não merece. Não interessa o que você fez ou deixou de fazer, mas quando você manifesta a fé atrevida na palavra de Deus, Ele obrigatoriamente, obrigatoriamente tem que corresponder a essa fé e muda sua vida. E muda sua vida para que todos vejam, vejam que há diferença entre aqueles que têm a fé atrevida, daqueles que tem uma fé emotiva, uma fé religiosa que não funciona. Então essa é a palavra a você. A partir de domingo agora,

de domingo a domingo, prova com Deus em todas as igrejas Universal do Reino de Deus.

A mensagem acima descrita teve por objetivo ensinar a respeito da fé atrevida. Edir Macedo, antes de querer explicar exatamente o significado de tal termo, começa fazendo um paralelo entre a fé e o casamento. Fala do casamento entre duas pessoas, do amor, compromisso e renúncia (sacrifício) que ambas precisam ter para que o laço se concretize (tal como a perda da liberdade de solteiro) e diz que, da mesma maneira, o fiel deve ter um casamento com Cristo através da fé. Essa fé em Cristo deverá levar o fiel a um casamento e é esse casamento com Deus que ele denomina fé atrevida, título da mensagem. Depois ele discorre a respeito de como o ouvinte pode ter certeza de que se casou com Cristo e revela que é nos dízimos e nas ofertas, pois dando o dinheiro, você pode provar a Cristo e Ele, por sua vez, será obrigado a te proteger, te responder, garantir suas bênçãos, o indivíduo merecendo ou não. No final, mostra que é possível provar Deus e que fará cultos para que o cristão consiga desenvolver essa prova com Ele, a fim de obterem o que lhes é de direito.

### Análise de conteúdo da pregação

Quem investir um tempo para escutar a pregação em questão, poderá imediatamente perceber algumas particularidades. A primeira delas é a de que o próprio Edir Macedo é quem faz a pregação do início ao fim, com duração de 30 minutos, para explicar sobre a fé atrevida. Sua voz é calma e modula para mais alta ou mais baixa quando quer enfatizar algum aspecto da pregação.

Na numeração 1, percebe-se que Edir prepara uma boa introdução antes de começar a pregação (exórdio). Ele inicia com o desejo de que Deus abençoe o ouvinte, através do nome de Jesus Cristo. As bênçãos aqui não são especificadas, mas revelam o desejo de que todos a tenham em abundância.

Na numeração 2, no primeiro período, fica claro que para conseguir as bênçãos ditas anteriormente, ou seja, aquelas que pediu a Deus em intercessão para o ouvinte, é necessário ser dependente da fé e não de religião. Nesse momento, a fala de Edir parece um pouco controversa, apesar de estar explicando o que é fé, pois já foi demonstrado, no capítulo primeiro, que a IURD rejeita qualquer

menção a outras religiões. Segundo ele, para Deus não interessa a religião de ninguém, apenas que se creia n'Ele. Fala de uma fé naquilo que Deus prometeu, não diz qual foi a promessa, mas que, quem crê nessa fé, fará a diferença (e ainda não está claro que promessa é essa e que diferença haverá para quem crer).

Na numeração 3, portanto, ele reitera que a pessoa que exercita a fé é alguém atrevida, ou seja, crer e ter fé são atitudes boas que possibilitam alcançar níveis melhores da personalidade, como quando afirma que, quem o faz, é atrevido. De uma forma sutil, ele está discursando sobre o sagrado, que não se pode ver, contudo, logo em seguida, diz o contrário, pois, na verdade, está falando de algo que é possível de se ver, já que é “materializado” na personalidade do sujeito, como sendo o atrevimento. Com isso, fica a ideia de que é possível ver a personificação da espiritualidade de alguém, observando o comportamento externo e, se há um sujeito “atrevido”, há fé, enquanto a covardia denunciaria a falta da mesma.

Já na numeração 4, ele chama a atenção de forma contundente para que o ouvinte acompanhe seu raciocínio quando diz “*Você veja, por exemplo [...]*” como se apontasse o dedo para o público ouvinte. Supõe que o receptor não está conseguindo entender sobre o que ele tem explicado até então e decide ser mais claro criando uma comparação entre a fé e o amor.

No parágrafo abaixo, na numeração 5, ele explica o que seria o sentimento de amor *versus* o sentimento de fé. O sentimento de amor é apresentado como sacrifício do sujeito à própria vida de solteiro para unir-se a outro que não é perfeito. Ele cria algumas conclusões, como quando diz que “*Ninguém quer ficar solteiro*” e “[...] *até os gays querem se casar*”, o que dá ênfase e credibilidade ao ouvinte por passar a ideia, muitas vezes discutível, de conhecimento, experiência de vida, e outros que possam dar a ele autoridade para o que pretende enfatizar.

Na numeração 6, ele explica que o sentimento de amor está relacionado às pessoas de “*carne e osso*”, enquanto que o sentimento de fé diz respeito a quem não se vê, que não se toca. No entanto, quem crê de coração é capaz de abençoar outros que buscam a Deus. Se o fiel tem fé, é capaz de tal proeza espiritual, caso contrário, não será capaz de realizá-lo. Deus é visto, desde o princípio, como uma fonte inesgotável de bênçãos e poder. Então, na numeração 7, ele conclui fazendo uma comparação entre casamento humano e casamento de fé, um baseado no sentimento de amor e o outro no casamento com Deus.

Bispo Macedo segue dizendo que Deus não aceita casamento com outros deuses, o que já elimina a mensagem contida na numeração 2, no qual havia afirmado que Deus aceita tudo e todos. Fala de algumas situações de traição, mas tranquiliza o leitor dizendo que “*Deus não aceita isso*”. A fé, neste trecho, é única e exclusivamente o que determina o casamento do fiel com Cristo, tal como o amor é o que une o casamento entre humanos.

Na numeração 8, ele explica melhor o casamento do fiel com Deus. Nessa relação, o que motiva o indivíduo a se relacionar é a fé. Esse relacionamento pode ser intenso ao ponto dos outros o considerarem loucos e fanáticos. A entrega, neste caso, é total e submissa. Nas duas últimas linhas desse mesmo item, fica confuso a questão de com quem esse sujeito se envolve, se é com Deus ou com a fé.

Abaixo, na numeração 9, ele ensina como ter certeza se o fiel está “casado” ou não com Deus, e responde dizendo que se o fiel obedecer ao que Deus fala na Bíblia, é sinal de que virou seu sócio. Essa obediência se refere aos dízimos e ofertas, sendo a isso que ele se refere quando fala do casamento. Entregar bens materiais a Deus é sinal de obediência à sua palavra, segundo Macedo. Muda um pouco o discurso e não enfatiza tanto o ser noivo ou noiva de Cristo, mas sócio d’Ele e confirma que Deus, portanto, fará o que for necessário para agraciar com bênçãos aos que lhe obedecem, afinal, faz parte de um contrato segundo o qual ambos devem sair ganhando.

Na numeração 10, Macedo enfatiza que Deus só trará benefícios àqueles que obedecem ao Senhor Jesus Cristo, ou seja, aqueles que entendem a mensagem dos dízimos e ofertas, como mencionado na numeração 9. Para maior suporte às suas afirmações, ele cita um trecho bíblico que se encontra em Malaquias 3:10. Macedo acalma os ouvintes com uma afirmação atenuante de confiança, certificando o fiel de que Deus irá honrar sua parte no acordo. Se o bispo é passível de credibilidade e confiança, como já foi visto que sim, haverá garantia certa de que muitos irão entregar a Deus e à igreja o que lhe for pedido. No entanto, para que isso aconteça, é necessário que o indivíduo dê o primeiro passo, ou seja, deve abrir mão de algum dinheiro ou bem para provar a Deus e, por fim, receber sua benção como lhe é de direito. O bispo assegura aos seus fiéis que é assim que ocorrerá.

Essa “prova” pela qual o fiel pode testar a Deus é a proposta do culto que ele menciona e que durará oito dias. Um culto para que ofertas sejam dadas à igreja, e incentivo para que Deus seja provado. As bênçãos são sem medida, e entregar os

dízimos e ofertas é um sinal de que o fiel tem a fé atrevida e, por conta disto, Deus o ajudará incessantemente. Convoca o ouvinte para essa fé que é visível, aconselhando que não se enganem e tenham outro tipo de fé que não trará retorno algum.

De modo geral, Macedo explica detalhadamente como possuir a fé atrevida. Na dimensão racional, ele é pedagogicamente coerente e procura utilizar metáforas e comparações para facilitar a visualização do que pretende, no ouvinte. A princípio, ele já começa o discurso explanando sobre bênçãos, ou seja, não posterga ou deixa para o final o objetivo de sua pregação, mas já começa com um tema de interesse geral que todos querem ouvir: benefícios possíveis de serem alcançados e como fazer isso. Com um discurso inicial aparentemente livre de preconceito, ele procura atrair qualquer ouvinte para o que tem a dizer.

Quando ele enfatiza “a pessoa que manifesta a fé”, parece querer falar de um grupo seletivo de pessoas que conseguiram chegar lá, conseguiram alguma proeza que nem todos conseguem e que tem algo a mais que as outras, ou alguma vantagem, dentre os demais, por conseguir manifestar a fé corretamente e ser a pessoa atrevida que ele tanto quer enfatizar. Parecem qualidades que a IURD e Deus gostam, admiraram e quererem que todos tenham.

Então, ele decide falar do amor, sentimento terno e romântico sobre o qual muitos possuem algum conceito. Ele se apodera da ideia do casamento para explicar o que é fé. Fala que o casamento é uma vida de sacrifício, mas que não tem uma conotação ruim, porque, na verdade, o sacrifício, além de válido, é poderoso e bonito, pois a pessoa que o faz, faz por amor a seu cônjuge e assim ocorre com a fé. O sentimento de fé une o fiel a Deus e, se existe fé, existe casamento. Essa imagem que o ouvinte tem, de poder estar “casado com Deus”, não parece ser qualquer coisa. Deus é algo invisível, no qual somente é possível crer em sua existência por meio da fé/crença. O contato com o sagrado muitas vezes é difícil e estranho por ser de tal forma que não pode ser visto concretamente. Portanto, qualquer promessa, ideia ou ilusão de que é possível chegar próximo do Divino, é altamente atrativa.

Macedo, na pregação, diz que é possível o casamento com Deus e que isso é fácil, basta algumas “demonstrações de amor”. Se no casamento há sacrifício de ambas as partes, que honra é imaginar que o próprio Deus se sacrifica no casamento com o fiel, protegendo-o e guardando-o de todos os males. Sendo assim, não é justo que o fiel também não faça sua parte no – agora – acordo. A parte que

está designada ao religioso, na “aliança” ou sociedade com Deus, é a entrega dos dízimos e ofertas. Se o fiel sente-se agradecido pelas coisas que possui, pela vida tranquila que leva diariamente, certamente será persuadido a entregar dinheiro em agradecimento ao favor ou ao sacrifício que seu esposo Deus faz por ele aqui na Terra. Macedo enfatiza, no entanto, que Deus só cumpre com suas obrigações de esposo ou sócio, se o fiel obedecer às palavras da Bíblia, que diz que a obrigação do crente é dar dízimos e ofertas.

Nesse momento, com sentimento de gratidão a Deus pelo casamento através da fé, pelas bonanças que possui, o sujeito se verá tentado a entregar dinheiro em obediência. Mesmo aqueles que não possuem vida próspera entenderão que não recebem de Deus o sacrifício por sua vida, porque não obedeceram o suficiente. Com esse raciocínio, ninguém quer ficar mal visto por Deus, ser desobediente ou egoísta, mas quer provar que é grato aos favores divinos para poder possuir as bonanças na Terra, e o paraíso no céu. O indivíduo só tem a ganhar se cumprir diligentemente sua parte no acordo do casamento, pois “é melhor dar do que receber”. É melhor fazer para Deus do que deixar de receber d’Ele seus milagres e, ainda por cima, ir para o inferno. De modo geral, o fiel entende que precisa, para ser amado, entregar o que lhe tem mais valor: o dinheiro. E assim fazer sem reclamar ou de má vontade, mas lembrando que assim o faz em obediência.

Tudo é uma troca, você faz para Deus e Deus fará por você. O que Deus fará trará ao fiel “bênçãos sem medida”, enquanto que o fiel só precisa entregar seus dízimos e ofertas como prova de que tem fé. Ele termina dizendo que, fazendo assim, é possível que você seja aquele crente minoria, os crentes atrevidos. Nesse momento, possivelmente a plateia estará com sua vaidade tocada, já que quer superar o desafio de conseguir ser essa minoria vitoriosa e abençoada por Deus.

Até aqui foi possível uma aproximação do leitor ao discurso iurdiano e o que cada material pretendeu transmitir ao ouvinte/leitor. Tentou-se uma leitura meticulosa de cada linha, parágrafo etc., a fim de compreender as nuances de cada conteúdo e seus objetivos mais implícitos. De modo geral, o discurso convoca o fiel a um papel de “protagonista” de suas bênçãos e a IURD como sendo a intermediação desse em relação a Deus, possuidora de um conhecimento sagrado, diferenciado e eficaz para que o fiel conquiste suas bênçãos. Coloca-se como sendo uma igreja que sabe fazer o indivíduo chegar onde quer, basta confiar e realizar o que pedem. Agora, torna-se importante pensar e analisar os meios pelos quais o

discurso se mostra tão eficaz e o que há de comum em todos os materiais coletados.

## CAPÍTULO IV– Facetas da persuasão no discurso religioso da IURD

*“Venham a mim, todos os que estão cansados e sobrecarregados, e eu lhes darei descanso” – Mateus 11:28.*

### A) A tríade da eficácia persuasiva

O título desta seção sugere que se tenha encontrado a eficácia da persuasão e que esta é composta por uma tríade. No entanto, não se trata de desenvolver aqui uma teoria que resolva e responda todas as questões que se levantam quando o assunto é persuasão – apesar do tema ser extremamente intrigante, causando curiosidade de saber como ser eficaz nessa arte. O que será descrito neste momento do trabalho foi resultado de muita observação dos materiais coletados e reflexão sobre eles. A “tríade” sugerida será apenas uma maneira possível de pensar a persuasão de forma mais sistematizada. Pode ser que não seja exatamente assim que ela ocorra, mas diante dos materiais coletados para a presente dissertação, foi possível perceber que alguns mecanismos se repetem e considerar que isso não é obra do acaso.

Desde o início, o objetivo da pesquisa consistiu em indagar, sobretudo, a respeito de como a IURD consegue a eficácia de persuasão através de seus inúmeros discursos, e foi isso que se tentou, articulando com autores diversos e o material coletado, “responder”, ou melhor, compreender. O que se propõe como reflexão agora não chega a ser uma fórmula, mas o indicador de que existem elementos que se mantêm, que não se modificam aleatoriamente, possuem constância e facilitam o pensar sobre o assunto.

A tríade sugerida é composta por: 1- *vulnerabilidade*, 2- *promessa* e 3- *esperança*, e segue essa ordem colocada.

A *vulnerabilidade* do homem é o contexto geral do qual todo o discurso partirá. No que tange a essa variável, não há erros porque é sabido que todos, desde o nascimento até a morte, possuem vulnerabilidades diversas para as quais não há cura, não há sossego, não há conserto, não há preenchimento total ou constante.<sup>186</sup> Tais vulnerabilidades incluem muitas circunstâncias e diversas

---

<sup>186</sup> Isso será melhor compreendido e aprofundado na seção seguinte.

categorias, como dificuldades nos relacionamentos afetivos e familiares, problemas financeiros, problemas de saúde, abandono, solidão e baixa autoestima.

As condições mencionadas dificultam ao ser humano encontrar paz, felicidade e um completo contentamento e resolução de seus problemas. O anseio para se obter a felicidade e bem-estar sempre existirá e o homem tentará, por uma via ou outra, conquistá-la.

Aristóteles lembra bem disso quando explica que todos os homens visam a um fim comum, e isso determina o que escolhem e o que evitam. Em suma, é a felicidade sempre o seu maior objetivo:

Admitamos que a felicidade é um êxito combinado com a virtude, ou uma existência suprida de recursos suficientes, ou ainda uma vida repleta de prazeres acompanhada de segurança, ou ainda uma abundância de bens aliada a um bom estado do corpo, juntamente com a capacidade de conservá-los e deles fazer uso. Quase todos concordam ser a felicidade uma ou mais de uma dessas coisas.<sup>188</sup>

Ele continua dizendo que a felicidade é um conjunto que se constitui de várias partes, como ter muitos amigos, uma velhice feliz, ser bem-nascido, ter riquezas, ter beleza, vigor, ter virtude, sorte, justiça, autocontrole, filhos etc. No geral, são bens internos e externos que todos almejam possuir.

Levando essa premissa em consideração, pode-se pensar as mensagens da igreja. A IURD (mas não só ela) dirige seus discursos aos problemas das pessoas e encontra terra fértil porque sabe que todos os indivíduos, fiéis ou não, possuem alguma *vulnerabilidade*, possuindo algo ou alguma situação da qual desejam se livrar. Portanto, parece ser muito provável que o discurso voltado às *vulnerabilidades* das pessoas dê resultado.

Seguindo o raciocínio, foi possível constatar que essa *vulnerabilidade* existe na vida de todas as pessoas. Podemos supor, então, que elas são suscetíveis a qualquer *promessa* que lhes certifique a cura, resolução ou o extermínio daquilo que lhes aflige para que seja possível conseguir a felicidade e bem-estar. Assim, é possível identificar, claramente nos discursos, a frase literal ou a ideia de que “SE VOCÊ ... ENTÃO ...”. Ou seja, se você fizer, falar, pegar, doar, participar, olhar, etc., então você obterá o que procura e o que tanto deseja. De modo contrário, se você não fizer tal e qual é ensinado, então não conseguirá o que deseja ou atrairá o mal

---

<sup>188</sup> ARISTÓTELES, 2011, p. 60.

para sua vida. Exemplos concretos ou reais são comumente utilizados para enfatizar e reforçar o argumento da promessa.

Assim sendo, essa *promessa* faz surgir no indivíduo a *esperança* de ser ou ter algo melhor e, em última instância, ser feliz. Para que a *esperança* se sustente por muito tempo, por meses, e até mesmo anos, é necessário que a *promessa* seja feita a todo tempo, mesmo que não seja possível garantir sua eficácia. Uma nutre a outra: a *esperança* só sobrevive porque é alimentada pela *promessa* e esta encontra ampla aceitação porque vai ao encontro da *vulnerabilidade* do indivíduo. Portanto, é possível perceber que a persuasão toca nas emoções dos indivíduos, seja em qualquer lugar da tríade.

Para pensar a tríade, é importante verificar se pode ser encontrada em outros exemplos. Em 2 de setembro de 2013, a agência Ponce criou para a empresa AXE<sup>189</sup> uma campanha publicitária intitulada “Roubo”, com base em pesquisa de mercado sobre o lançamento de um novo desodorante para os homens brasileiros. O garoto propaganda que protagonizou o comercial foi o modelo brasileiro Rodrigo Hilbert (loiro de olhos claros), muito conhecido por sua beleza. Na produção, Rodrigo Hilbert tem sua beleza roubada e “retirada” por ele mesmo, que a entrega a um bandido, ficando, portanto, feio. Depois do roubo, ele entra no carro e para em frente de uma danceteria, onde o espera uma linda mulher que, por sua vez, entrará no carro (encontro). Ao mesmo tempo, ele está muito tenso com medo de que ela perceba a feiura dele (nesse momento da propaganda o ator é outro). Antes da mulher entrar no carro, ele usa o desodorante AXE (passa por todo o peito) e, quando ela entra no automóvel, não percebe que a beleza dele foi roubada, pois ele usou o produto. Nesse caso, a empresa AXE apostou, através do humor, que o homem que usar o produto terá poder suficiente para conquistar as mulheres para muito além de ser ou não bonito, e que o aroma do produto superaria a ausência de beleza. O verdadeiro “atalho para o sucesso”.

Pensando sobre essa propaganda e na tríade proposta, percebe-se que com a exigência do modelo ideal de beleza, o padrão não desejável – isto é, ser gordo ou magro demais, ter seios grandes ou pequenos demais, ter músculos ou não –, é um problema extremamente contemporâneo e a mídia explora a todo o tempo essa

---

<sup>189</sup> RODRIGO Hilbert estrela nova campanha de Axe. **Exame**, 2 set. 2013. Disponível em:<<http://exame.abril.com.br/marketing/noticias/rodrigo-hilbert-estrela-nova-campanha-de-axe>>. Acesso em: 20 ago. 2014.

temática. É fonte de discussão nas mais diversas áreas do saber e é, portanto, uma *vulnerabilidade* a ser considerada, pois ninguém quer estar fora do padrão de beleza estabelecido. Supondo que o “ser feio” (ou questões relacionadas à autoimagem) é uma *vulnerabilidade* de muitos brasileiros, a propaganda veicula a *promessa* de que SE o indivíduo usar o produto Axe ENTÃO ele será desejável por qualquer mulher, trazendo a *esperança* de que é possível ser atraente apesar da pouca beleza, criando a ideia, portanto, de que o indivíduo pode ser algo melhor do que acredita ser, basta usar o produto. Fica fácil perceber como a propaganda terá sucesso, já que muitos se identificarão com a temática apresentada.

Em outro exemplo, da marca Pedigree,<sup>190</sup> tem-se uma propaganda com a frase “Um cachorro deixa sua vida mais feliz. Adote”.



Imagen 5 – Propaganda da marca Pedigree

No primeiro quadro, vemos um homem sozinho no meio da praia, sem ninguém por perto, em completa solidão. Estar ou ter medo de ficar sozinho, ou perder alguém na vida é uma *vulnerabilidade* na qual se encontram muitas pessoas. No geral, ninguém quer estar ou ficar nessa condição. Então, existe a *promessa* de que SE você adotar um cão, ENTÃO você não ficará mais sozinho, criando a *esperança* de que o indivíduo será alguém mais completo por adquirir o animal,

<sup>190</sup> BRANDÃO, F. 21 propagandas completamente geniais pelo mundo. **Tudo Interessante**, 17 fev. 2014. Disponível em:<<http://www.tudointeressante.com.br/2014/02/21-propagandas-completamente-geniais-pelo-mundo.html>>. Acesso em: 20 ago. 2014.

obtendo uma vida mais feliz. Novamente, é possível que muitas pessoas se identifiquem com a propaganda, pois esta evidencia a solidão em suas diversas formas, o quanto não é bom estar assim e, ao mesmo tempo, o quanto é fácil ser feliz, bastando uma atitude do indivíduo sobre isso para conseguir o que se almeja, a felicidade.

A tríade proposta, portanto, encontra-se no conteúdo das mensagens, fonte especial do interesse até aqui. O que foi verificado nas propagandas não é diferente do que se encontra nas mensagens da igreja, ou nas mensagens da IURD especificamente. Existem, como foi possível ver nos materiais, *vulnerabilidades* variadas, e a igreja cria a *promessa* de que SE o fiel der o dízimo, for ao culto, fizer o que o bispo diz, ENTÃO conseguirá as bênçãos de Deus, a sua recompensa, o dobro nas finanças, encontrará alguém para se casar, será livre das influências demoníacas, “colherá o melhor desta Terra”, “será como José do Egito”, “será um vencedor”, “terá o espírito da Profecia”, “terá a recompensa do sacrifício”, “será um fiel mais protegido contra os males do mundo”, “será sócio de Deus” etc. Com isso, cria-se a *esperança* de que, quem assim o fizer, será um bom e servo fiel cheio das bênçãos divinas e livre das aflições deste mundo. Até que o fiel sinta que isto ocorrerá com ele, a *promessa*, tendo como pano de fundo a *vulnerabilidade* dos fiéis, é constantemente alimentada culto a culto. As *vulnerabilidades* os fazem suscetíveis a tais *promessas*, criando *esperança* de se alcançar ideais extremamente almejados mais cedo ou mais tarde, basta ter paciência (virtude).

A tríade mencionada e explicada até então parece mostrar o quanto a forma e o conteúdo de tais mensagens vão ao encontro das maiores dificuldades do homem. Defende-se aqui que a persuasão utiliza-se da tríade para conseguir seus efeitos na dimensão racional do indivíduo, possuindo uma forma retórica plausível, coerente e constante na qual se pode pensar as mensagens da IURD. No entanto, será oportuno mencionar e aprofundar alguns textos freudianos a respeito das questões da vulnerabilidade do homem e o quanto se utilizar delas pode ser frutífero para o conhecimento do processo persuasivo, pois explicaria o homem, sua condição de desamparo e a eficácia da persuasão sobre as *emoções*.

Como é sabido, Freud não desenvolveu uma teoria sobre a persuasão, mas deixou textos interessantes e profundos sobre os aspectos psicológicos do sujeito frente ao que a religião promete. A seguir, serão apontadas questões voltadas ao desamparo, Deus, ilusão etc., as quais serão abordadas com o intuito de mostrar o

que tais mensagens mobilizam dos aspectos *emocionais* dos indivíduos. Até aqui configuramos a persuasão em sua forma mais voltada aos aspectos “racionais”, uma sequência mais ou menos lógica, uma forma visível a nós de uma possibilidade de influência do qual encontramos a tríade. Agora, veremos a persuasão voltada aos aspectos *emocionais* e que conteúdos dessa ordem são mobilizados para garantir a eficácia do discurso persuasivo iurdiano, somando-se ao que até aqui foi refletido.

#### B) As necessidades emocionais

Primeiramente, é necessário buscar entender quais são, ou de que ordem são, algumas das necessidades emocionais do ser humano a fim de compreender melhor a tríade persuasiva que se utiliza desse saber para convencer e obter eficácia. O que existe por trás da tríade? Para responder a isso, será imprescindível evocar o que Freud disse a respeito da civilização, como se originou e se desenvolveu, quais experiências possibilitou para homem no curso dessa transformação e, em última instância, a que custo psicológico se estabeleceu e que consequências deixou na constituição de cada homem e na sociedade.

Freud defende, em *O futuro de uma ilusão*,<sup>191</sup> que a civilização humana inclui conhecimentos e habilidades que foram desenvolvidas para que o homem pudesse controlar as forças da natureza e as relações dos homens entre si. Segundo ele, todo homem é inimigo da civilização e, portanto, esta deve ser defendida dos impulsos hostis deste mesmo ser humano que, apesar das conquistas (riquezas, invenções na ciência, tecnologia e outros) pode, em contrapartida, ser aniquilado pelas próprias criações. Assim, a civilização só acontece quando, sob coerção – imposta a uma maioria por uma minoria que controla o poder – o indivíduo renuncia seus instintos.

A que tipo de renúncia Freud se refere? Ele afirma, categoricamente, que estão presentes em todos os indivíduos tendências destrutivas contrárias à civilização, pois esta cria proibições (regulamentos) que privam o homem de ter seus instintos satisfeitos, gerando um sentimento de frustração. São essas privações que

---

<sup>191</sup> FREUD, S. **O futuro de uma ilusão [1927]**. Rio de Janeiro: Imago, 1996b. v. XXI. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud).

alimentam a hostilidade do ser humano contra a cultura. Para ele, só é possível a grande maioria suportar o ônus dos sacrifícios instintuais impostos, através da influência de pessoas reconhecidas como líderes que induzem a massa a efetuar o trabalho necessário apesar das renúncias. De maneira geral, a defesa da civilização é conquistada através da coerção, mas, também, de reconciliar os homens com ela e recompensá-los pelos sacrifícios: uma vantagem para a grande massa.

Freud apresenta, como exemplo, os desejos pulsionais de incesto, ânsia de matar e canibalismo como sendo renúncias importantes realizadas pelo homem. Referente ao canibalismo, ele acredita que este parece ter sido dominado; os desejos incestuosos são capazes de serem detectados por detrás da proibição; e o assassinato ainda é praticado intensamente na civilização. Apesar disso, o homem teve grande desenvolvimento ao longo da história e uma dessas vantagens foi o fortalecimento do superego, ou seja, a internalização dessas proibições. No entanto, ele segue enfatizando que, apesar da conquista, muitos obedecem às proibições culturais e a temem apenas porque é seguido de consequência e/ou coerção efetiva.

A civilização, por exercer pressão no homem pela exigência de renúncia ao instinto, recebe de volta sua hostilidade. Freud, todavia, começa a imaginar como seria se essas proibições fossem suspensas e o homem pudesse fazer o que quisesse, como tomar a mulher do próximo como objeto sexual, matar o rival, roubar o que é do outro etc. Conclui que essa sucessão de satisfações, a princípio, poderia ser considerada esplêndida, não fosse o fato primordial, e muito bem destacado por ele, de que: todos os outros têm exatamente os mesmos desejos e os realizariam sem consideração alguma os mesmos feitos. Apenas um tirano ou um ditador possuidor dos meios de poder poderia viver esta felicidade através da remoção das restrições:

É verdade que a natureza não exigiria de nós quaisquer restrições dos instintos, deixar-nos-ia proceder como bem quiséssemos; contudo, ela possui seu próprio método, particularmente eficiente, de nos coibir. Ela nos destrói fria, cruel e incansavelmente, segundo nos parece, e, possivelmente, através das próprias coisas que ocasionaram nossa satisfação.<sup>192</sup>

---

<sup>192</sup> Ibidem, p. 24.

Sendo assim, tornou-se melhor o agrupamento de todos para a criação da civilização a fim de tornar possível a vida em conjunto, do contrário, todos se matariam. Em contrapartida, defendemo-nos *juntos* contra a Natureza, sendo ela mesma o pior inimigo da civilização, pois assume um grande papel: escapa totalmente de qualquer controle humano. A terra, a água, as tempestades, as doenças e a morte são situações contra as quais não foi encontrado um modo de controlá-las ou mesmo suprimi-las, apenas temê-las. A grande ilusão está, segundo Freud, na ideia de que nos dedicando ao trabalho da civilização, poderia ser possível fugir dessas forças da Natureza que se voltam com frequência contra nós. Por se erguer com tanta voracidade, “majestosa, cruel e inexorável”,<sup>193</sup> traz à civilização – e também para o indivíduo – a condição do desamparo e impotência.

Bauman<sup>194</sup> trata do medo na contemporaneidade e faz pensar quão atual foi e ainda é a discussão sobre o desamparo do homem frente ao que não pode controlar, o que não pode prever e o que não pode resolver, ou seja, os medos relativos à natureza e outros que o deixam na condição de desamparo, discussão realizada especialmente com os escritos de Freud. Bauman explica que o maior pavor do ser humano é o que denominou “ubiquidade dos medos”,<sup>195</sup> isto é, o que pode emergir e acontecer em qualquer lugar, pegando o indivíduo desprevenido como: algo que “vaza” das ruas escuras, do local de trabalho, do metrô, de inundações, secas, terrorismo, crimes, agressões, ar poluído, comida envenenada etc. No entanto, existe a “terceira zona” que ele considera a mais aterrorizante, que “entorpece” os sentidos e ameaça destruir lares, empregos e corpos: os desafortunados e propensos a calamidades, tais como a seca do petróleo, a ausência abrupta e indeterminada de energia, colapso das bolsas de valores, companhias poderosas que desaparecem em um piscar de olhos e com ele os empregos, aviões ultramodernos que caem apesar da tecnologia:

Todos os dias, aprendemos que o inventário de perigos está longe de terminar: novos perigos são descobertos e anunciados **quase diariamente** [grifo meu], e não há como saber quantos mais, e de que tipo, conseguiram escapar à nossa atenção (e à dos peritos!) – preparando-se para atacar sem aviso.<sup>196</sup>

<sup>193</sup> Ibidem, p. 25.

<sup>194</sup> Cf. BAUMAN, Z. **Medo Líquido**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

<sup>195</sup> Ibidem, p. 11.

<sup>196</sup> Ibidem, p. 12.

E o sociólogo conclui que a sociedade líquido-moderna é um dispositivo que tenta tornar a vida do indivíduo tolerável, pois é impossível livrá-lo do medo, dos perigos e ameaças constantes: uma longa luta difícil de ser vencida.

Como foi apontado, é impossível controlar e prever as forças hostis provenientes da natureza – e de outros lugares mais, como acima mencionado – e que a civilização é impotente sobre essas questões. No entanto, para Freud, a civilização prossegue com o intuito de não mais defender-se contra essas forças (já que se trata de uma empreitada vã), mas agora em *consolar-se*. A civilização desenvolveu, portanto, um estratagema para retirar do universo e da vida os seus temores. Passou a crer, então, na existência de seres e/ou uma Vontade sobrenatural que controlam os acontecimentos e infortúnios do mundo e que, portanto, uma “comunicação” com eles seria viável a fim de os “subornar” para evitar o temível. Ou seja, cria-se uma instância, uma “pessoa”, um “ser” externo ao qual é possível se associar a fim de aplacar a ansiedade do desamparo: a isso Freud chamou de ilusão.

Essa situação de desamparo, explica Freud, já foi vivenciada pelo homem na tenra idade em relação aos pais: eram temidos, mas também os protegiam dos perigos. O desamparo continua desde a infância até a vida adulta e, ainda, o anseio de um pai protetor assim como o tivera no início. Descolar essa vivência e assemelhá-la quando adulto foi natural. Agora, pode ser substituído por um Deus ou deuses que mantém a missão de “exorcizar os terrores da natureza, reconciliar os homens com a残酷za do Destino, particularmente a que é demonstrada na morte, e compensá-los pelos sofrimentos e privações que uma vida civilizada em comum lhes impôs”.<sup>197</sup>

A tarefa de assistir os sofrimentos humanos e dar um fim aos seus males ficou para os deuses ou para a ordem divina, elevados a um patamar para além da sociedade e estendidos à natureza e universo. Isso tudo nasceu de acordo com as necessidades internas do homem de poder tornar tolerável sua condição de desamparo. A vida passa a ter um outro sentido: o de aperfeiçoamento do homem, de sua alma e a ideia de que tudo o que acontece no mundo é pura expressão de algo ou um Ser superior que sabe o que é melhor para o indivíduo e ordena conforme achar que lhe convém, conforme sua superior inteligência. A própria ideia

---

<sup>197</sup> FREUD, 1996b, p. 26. v. XXI.

de morte começa a ter outro sentido, não mais a um retorno ao inanimado, mas um novo começo. Freud sintetiza bem a ilusão do alívio quando diz que “Ao final, todo o bem é recompensado e todo o mal, punido, senão na realidade, sob esta forma de vida, pelo menos em existências posteriores que se iniciam após a morte”.<sup>198</sup>

A respeito da morte, torna-se importante salientar o que Bauman<sup>199</sup> expõe sobre isso. Ele entende que a morte é uma ideia terrível porque traz à tona a qualidade de tornar todas as outras qualidades não mais negociáveis. Ela significa, em última instância, que nada mais acontecerá com o indivíduo, nada. Deste modo, diferentemente dos animais, o homem tem consciência da inevitabilidade da morte e esta ideia é, por si só, a tarefa mais difícil do ser humano que com pavor sabe disso e precisar viver *apesar de*. Ele continua o raciocínio dizendo que para tornar suportável a vida com a consciência da morte, foram criadas várias formas, estratégias e ideias para resolver essa questão. A mais conhecida invenção, e aparentemente a mais efetiva do ser humano, foi negar a ideia de morte como um fim e entendê-la como uma passagem desta para outra vida. Na verdade, uma ideia de que a vida após a morte é garantida e dependerá de como o indivíduo vive a vida antes de morrer: “Lembrar a iminência da morte mantém a vida dos mortais no curso correto – dotando-a de um propósito que torna preciosos todos os momentos vividos”.<sup>200</sup>

Para Freud,<sup>201</sup> essas são ideias religiosas e que são tidas como o que há de mais valioso e importante na civilização, pois surgiram da necessidade de defesa contra as forças esmagadoras da Natureza. Ele toma cuidado ao dizer que essas ideias foram fornecidas pela civilização ao longo do tempo e que, no mais, quando o homem as personifica está, na verdade, seguindo um modelo infantil, pois é natural ao homem assim fazê-lo para compreender e controlar seus medos.

Freud recorre ao modelo infantil para explicar a necessidade do homem em criar a religião a fim de sentir-se protegido que se vincula à reflexão sobre o desamparo. Ocorre mais ou menos da seguinte maneira: a libido na criança segue suas necessidades narcísicas, liga-se aos objetos que assegurem a satisfação de suas necessidades. A mãe que satisfaz as necessidades básicas, como a fome da criança, torna-se seu primeiro objeto de amor e, também, a primeira proteção contra

<sup>198</sup> Ibidem, p. 28. v. XXI.

<sup>199</sup> Cf. BAUMAN, 2008.

<sup>200</sup> Ibidem, p. 47.

<sup>201</sup> Cf. FREUD, 1996b. v. XXI.

os perigos que a ameaçam no mundo (a mãe oferece alimento para necessidades fisiológicas do bebê, mas também supre as demandas de amor e proteção do mesmo). Logo, a mãe é substituída por alguém mais “forte” que fica nessa posição ao longo da infância: o pai. Esse substituto constitui perigo para a criança, mas, ao mesmo tempo, ela anseia por ele e o admira. Essa ambivalência está impressa, segundo Freud, em toda a religião. Ele continua elucidando que, quando a criança se torna adulta, descobre que está destinado a viver sem proteção contra estranhos poderes superiores e projeta características da figura do pai a essas figuras sobrenaturais: “[...] cria para si próprio os deuses a quem teme, a quem procura propiciar e a quem, não obstante, confia sua proteção”.<sup>202</sup> A partir disso, defende-se contra este desamparo infantil criando um outro “pai”, posteriormente a religião, que irá proceder de forma idêntica à sua necessidade de proteção tal como outrora. A criança aferra-se à existência de um pai, só que mais poderoso e, assim, cria a providência divina que faz cessar o temor aos perigos da vida.

A religião seria uma manifestação dessa nostalgia do pai. Segundo Freud, ela abrange um sistema complexo de ilusões plenas de desejo e que repudia a realidade. A imagem de Deus não foi apenas uma compreensão interna, mas a imagem do pai deslocada para a imagem de Deus-Pai. Existe, portanto, uma reminiscência histórica no qual o poder da ideia religiosa é incomparável.

Ao que parece, a religião foi *necessária* para que o indivíduo se protegesse e pudesse ser possível sua existência no desamparo “Constitui alívio enorme para a psique individual se os conflitos de sua infância, que surgem do complexo paterno – conflitos que nunca superou inteiramente – são dela retirados e levados a uma solução universalmente aceita”.<sup>203</sup> Para Freud, a origem dessas ideias religiosas são ilusões dos mais antigos e fortes desejos da humanidade e só se mantêm porque depende das forças do desejo. Esclarece que a ilusão não é o mesmo que um erro e que não precisa ser completamente falsa, mas uma crença ilusória que constitui-se como realização de um desejo desprezará, certamente, relações com a realidade, pois a ilusão não dá valor ao que é suscetível de prova – tal como a crença de que o Messias virá e fundará uma idade de ouro, ou seja, isso é muito menos provável de acontecer do que uma jovem encontrar, em sua ilusão, um “príncipe” para casar-se.

---

<sup>202</sup> Ibidem, p. 33. v. XXI.

<sup>203</sup> Ibidem, p. 39. v. XXI.

Freud não pretende avaliar o valor de verdade das doutrinas religiosas, apenas convencer que se tratam de ilusões e justifica:

As doutrinas da religião não constituem um tema sobre o qual se possa tergiversar [...] Nossa civilização se ergue sobre elas e a manutenção da sociedade humana se baseia na crença da maioria dos homens na verdade dessas doutrinas. Caso se lhes ensine que não existe um Deus todo-poderoso e justo, nem ordem mundial divina, nem vida futura, se sentirão isentos de toda e qualquer obrigação de obedecer aos preceitos da civilização.<sup>204</sup>

Ampliando um pouco mais a descrição freudiana, Aletti<sup>205</sup> esclarece que a representação de Deus é composta e sobre determinada, ou seja, para que aconteça é necessária uma interação dinâmica com os objetos primários, levar em conta o conflito edipiano, os traços pessoais dos genitores e as formas de interação real entre eles e a criança, a experiência com os irmãos, o ambiente (sociocultural) e condições específicas e individuais da criança: tudo isto acompanha o momento em que se instaura a representação de Deus. Mesmo assim, Aletti questiona a interpretação freudiana de que Deus é um pai “agigantado” e enfatiza que “[...] a invocação e a nostalgia de Deus são, para o crente, uma das formas da Sua presença, junto com o desejo de ser amado e de ser perdoado [...]”<sup>206</sup>.

Para Aletti, Freud reconduz inadequadamente a necessidade de experiência da figura paterna que possa simbolizar uma paternidade divina e se pergunta o que acontece àqueles, por exemplo, que tiveram uma experiência negativa e carente do pai? Ele conclui que o símbolo “pai” se coloca de forma muito complexa na nossa sociedade contemporânea e como consequência da pluralidade de representações culturais que a paternidade possui, a figuração religiosa de Deus Pai pode mudar, pois se movimenta conforme a cultura. E, mesmo assim, a experiência em relação à figura do pai-terreno também muda e evolui na história individual do sujeito. Ele bem lembra que o pai da criança, o pai protetor não é o mesmo pai adversário do adolescente e, certamente, não é o mesmo pai ancião e depois marginalizado, ou cuidado pelo filho adulto mais tarde. Portanto, a relação com Deus ou com a “religião pessoal” se estrutura no espaço potencial complexo que abarca experiências

<sup>204</sup> Ibidem, p. 43. v. XXI.

<sup>205</sup> Cf. ALETTI, M. A figura da ilusão na literatura psicanalítica da religião. **Psicologia USP**, v. 15, n. 3, p. 163-190, 2004.

<sup>206</sup> Idem. Arte, cultura e religião na vida adulta: rabiscos winnicottianos. In: ARCURI, I. G.; ANCONA-LOPEZ, M. (Org.). **Temas em psicologia da religião**. São Paulo: Votor, 2007, p. 17.

emocionais muito primárias e que influenciará, quando adulto, na continuidade da experiência de se sentir acolhido ou não nos “braços” de Deus. Quando se fala em Deus, é natural que mecanismos de representações psíquicas diversas sejam acionadas (do ambiente, da infância e outros) e eles serão sustentados pelo modo em que o sujeito irá desenvolver sua criatividade com a religião. Para Aletti, é possível vivê-la longe do dogmatismo temido por Freud. A possibilidade do sujeito iludir-se na área intermediária do qual fala Winnicott, de vivenciar o mundo interno e externo de forma criativa, de forma profunda, de uma intuição estética e de fé é possível. Não é a religião que é transicional, mas o uso que o sujeito faz dela. No entanto, também é certo que um encontro desestruturante do indivíduo com a religião poderá conduzir a uma relação religiosa complicada e, não obstante, a que sempre foi temida por Freud:

Os objetos religiosos se reduzem a talismãs, a criatividade pessoal, a fantasia e a brincadeira são mortificadas em estereotipia e repetição; o simbolismo religioso decai em realismo e fundamentalismo literalista no confronto com os textos sagrados; os ritos religiosos se desagregam em rituais obsessivos, ou esotéricos, para iniciados; a pertença à igreja ou grupo religioso se manifesta em fanatismo, ou gregarismo e dependência; a confiança no líder degenera em enfraquecimento da crítica; a solidariedade e coesão interna se cristalizam em fechamento e afastamento do exterior, sectarismo, medo do mundo e impossibilidade de crescer.<sup>207</sup>

Ou seja, uma relação “perversa” ou “neurótica” com a religião. Freud não pretendeu avaliar a veracidade das doutrinas e/ou da religião em si, mas, segundo Gontijo,<sup>208</sup> a verdadeira preocupação dele estava sobre os danos espirituais que esta lhe poderia causar como o dogmatismo religioso, ou seja, ilusão como forma de opressão do homem pelo próprio homem.

Fromm<sup>210</sup> admite que a religião está, atualmente, mais preocupada com a manutenção de certos dogmas do que com a prática do amor e humildade nos atos da vida diária e que tem falhado na função de guardiã da moral. Para ele, a religião tem compartilhado de inúmeras violações do poder secular e poderia impedir, com a força que possui, a regressão a cultos primitivos e idólatras. O grupo religioso

<sup>207</sup> ALETTI, 2004, p. 180-181.

<sup>208</sup> Cf. GONTIJO, E.D. Limites e alcance da leitura freudiana da religião. In: MASSIMI, M.; MAHFOUD, M. (Org.). **Diante do Mistério**: psicologia e senso religioso. São Paulo: Loyola, 1999, p. 143-162.

<sup>210</sup> Cf. FROMM, E. Análise de alguns tipos de experiência religiosa. In: \_\_\_\_\_. **Psicanálise e Religião**. 2 ed. Rio de Janeiro: Ibero-American, 1962, p. 29-78.

deveria possibilitar uma experiência de solidariedade com outros, pois é nesta comunhão que é possível vivenciar certa dose de segurança.

Ele cita dois tipos de religião: a autoritária e a humanista. A autoritária exerce controle e tem direito à obediência – sua principal virtude – reverência e devoção. A submissão a Deus é o principal aspecto dessa religião. O poder superior não está acompanhado de qualidades como amor, justiça e outros, mas é um Ser que exige devoção. A desobediência constitui pecado e é punida. A divindade concebe o homem como fraco e insignificante; esse, apesar de submeter-se a autoridade poderosa e perder sua independência, encontra um meio de fuga contra seu sentimento de desamparo e limitação, pois ganha proteção de um Ser de respeito do qual ele sente fazer parte. Deus é símbolo de poder e força e o homem, do outro lado da balança, infinitamente fraco. Já a religião humanista, entende o homem com suas potencialidades e seu maior objetivo é fazê-lo encontrar máxima força e virtude. As experiências intelectuais e emocionais o convencem de sua crença, e não aceita cegamente, como na religião autoritária, apenas por acreditar em quem a formulou.

No cristianismo, imperam os dois princípios e a preponderância de um ou outro que irá determinar suas tendências. Fromm elucida o problema das projeções que constantemente são realizadas em torno da figura Divina e que, talvez, dê maior clareza quando se lê as críticas de Freud sobre o problema da religião. Ele esclarece que o homem projeta o que tem de mais valioso na figura de Deus ou de alguma divindade e, se assim o faz maciçamente, o que lhe resta? Para o autor, uma alienação de si mesmo. O sujeito, para entrar em contato consigo mesmo novamente, adora a Divindade para tentar encontrar, na adoração, parte de si mesmo. Depois de transferir tudo para Deus, fica fraco e empobrecido, à mercê desse Ser, sentindo-se “pecador”. Admite, então, que precisa da graça desse Deus para conquistar aquelas qualidades que o tornaram humano, mas, para obter essa devolução, é preciso provar o quanto pobre e dependente é a fim de persuadir a figura divina a guiá-lo de acordo com Sua sabedoria. Tudo isso faz com que o homem se sinta mal e sem forças: começa a ficar sem fé em seus semelhantes, pois está destituído de afeto em si mesmo, desconhece que possui liberdade para a razão, movimenta-se sem amor – sente-se pecador em dobro por isso – e procura reconquistar o sentimento humano na aproximação com o Divino.

Em face disso, Fromm acredita ser esse um círculo vicioso e diz:

Encontra-se assim em face de um doloroso dilema: quanto mais louva a Deus, mais vazio se sente; quanto mais vácuo interior experimenta, mais pecador se considera; tanto mais pecador se considera, mais deve louvar a Deus – e cada vez se torna menos capaz de realizar a própria reconquista.<sup>211</sup>

Quanto à dependência do homem que está sujeito às agruras e hostilidades deste mundo, não há o que ser negado – Freud já realizou considerações importantíssimas sobre isso. No entanto, para Fromm, reconhecer as limitações do homem sobre sua condição é natural e faz parte para que ele obtenha a sabedoria; outra coisa é estimular a dependência cultuando e empoderando essas forças da natureza em geral para obter controle sobre as pessoas, o que para ele constitui atitude masoquista e autodestrutiva. Ele apresenta um parâmetro para essa diferenciação quando esclarece que, se os ensinamentos religiosos estimulam o crescimento e a felicidade de seus fiéis, então se está diante dos frutos do amor, do contrário, se contribui para sua infelicidade e improdutividade, por mais que o dogma afirme, não se origina do amor.

Fromm convoca a psicanálise a se debruçar sobre a matriz emocional para compreensão da realidade humana que preside os sistemas de pensamentos e averiguar mais de perto o que está relacionado às forças emocionais inconscientes e estudar se o alicerce de tais atitudes pode ser aplicado a diferentes religiões e, no mais, que atitudes humanas opostas se ocultam por detrás da religião.

Apesar das considerações acima, sabe-se que ainda hoje perduram dinâmicas religiosas dessa categoria com numerosos fiéis que aceitam tamanha subordinação e alienação de si. Ainda é muito atual o que Freud admitiu: que, apesar de tudo, algumas pessoas só conseguem suportar suas vidas porque encontraram consolo e auxílio em determinadas doutrinas religiosas. Neste caso, parece que a civilização não possui nada a oferecer em troca dessa ilusão e que a ciência, que poderia assim fazê-lo, não conseguiu muita coisa: “Este possui necessidades imperiosas de outro tipo, que jamais poderiam ser satisfeitas pela frígida ciência [...].”<sup>212</sup>

De certa forma, Freud confessa que é melhor ocultar à consciência de que a religião não se acha de posse da verdade e nos comportamos “como se” para que o interesse da preservação humana continue porque, do contrário, o caos banido

<sup>211</sup> Ibidem, p. 63-64.

<sup>212</sup> FREUD, S. 1996b, p.44. v. XXI.

através de milhares de anos poderia retornar. Esta ideia fica bem exemplificada quando questiona o leitor sobre o mandamento “Não matarás”. Ao que lhe parece, a única razão que faz com que um indivíduo não mate seu próximo está na obediência dessa ordem divina e que, se não seguida, estará sujeito a punição nesta vida ou na futura. Segundo ele, se provassem que Deus não existe e que não há porque temer Seu castigo, o matar seria realizado sem qualquer hesitação. Então, desse modo, é melhor manter esta massa afastada de qualquer “despertar intelectual”<sup>213</sup> ou então a religião e a civilização deverão encontrar novos modos de controle destes impulsos e ou estratégias outras para a não destruição do outro.

Para Aletti, esse “consolo” que a religião oferece, explicitado por Freud, não ocorre de maneira tão tranquila como talvez se possa supor. Ele enfatiza que “[...] o posicionamento pessoal do crente está sempre em tensão dialética com as formas institucionalizadas da religião (dogma, culto, organização), recortando-se uma ‘zona intermediária’ entre subjetividade e objetividade”<sup>214</sup>. E é porque essa interação acontece que é possível ao indivíduo conferir sentido que lhe explica a aceitação ou a recusa da crença, de seus símbolos e ritos.

Gontijo<sup>215</sup>, por sua vez, faz uma distinção bastante curiosa sobre a experiência de Deus e a experiência religiosa. A religião para ele está intimamente ligada à experiência e, por isso, a grande importância de mencionar algumas particularidades. No caso da experiência de Deus, ele define como sendo uma experiência de transcendência, de plenitude, que ilumina e liberta da ilusão. De um ponto negativo, impossibilita o vazio. Já a experiência religiosa se configura como sendo a experiência do Sagrado e possibilita multiplicidades de vivências e fenômenos que estão condicionados aos diversos lugares e tempos. Ele continua enfatizando que a religião, nesse sentido, dirige-se ao homem para aliviá-lo de suas misérias, uma doutrina de salvação em essência e não ciência ou filosofia.

Mesmo considerando que a religião tem papel fundamental na organização e controle dos impulsos hostis, controlando e domando-os de alguma forma através de suas doutrinas, Freud acredita que a civilização corre maior perigo na aceitação dessas ideias religiosas do que em seu abandono. Justifica sua afirmativa quando esclarece que, apesar de seu grande e inegável alcance, a religião não pode tornar

---

<sup>213</sup> FREUD, 1996b, p. 48. v. XXI.

<sup>214</sup> ALETTI, 2004, p. 180.

<sup>215</sup> GONTIJO, 1999, p. 151-152.

a humanidade mais feliz, nem mesmo trazer conforto ou conciliação com a vida. Pelo contrário, as pessoas estão mais infelizes e desejosas de se libertarem do jugo da civilização – mesmo em outra época em que sua influência era irrestrita, crê duvidoso de que as pessoas fossem mais felizes – e acredita que isto se deve principalmente aos progressos da ciência, que tornou menos críveis algumas particularidades da religião: em relação aos documentos religiosos, revelou alguns erros, por exemplo. Sua conclusão sobre isto está bem clara na citação a seguir:

O espírito científico provoca uma atitude específica para com os assuntos do mundo; perante os assuntos religiosos, ele se detém um instante, hesita, e, finalmente, cruza-lhes também o limiar. Nesse processo, não há interrupção; quanto maior é o número de homens a quem os tesouros do conhecimento se tornam acessíveis, mais difundido é o afastamento da crença religiosa, a princípio somente de seus ornamentos obsoletos e objetáveis, mas, depois, também de seus postulados fundamentais.<sup>216</sup>

O conhecimento livre de doutrinas religiosas pode tornar possível uma liberdade de pensar, o que não quer dizer uma mudança da natureza psicológica do homem. O trabalho científico está a serviço de conseguir algum conhecimento da realidade do mundo, através do qual se possa aperfeiçoar os modos de viver. A ciência, para Freud, está longe de ser uma ilusão e obteve grandes sucessos, apesar de jovem. Através dela, a fé religiosa está sendo ameaçada o que faz com que agora torne-se inimiga da ciência. O que a ciência não consegue ainda explicar está justificada em si mesma: ciência é desenvolvimento e progresso e não revoluções – uma lei válida hoje não o será nas próximas gerações, pois a verdade anterior fica ultrapassada em relação a verdade alcançada. A diferença disso em relação a religião, para o vienense, está no fato de que se a fé for desacreditada, tal como a ciência o é o tempo todo mas sobrevive a isso, nada restará a não ser o despertar de tudo, despertar da servidão. No entanto, talvez Freud estivesse equivocado nisso – na verdade, os fundamentos emocionais da religião são muito mais poderosos do que ele mesmo viu e a sociedade parece ter aumentado o desamparo do homem através dos próprios meios que supostamente deveriam melhorá-lo (conhecimento científico que não encontra consenso e não explica os "grandes mistérios"; bens de consumo que prometem completude, mas geram mais

---

<sup>216</sup> FREUD, 1996b, p. 47. v. XXI.

vazio, etc.) de onde o aumento do apelo das religiões (principalmente nas classes mais pobres) e da autoajuda (nas camadas médias).

Gontijo, pensando esse discurso freudiano, enfatiza o problema de se estabelecer uma cisão irreparável entre razão e fé, que na pior das hipóteses, cria vínculos perversos, desumanos, exploratórios e agressivos de apropriação do homem pelo homem. Apesar dos avanços de Freud sobre a temática, ele encontra limites na obra que peca por não abordar a seguinte questão: o homem se ocupa, sobretudo, do sentido da vida. A religião, para Gontijo, tem como principal função desvelar um possível horizonte de sentidos ao homem e duvida que a adesão a um estrito racionalismo que subordina as exigências da fé a uma racionalização seja o melhor caminho. Ele conclui seu raciocínio dizendo que:

Fosse este o caso, correr-se-ia o risco de assistir a uma espécie de império da barbárie, pelo exercício despótico de uma racionalidade puramente técnico-instrumental, que, exercendo-se em nome do Logos, revelar-se-ia parcial, ao perder completamente de vista o apelo de qualquer incondicionalidade que interpelasse legitimamente a liberdade do homem e lhe possibilitasse realizar o mais plenamente possível uma vida com sentido como pessoa humana.<sup>217</sup>

Pode-se afirmar que, então, a religião é necessária para o bom funcionamento psicológico do homem?

Vergote<sup>218</sup> traz algumas reflexões importantes a esse respeito. Ele afirma que a experiência clínica de Freud o levou a questionar sobre a necessidade social da religião. O homem tinha alguns objetivos quando criou a religião e essa busca não era – e ainda não é – a respeito da verdade filosófica ou científica. Foi por duas necessidades: vital e moral, uma construindo a sociedade e, a outra, a religião respectivamente. No entanto, para este autor, se dermos ouvidos a Freud, podemos entender que o que o homem deseja é permanecer vivo defendendo-se de quem o agride e a religião estaria a serviço da pulsão de autoconservação. Para Vergote, parte dessa observação é verdadeira, como quando os pais, para sustentarem a autoridade e educação moral em geral perante os filhos, utilizavam-se da religião que imprimia maior peso. A religião, nesse caso, conferia um sentido à vida e maior

---

<sup>217</sup> GONTIJO, 1999, p.156.

<sup>218</sup> Cf. VERGOTE, A. Necessidade e desejo da religião na ótica da psicologia. In: PAIVA, G. J. de. **Entre necessidade e desejo:** diálogos da psicologia com a religião. São Paulo: Loyola, 2001, p. 9-24.

fundamento à autoridade e leis. Um exemplo desse reforço estaria no discurso que enfatizava o castigo divino e, portanto, o medo.

Fromm<sup>219</sup> comenta sobre isso o seguinte: sempre em uma sociedade será preferível fazer uso de uma doutrina, apesar das faláciais absurdas de algumas, a se sentir isolada e em ostracismo, pois não existe, segundo ele, nada tão terrível que não ofereça algum conforto, desde que vivido em comunhão com outros. Essa afirmação parece justificar o largo uso feito da religião pelos pais, em confluência com as palavras do livro de Provérbios 23:13-14, por exemplo: “Não evite disciplinar a criança; se você a castigar com a vara, ela não morrerá. Castigue-a, você mesmo, com a vara, e assim a livrará da sepultura”.<sup>220</sup>

No entanto, na leitura de Vergote, apesar de Freud comentar sobre a nostalgia do pai, termo que remete à ordem do desejo, reconduz o desejo a ideia de pulsão de autoconservação e, então, à ordem da necessidade. Freud, para esse autor, defendeu de forma clara que a religião foi criada pelo homem e não pela divindade e que, portanto, não é possível crer religiosamente, pois se trata de uma ilusão criada pelo próprio homem.

Vergote, diferentemente de Freud, comprehende e defende a ideia de que a religião é positiva para o homem e é possível uma crença a seu respeito – apesar dos abusos cometidos por líderes religiosos influentes e que, por isso, se constituem nocivas à saúde e à cultura. Acredita, sobretudo, que o homem procura sempre o que é benéfico para si e, se criou a religião, então é porque é necessária para ele: “Portanto, é porque ela é necessária que o homem é religioso”.<sup>221</sup>

O pensamento de Vergote leva a Romain Rolland, amigo de Freud citado em *O mal-estar na civilização*<sup>222</sup> que, respondendo ao livro *O futuro de uma ilusão* enviado por Freud, lamentou por ele não refletir, com maior particularidade, sobre a verdadeira fonte da religiosidade, sobre o sentimento “oceânico”, sentimento de experiência do que não tem limite e do qual muitos são testemunhas. Entende-se que Rolland escreve, de certa forma, sobre a experiência religiosa da qual Freud não pretendeu abordar. Para Rolland, esse sentimento de “eternidade” está para além da religião, dos sistemas religiosos, e mesmo da crença em alguma divindade,

<sup>219</sup> FROMM, 1962.

<sup>220</sup> BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**: nova versão internacional (1993-2000). São Paulo: Sociedade Bíblica Internacional, [s.d.], p. 507.

<sup>221</sup> Ibidem, p. 21.

<sup>222</sup> Cf. FREUD, S. **O mal-estar na civilização [1929-1930]**. Rio de Janeiro: Imago, 1996c. v. XXI. (Edição Standard Brasileira da Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud).

pois se trata de um fator subjetivo. Em resposta a ele, Freud afirma não possuir tal sentimento, mas não se permite duvidar que exista e que o mesmo tenha ocorrido com outras pessoas; duvida apenas que esse sentimento possa ser encarado como origem de toda a religião ou a necessidade dela.

Alguns psicólogos, por exemplo, defendem a religião como necessária para a saúde mental – e a valorizam por isso – pois entendem que o homem a cria por necessidades psicológicas, tal como Freud também afirmara. No entanto, Vergote<sup>223</sup> deixa claro a respeito dessa visão que a necessidade da religião é a da *utilidade* tornando-se, portanto, em uma função, uma estratégica psicológica, o que para ele é um absurdo. Absurdo porque, ao lado dos pedidos pelo bem-estar imediato, por proteção contra os males deste mundo, existe, ao mesmo tempo, celebrações não por admiração à religião, mas a Deus (ou deuses) e que possui caráter festivo. Ou seja, não há procura de um benefício propriamente, mas o prazer na experiência de felicidade de se estar perto de Deus e, desse ângulo, nada tem de útil ao homem.

A relação de primeiro plano está com o Divino e não com a religião e, em grande parte, as celebrações possuem foco nos sentimentos de alegria pelo elo afetivo que homens religiosos podem ter com sua divindade, não estando incluso nisso o desejo de autoconservação, tal como Freud apresenta, nem de bem-estar psicológico que está na categoria da necessidade, ligada ao interesse imediato do homem, mas à alegria de saber que se está com Deus (ou perto dEle) que ama incondicionalmente, portanto, o amor não é exclusivo, mas compartilhado com outros, o que supõe certa ausência de egoísmo de quem quer esse tipo de experiência; e saber que está, de certa maneira, do lado do Bem.

Para Vergote, o desejo vai além do que é necessário e útil; na verdade, o desejo leva o homem a modos de existência que o “fazem gozar e celebrar: a beleza, o amor, a experiência do divino e a relação com ele”.<sup>224</sup> Ele retoma os conceitos freudianos fundamentais para lembrar que: o homem pertence à natureza biológica e a pulsão de autoconservação, mas o que lhe é mais específico está no fato de que a sexualidade não está apenas voltada ao instinto como no animal, mas a uma pulsão que se desenvolve na busca de união com outro ser, de amor e, então, está na ordem do desejo. Esse, segundo ele, não conduz a Deus ou ao divino propriamente, mas possibilita abertura para aquilo que está além do necessário e,

---

<sup>223</sup> VERGOTE, 2001, p. 20-21.

<sup>224</sup> Ibidem, p. 22.

portanto, orienta para o que é divino “[...] porque o tempo do desejo não é o tempo da necessidade [...].”<sup>225</sup>

Paiva<sup>226</sup> também traz considerações relevantes sobre a questão da necessidade ou do desejo do homem a respeito da religião. Um pouco diferente do que Vergote assinalou, ele diz que o desejo não necessariamente é endereçado ao Sagrado, mas na cultura esse Sagrado, Divino, ganha voz, tornando-se de um Deus anônimo para um Deus pessoal interpelando e possibilitando, então, o desejo que encaminha para alguma satisfação que poderá ser a religiosa, mas não necessariamente. Concorda com o fato de que a religião não é uma necessidade do tipo genético, mas leva em conta que as privações de determinado bem são quase determinantes no psiquismo humanizado pela cultura. Para ele, movimentos religiosos que nascem em regiões de grande escassez poderão ser determinados pela necessidade e a religião que convier ao sujeito nessa condição terá algum sucesso.

Em *O mal-estar na civilização*, Freud retoma algumas reflexões do *Futuro de uma ilusão* e enfatiza a insustentabilidade da religião (suas doutrinas e promessas) em explicar os enigmas do mundo garantindo que um Deus velará pela vida do religioso e o compensará em uma vida futura a respeito das mazelas enfrentadas aqui. Esse Deus, sob a figura de um pai engrandecido, é o único que pode compreender as necessidades dos fiéis e aplacar a dor dos mesmos como sinal de seu remorso. Para Freud, tudo é muito infantil e estranho, pois muitos homens são incapazes de sair dessa disposição mental que defende a ideia de Deus e, por ser assim, cometem atos retrógrados defendendo-a em todas as suas facetas: não há uma superação dessa visão infantilizada.

Freud volta a enfatizar que a vida proporciona muito sofrimento para a sociedade e que para suportá-la “medidas paliativas” podem ser utilizadas: derivativos poderosos como a atividade científica, satisfações substitutivas como as oferecidas pela arte e as substâncias tóxicas que alteram e influenciam o corpo e sua química. Ironicamente diz que “Não é simples perceber onde a religião encontra o seu lugar nessa série”.<sup>227</sup>

---

<sup>225</sup> Ibidem, p. 24.

<sup>226</sup> Cf. PAIVA, G. J. de. Psicologia e senso religioso: modalidades do desejo. In: \_\_\_\_\_. **Entre necessidade e desejo**: diálogos da psicologia com a religião. São Paulo: Loyola, 2001, p. 69-77.

<sup>227</sup> FREUD, 1996c, p. 83. v. XXI.

O propósito da vida do homem é a busca pela *felicidade* e está diretamente ligado ao princípio de prazer, ou seja, às experiências de intensos sentimentos que anulam totalmente o desprazer. No entanto, não há possibilidade de ser executado porque todas as normas do universo lhe são contrárias e os homens são restritos pelas renúncias realizadas. Em contrapartida, a infelicidade é mais comum de ser sentida porque ameaça o homem em pelo menos três direções: do próprio corpo, do mundo e do relacionamento com os outros homens. Do corpo, porque é condenado à “decadência e dissolução”; do mundo externo que, com forças de destruição, volta-se contra os homens; e dos relacionamentos uns com os outros porque se torna necessário, para autodefesa, manter-se a distância do outro em um esforço de se criar regulamentos para os relacionamentos sociais, caso contrário, cada indivíduo ficaria à mercê da vontade arbitrária do próximo, e o mais forte dominaria sobre o mais fraco em seus próprios interesses e impulsos.

Freud menciona que “A primeira exigência da civilização, portanto, é a da justiça, ou seja, a garantia de que uma lei, uma vez criada, não será violada em favor de um indivíduo”.<sup>228</sup> Diante de tudo isso, as reivindicações de felicidade ficam moderadas e se voltam para o princípio de realidade, pois se ocupa em evitar o sofrimento em primeiro plano para, só depois, obter prazer.

Além disso, Freud<sup>229</sup> comenta a existência de um tipo de defesa eficaz para se proteger contra o mundo externo: tornar-se membro da comunidade e, junto com todos, sujeitar a Natureza à vontade humana visando ao bem comum. Outra forma extremamente eficaz de defesa contra o sofrimento seria a intoxicação, que provocam sensações prazerosas e imediatas, anulando os efeitos desagradáveis da infelicidade.

A libido pode encontrar outro modo de operar, deslocando-se para outras funções como: sublimação dos instintos pela vida artística e intelectual – mas sua intensidade de satisfação é pouca, comparada às satisfações dos impulsos mais grosseiros; a imaginação, que é uma ilusão separada da realidade e que só pode afastar momentaneamente o indivíduo de seu sofrimento, pois não o leva ao esquecimento de suas reais aflições; o amor que busca satisfação em amar e ser amado, encontrando no amor sexual um modelo para a busca da felicidade; e a busca da felicidade na vida através da fruição da beleza. A atitude estética sobre as

---

<sup>228</sup> Ibidem, p. 102.v. XXI.

<sup>229</sup> Ibidem, p. 85. v. XXI.

formas, objetos, natureza e outros compensa bastante o indivíduo, mas também não o protege contra a ameaça do sofrimento. Nenhum dos caminhos leva ao que o indivíduo realmente deseja ou necessita. Freud conclui a respeito da felicidade:

Não existe uma regra de ouro que se aplique a todos: todo homem tem de descobrir por si mesmo de que modo específico ele pode ser salvo. Todos os tipos de diferentes fatores operarão a fim de dirigir sua escolha. É uma questão de quanta satisfação real ele pode esperar obter do mundo externo, de até onde é levado para tornar-se independente dele, e, finalmente, de quanta força sente na sua disposição para alterar o mundo, a fim de adaptá-lo a seus desejos. Nisso, sua constituição psíquica desempenhará papel decisivo, independentemente das circunstâncias externas.<sup>230</sup>

O homem não busca a totalidade de suas satisfações em uma aspiração apenas, pois muitos fatores estão em jogo para que o indivíduo dê conta de todos eles, de adaptar-se ao meio e, depois, poder explorar o ambiente para obter algum prazer. No entanto, a religião, para Freud, restringe a escolha e adaptação que impõe a todos um caminho único para a felicidade e proteção contra o sofrimento. Segundo ele, a religião deforma o mundo de maneira delirante e, por impô-la, arrasta o indivíduo a um infantilismo psicológico que o leva a um delírio de massa. Ele assegura que apesar de existirem muitos caminhos para a busca de felicidade, nenhum o faz com total eficácia que garanta a segurança. Nisso se inclui também a religião, pois o crente terá de admitir, mais cedo ou mais tarde que, apesar de tudo, seu último consolo será uma submissão incondicional a Deus e a única fonte de prazer possível em seu sofrimento.

A humanidade encontrou inúmeras formas e obteve progressos através da ciência para obter controle sobre a natureza. O homem conquistou muitas realizações e muitas delas sobre o espaço e o tempo. No entanto, nem mesmo essas conquistas bastaram para se obter a felicidade. Ferrovias, por exemplo, foram construídas para possibilitar que um pai visite seu filho quando este parte para algum lugar distante. Isso parece bom e traz felicidade a princípio, mas de que adianta? Para Freud, se as ferrovias não existissem, talvez não fosse possível esse filho ir embora para longe da família, o que seria melhor. Este é um bom exemplo de como o progresso técnico tem valor na economia da felicidade do ser humano em geral. A vida mais confortável não necessariamente tornou o homem cheio de

---

<sup>230</sup> Ibidem, p. 91. v. XXI.

alegria ou que esta subjugação das forças da natureza tenha aumentado a quantidade de satisfações prazerosas do mesmo, pois, em última instância e apesar dos avanços, a civilização foi construída sobre a renúncia aos instintos que gerou um grande e irremediável mal-estar.

Freud esclarece, portanto, que o homem é um ser extremamente agressivo e que o seu próximo é visto como um objeto em potencial para que ele possa gozar de todas as formas: com exploração do trabalho, de forma sexual, possessividade sobre o outro e/ou seus objetos, tortura, e etc., e só apenas por conta do esforço pessoal e de intensas forças mentais em ação que elas se minimizam. Essa inclinação à agressão que está em todos os humanos perturba os relacionamentos e força a civilização a um elevado desgaste de energia. Em consequência disso, a humanidade se vê constantemente ameaçada de desintegração e, por esse motivo, cria esforços para manter sob controle esses instintos agressivos. Daí o método de incitar as pessoas nos relacionamentos amorosos inibindo em sua finalidade (amizades) e o mandamento de “amar o próximo como a si mesmo”, o que vai radicalmente contra toda a natureza original do homem. Espera-se, com essa lei ideal, impedir os excessos mais violentos, mesmo assim não conseguirá impedir as manifestações grosseiras mais sutis da agressividade humana. Ele continua:

A agressividade não foi criada pela propriedade. Reinou quase sem limites nos tempos primitivos, quando a propriedade ainda era muito escassa, e já se apresenta no quarto das crianças, quase antes que a propriedade tenha abandonado sua forma anal e primária; constitui a base de toda a relação de afeto e amor entre pessoas (com a única exceção, talvez, do relacionamento da mãe com seu filho homem).<sup>231</sup>

Um grupo, por exemplo, pode oferecer um escoadouro para a satisfação dessa inclinação para a agressão. No entanto, uma possível hostilidade contra outro grupo, o “intruso”, pode acontecer como no caso do Apóstolo Paulo que Freud<sup>232</sup> bem nos lembra de ter formulado o amor universal como fundamento da comunidade cristã e, em contrapartida, extremamente intolerante com aqueles que permaneceram de fora do cristianismo. Mesmo assim, o homem não consegue ainda ser feliz nessa civilização que lhe impõe sacrifícios tão grandes. Ele trocou parcela da felicidade que poderia obter por uma parcela de segurança.

---

<sup>231</sup> Ibidem, p. 118. v. XXI.

<sup>232</sup> Ibidem, p. 119. v. XXI.

Essa agressividade inibida volta ao próprio ego do homem que a introjeta e internaliza, formando o superego que, por sua vez, atacará com agressividade o ego. Essa tensão levará ao sentimento de culpa. Primeiramente, esse sentimento se originou do medo da autoridade externa de onde teve que renunciar as próprias satisfações para não perder o amor da autoridade, ou melhor dizendo, devido ao medo de agressão por parte da autoridade; depois, medo do superego que além da renúncia, insiste na necessidade de punição contra este ego que teria gostado de se satisfazer sobre outros indivíduos – punição dos desejos proibidos que não podem ser escondidos do alvo superego. A função principal dele é manter vigilância sobre ações e intenções do ego criando censuras. O sentimento de culpa é a percepção do ego de que é vigiado o tempo todo e impotência frente à severidade do superego. É esse sentimento que irá, no contexto religioso, induzir à penitência, à expiação dos "pecados". Esse sentimento permite ao indivíduo religioso a leitura de que a culpa é tudo o que considera ser "pecado", diferentemente da psicologia que entende a culpa como um sentimento considerado parte da natureza humana (não necessariamente boa, mas natural) e que não precisaria desta noção tão fechada e que não permite outras compreensões.

A civilização com isso ganhou um agente que enfraquece o indivíduo e o desarma. A intenção de fazer algo mal equivale, neste momento, ao próprio ato, pois a culpa se apodera do homem apenas porque considerou que seu pensamento foi sobre algo maldoso. Em seu âmago, mal é tudo aquilo que ameaça a perda do amor e que proporciona ao indivíduo a experiência de sentir-se ameaçado. Por isso, o indivíduo sente que deve evitar a coisa má ou mesmo a intenção de realizá-la, já que o superego ficará a espera para atormentar o ego pecador: "[...] o ego dócil e contínuo não desfruta da confiança de seu mentor, e é em vão que se esforça, segundo parece, por adquiri-la".<sup>233</sup> Mais ações e más intenções se equivalem, daí o sentimento de culpa e necessidade de punição.

Isso faz bastante sentido quando Bauman<sup>234</sup> afirma que, na época atual, não somente o grau de incertezas se instala de forma doentia – de onde o homem se sente impotente e humilhado, minando as forças do ego com autodegradação e autodepreciação – mas também a liberdade individual que lhe trouxe grande custo com o qual precisa se defrontar. Para ele, o homem abriu mão de parcela de sua

<sup>233</sup> Ibidem, p.129. v. XXI.

<sup>234</sup> Cf. BAUMAN, Z. A certeza da incerteza. **Revista Percurso** 47, ano XXIII, dez. 2011.

segurança para ter liberdade, mas não raro se encontram pessoas dispostas a abrir mão de suas inúmeras liberdades (duramente conquistadas), para obter parcela da segurança que tanto anseiam: desde Freud, sacrifícios ainda precisam ser realizados!

O sentimento de culpa – ligado ao superego – remonta a morte do pai primevo, ocorrido depois do ódio dos filhos, devidamente explicada por Freud em *Totem e Tabu*. Logo depois veio o remorso pelo ato do parricídio, pois perceberam o amor que sentiam e a importância do pai naquela comunidade. Deus é considerado por Freud um exemplo disso, pois, sendo Ele um substituto do pai primevo, promove que seus “filhos”, ao se sentirem ameaçados pela falta de amor, curvem-se sempre diante dEle para garantí-lo. Essa culpa é expressão do conflito entre Eros e instinto de morte (ou pulsão de morte) que é colocado em ação desde os tempos primórdios de onde foi decidido viver juntos uns com os outros “Enquanto a comunidade não assume outra forma que não seja a da família, o conflito está fadado a se expressar no complexo edipiano, a estabelecer a consciência e a criar o primeiro sentimento de culpa”.<sup>236</sup>

O sentimento de culpa é apresentado como o mais importante problema no desenvolvimento da civilização e o preço que se paga para o avanço dela é a perda da felicidade pela intensificação desse sentimento que é uma variedade topográfica de ansiedade e coincide com o medo do superego, uma ansiedade sempre presente. Essa insatisfação constante, para Freud, é vivida como um mal-estar do qual as pessoas buscam se livrar de diversas maneiras. As religiões nunca desprezaram o papel da culpa, pois desde sempre alegam redimi-los desse “pecado”. A redenção é conseguida, no cristianismo, pelo sacrifício realizado por uma única pessoa que toma sobre si a culpa da humanidade, no caso, Jesus Cristo. No entanto, para Freud, seguir seus mandamentos e principalmente o de “Amar o próximo como a ti mesmo” exige demais do ser humano que não pode controlar seu id além de certos limites. Para ele, este mandamento é impossível de ser cumprido, pois exige do homem um esforço muito grande que o levará, consequentemente, à infelicidade, a uma revolta ou mesmo neurose. Mesmo assim, parece à civilização notório cumprí-la, pois quem assim o faz, apesar das dificuldades, tem ou recebe

---

<sup>236</sup> FREUD, 1996c, p. 135. v. XXI.

méritos por isso, mesmo que a um grande custo. Freud com sua indignação enfatiza:

Que poderoso obstáculo à civilização a agressividade deve ser, se a defesa contra ela pode causar tanta infelicidade quanto a própria agressividade! A ética 'natural', tal como é chamada, nada tem a oferecer aqui, exceto a satisfação narcísica de se poder pensar que se é melhor do que os outros.<sup>237</sup>

Disso resulta a religião prometer felicidade ou compensação na vida após a morte, entre outras promessas. Se o leitor voltar sua atenção para os materiais coletados neste trabalho, que foram expostos antes dessa reflexão freudiana, certamente compreenderá melhor a noção de que todas as mensagens estão voltadas aos aspectos da ordem da necessidade emocional que é imbuída das fragilidades humanas e seu desamparo. A religião promete, através do seu discurso vinculado em suas inúmeras mídias, o amparo criando a esperança, talvez ilusória, de certa dose de felicidade que pode ser vivida nessa vida e também na outra. O discurso é dirigido à angústia mais essencial do ser humano: o desamparo e tudo o quanto isso significa também nos dias atuais, como vimos acima.

A pergunta que cabe agora é: até quando as mensagens religiosas farão uso vantajoso da eficácia de seus conteúdos, levando em conta que a condição penosa que o homem vivencia é terreno fértil para qualquer tipo de promessa que possibilite alívio? As necessidades emocionais podem ser consideradas o "terreno" perfeito pelo qual a persuasão encontrará seu solo para frutificar? A preocupação de Freud, depois de tantas considerações importantes, é saber até que ponto a espécie humana conseguirá dominar sua agressividade e autodestruição: a religião ainda cumpre o papel de "domar" tais impulsos como Freud apontou? Além dessa preocupação totalmente pertinente, para a qual não se tem resposta, cabe colocar a seguinte questão: seria agir de má fé a utilização de mensagens que prometem o alívio? Mas afinal, o homem conseguiria viver sem nenhum consolo sob essa condição de desamparo? Existiria uma maneira do discurso não tocar as emoções mais imperiosas?

---

<sup>237</sup> Ibidem, p. 146.v. XXI.

### C) A importância psicodinâmica do grupo

Não é possível considerar as mensagens iurdianas, que mobilizam a razão e as necessidades emocionais dos fiéis, sem se deter em um fato: a importância do grupo na eficácia das mensagens da igreja. O que isso tem a ver com a persuasão? Exatamente pelo fato de que, apesar da persuasão possuir grande alcance na esfera da razão – demonstrada pela tríade – e das necessidades emocionais já demonstradas, certamente o discurso encontrará maior complexidade de sua eficácia dentro da dinâmica do grupo de fiéis. Freud elaborou importantes reflexões sobre a dinâmica inconsciente dos grupos que será pertinente apontar neste trabalho. Até agora, foi analisado, mais especificamente, a persuasão e seus caminhos com ênfase no plano individual. No entanto, não se pode desconsiderar as reflexões de Freud sobre psicodinâmica do grupo: instância extremamente importante da qual todos fazem parte. Assim, a persuasão se consolida também pela influência do grupo, isto é, mesmo que o discurso do líder não tenha um alcance eficaz em todos os membros da igreja – ou de qualquer outra confraria – se alguns forem alcançados, poderão servir de “exemplo” para os que ainda não foram convencidos e, dessa forma, serem agentes persuasivos capazes de convencer o outro a fazer o mesmo que seus “irmãos” fazem, a fim de evitar o sentimento de exclusão ou “rebeldia” por parte dessa minoria. Que ligação é essa entre os membros do grupo capaz de promover adesão do outro a realizar algo que não gostaria ou se comportar de forma diferente?

Freud,<sup>238</sup> em 1921, busca compreender a dinâmica da psicologia de grupo com o mesmo empenho que se dedicou ao estudo do indivíduo, já que o mesmo sempre está, invariavelmente, inserido dentro de uma raça, nação, instituição e outros que se organizam entre si com alguma finalidade. Primeiramente, ele começa a pensar sobre a descrição da mente grupal descrita por Le Bon que acredita, sobretudo, na existência de um elo específico para que um grupo possa existir e, a partir disso, que as funções inconscientes possam emergir. Para Le Bon, as características individuais de uma pessoa que faz parte de um grupo podem render-se a instintos impetuosos nas quais o mesmo, sozinho, não teria condições de

---

<sup>238</sup> Cf. FREUD, S. **Psicologia de grupo e análise do ego [1921]**. Rio de Janeiro: Imago, 1996d. v. XVIII. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud).

realizar. Ou seja, o grupo permite que impulsos inconscientes individuais, reprimidos até então, possam emergir no coletivo do grupo. Uma segunda causa para que as particularidades dos indivíduos se apaguem em um grupo está nos fenômenos de ordem hipnótica, pela qual sentimentos alheios passam a contagiar o sujeito que se sacrifica pelo interesse coletivo. A terceira causa se dá pelos sentimentos e pensamentos que se inclinam para ideias, às vezes, contrárias ao do indivíduo isolado por uma reação hipnótica à sugestionabilidade, por exemplo. Por tudo isso, o autor acredita que, apesar de o indivíduo possuir características de impulsividade, mutabilidade e irritabilidade dentro do grupo, esses impulsos geralmente são imperiosos, oscilando de gestos de extrema crueldade à generosidade. Ele compara até mesmo a identificação da mente grupal com a dos povos primitivos: o grupo busca um líder para o rebanho poder viver em obediência que, para tanto, deve despertar a fé em algum ideal. Este líder deve possuir prestígio, mas isso não garantirá que as pessoas lhe obedecam.

Freud faz algumas considerações a respeito das palavras de Le Bon. Admite que são de extrema relevância e corretamente observadas, mas afirma existirem outras manifestações de formação de grupo. Freud traz à luz as reflexões de McDougall sobre o tema. Esse autor afirma que o grupo suporta experiências poderosas nas quais os indivíduos se fundem uns aos outros, perdendo o senso dos limites de sua individualidade: um impulso comum que faz com que o indivíduo perca seu poder de crítica e se deixe levar pela emoção dos restantes do grupo, ou seja, em condições normais, jamais faria o que, em grupo, realiza e aprova. Essa descrição de McDougall suscita um exemplo bem característico: as manifestações de times de futebol que, unidos pelos ideais do time, odeiam tudo e todos que estão fora daquele grupo, com hostilidade e extrema violência. Não raro, por exemplo, muitas mortes acontecem em grupos organizados durante os jogos brasileiros e são pessoas que, fora dali, talvez não tivessem coragem sozinhos de se rebelar com fúria, causando a tortura ou a morte de alguém que se coloca como diferente do grupo (time) em que está. Essa intensificação das emoções coloca a consciência um pouco fora de ação e o indivíduo entrega-se aos prazeres emocionais proporcionados pelo afastamento das inibições dentro do grupo.

Freud questiona McDougall, assim como o fez com Le Bon, por eles entenderem o grupo apenas como algo impulsivo, primitivo, violento e, sobretudo, incapaz de produzir qualquer raciocínio. Para Freud, a questão está em se saber se

é possível assegurar as características pessoais do indivíduo – senso crítico, ética, costumes, tradições – que, no geral, são extintas pelo grupo. Por que o indivíduo perde, no coletivo, sua individualidade? Para o vienense, o indivíduo está sujeito às intensificações das emoções no grupo – e a uma alteração reduzida da atividade mental que se resigna às expressões particulares do grupo em detrimento dos peculiares de si mesmo – não porque é totalmente primitivo, como conclui os outros autores, mas porque ocorre uma disposição mental de outra ordem, mais refinada.

Para explicar a alteração mental, Freud se debruçará sobre o fenômeno da sugestão. Ele continua:

Não há dúvida de que existe algo em nós que, quando nos damos conta de sinais de emoção em alguém mais, tende a fazer-nos cair na mesma emoção [...] Por que, portanto, invariavelmente cedemos a esse contágio quando nos encontramos em grupo? Mais uma vez teríamos de dizer que o que nos compele a obedecer a essa tendência é a imitação, e o que induz a emoção em nós é a influência sugestiva do grupo.<sup>239</sup>

Os grupos mantêm, como característica principal, essa abertura ao fenômeno da sugestão que se expressa com certa frequência. Freud prefere, em certo momento, o uso da palavra “libido” à “sugestão”, que para ele vinha sendo conceitualizada de forma equivocada do seu verdadeiro sentido. Laplanche e Pontalis<sup>240</sup> designam o termo libido em consonância ao conceito de desejo. Eles pontuam que não há ainda uma definição satisfatória de libido, existem inúmeras delas, mas que Freud a entendia como energia da pulsão, vista sob o ponto de vista quantitativo. Quantitativo porque tem ligação a tudo o que é referente ao amor: desde o sexual até o amor inibido em sua finalidade (amor entre irmãos, amizade, pelas pessoas em geral). Ele supõe que essas relações amorosas constituem a essência da mente grupal, pois Eros – termo grego que significa amor ou o deus Amor – é o que mantém a união poderosa desses grupos: o indivíduo abandona parte do que é quando está em um grupo, permitindo-se ser influenciado, pois, talvez por necessidade, prefira a harmonia com todos à oposição em relação a eles. Aqui Eros está fortemente atuante, diferente do exemplo dos times organizados que,

---

<sup>239</sup> Ibidem, p. 100. v. XVIII.

<sup>240</sup> LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. **Vocabulário da Psicanálise**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 266.

possivelmente, estão sob o domínio de Tânatos (pulsão de morte; dissolução das coisas).

Então Freud, antecipando as inquietações, procura explicar dois grupos muito homogêneos e duradouros que fazem parte da sociedade e que são altamente organizados (com estrutura definida), sendo os mais interessantes deles: a Igreja e o exército. Ambos os grupos são estáveis e existe uma força externa que os impedem de se desagregarem; os que tentam isso são expulsos com punições ou perseguição. Freud<sup>241</sup> concede um grande exemplo disso quando conta sobre um romance que leu e que para ele ainda serve aos dias atuais. O livro aborda a conspiração de alguns inimigos de Cristo que conseguiram abrir o sepulcro em Jerusalém. Nele, viram que constava a inscrição de José de Arimateia que dizia ter retirado, secretamente, o corpo de Jesus de sua sepultura no terceiro dia após o sepultamento e o enterrado naquele lugar. O que é refutado nessa história? A divindade de Cristo e a ressurreição, base de toda a crença cristã. O resultado da descoberta arqueológica na civilização europeia foi um aumento de todo o tipo de violência que só cessou depois que a conspiração dos falsificadores fora revelada. O que mantinha o grupo unido antes da conspiração? A ilusão de uma cabeça que, no caso, era Cristo. A Igreja e suas crenças mantêm a ordem “contendo” os impulsos violentos do homem. Quando a crença, no exemplo citado, foi ameaçada, não havia mais motivo para “se segurar”: é como se o indivíduo não encontrasse mais razão e sentido para ser alguém “melhor”.

Na Igreja ou no exército, é necessário que se tenha alguma ilusão de que existe um líder: na Igreja Católica ou Protestante, por exemplo, é Cristo; no exército, o comandante que é considerado um pai que ama a todos os soldados igualmente. Essa ilusão é necessária para manter o grupo unido, caso contrário, este se dissolveria. E por que a ilusão é tão forte ao ponto de sustentar um grupo religioso coeso? Porque Cristo (no caso da Igreja) coloca-se, para Freud, como um irmão mais velho ou pai substituto? O que liga as pessoas nesses dois tipos de grupo ao líder são os laços libidinais inconscientes depositados maciçamente nessas figuras, bem como os laços amorosos *entre* os membros do grupo.

---

<sup>241</sup> FREUD, 1996d, p. 109-110. v. XVIII.

Mezan<sup>242</sup> elucida a questão quando questiona a situação psicológica dos judeus que foram ameaçados em sua própria existência pelas perseguições da época. O que os manteve unidos? Por que muitas vezes preferiram a miséria e insegurança, a sucumbir simplesmente aos instintos de sobrevivência? Por que continuaram com a tradição como modelo, apesar dos pesares? Possivelmente porque era muito mais importante, segundo o autor, reparar a autoimagem do judeu. Isso apenas seria possível investindo no ideal do grupo, do coletivo, restaurando, assim, a sensação interna de segurança: somente através do povo de Israel que será possível a salvação do mundo inteiro. Uma reelaboração da história e da prática do judaísmo que foram integrados na identidade individual de cada um através da coesão grupal.

Esses laços libidinais explicados pela psicanálise proporcionam terra fértil para que a eficácia da persuasão, através do discurso, seja ele qual for, aconteça. Se tais laços estão firmes e fortes, o discurso fará sentido ao grupo, terá peso e será compartilhado como ordem, dever, algo bom para o grupo. Além dos laços com o líder, é importante salientar o mecanismo da *transferência* inconsciente que maciçamente pode ser realizada do grupo religioso com relação à IURD, por exemplo. No caso dessa igreja, traços infantis são depositados no líder ou Instituição que, de certa forma, reproduzirá o grande pai amoroso, acolhedor que protege e, ao mesmo tempo, o pai temido que provoca hostilidade e punição. O que mantém o grupo coeso, por anos a fio em determinada época e lugar, pode ter relação direta com Eros que, como já explicado, está para além da necessidade e visa à *união* do grupo. No caso específico da religião, é necessário que se autodenomine uma religião do amor, mas também que seja dura com os que não pertencem a ela: no geral são intolerantes a outras religiões.

Não há como escapar desse fanatismo, adverte Freud, pois “Se hoje a intolerância não mais se apresenta tão violenta e cruel como em séculos anteriores, dificilmente podemos concluir que ocorreu uma suavização nos costumes humanos”.<sup>243</sup> Essa afirmação procede quando, nos noticiários diários, leem-se as barbaridades do que é realizado com aqueles que participam de uma religião contrária a do outro grupo religioso. Essa fidelidade ao grupo é, para Freud, uma

<sup>242</sup> MEZAN, R. “Violinistas no telhado”: clínica da identidade judaica. In. \_\_\_\_\_. **A sombra de Don Juan e outros ensaios**. 2 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005, p. 237-295.

<sup>243</sup> FREUD, 1996d, p. 110. v. XVIII.

revivescência da horda primeva, o que faz pensar que essa psicologia dos grupos é tão antiga quanto a psicologia individual.

Existe, como explicado no item anterior deste trabalho, uma intolerância natural entre os seres humanos: sentimentos de aversão e hostilidade para com o outro que são reprimidos em troca de segurança. Quando se trata de familiares, a relação é sempre de ambivalência e geralmente se encontram explicações racionais para essas relações mais próximas. No entanto, quando se trata de grupo, essa intolerância desaparece temporariamente. Há um senso de uniformidade entre os membros de um grupo que, igualando-se, não sentem aversão pelos outros. Novamente Freud atribui a isso o laço libidinal existente entre as pessoas. Ocorre o lucro imediato do indivíduo no grupo que tolera o outro, mas também laços libidinais que se solidificam nas relações uns com os outros para além do que é lucrativo: “[...] só o amor atua como fator civilizador, no sentido de ocasionar a modificação do egoísmo em altruísmo”.<sup>244</sup> Isso parece funcionar principalmente porque os laços libidinais entre os membros do grupo sempre se renovam. Mais tarde, Freud afirma existir outro mecanismo para os laços emocionais: as identificações.

A identificação é a expressão de um laço emocional com outro indivíduo. Ela se inicia desde o Complexo de Édipo, momento em que ocorrem identificações do menino com o pai, tomando-o para si como o seu ideal: quer crescer como ele, ser ele e tomar o seu lugar. Ao final do complexo e suas vicissitudes, tem-se uma criança identificada, mas ambivalente com emoções de amor e hostilidade ao pai que fora sua referência, mas que se colocara em seu caminho em relação à mãe. A identificação esforça-se por moldar o ego segundo o modelo pelo qual a criança tomou para si. Essa identificação constitui a forma mais original do laço emocional que será *repetido* posteriormente nas identificações no grupo em relação a um líder ou Instituição. Freud fala em uma “receptividade” a uma emoção semelhante que faz com que um indivíduo assuma, por “simpatia”, as dores de outro: uma identificação parcial que gera laços: “[...] o laço mútuo existente entre os membros de um grupo é [...] baseada numa importante qualidade emocional comum”.<sup>245</sup>

Mezan<sup>246</sup> lembra, de forma esclarecedora, que a figura do Deus absoluto oferece um plano que contém o imaginário dos aspectos contraditórios do pai

---

<sup>244</sup> Ibidem, p. 114. v. XVIII.

<sup>245</sup> Ibidem, p. 117. v. XVIII.

<sup>246</sup> MEZAN, 2005, p. 259.

edipiano: sua severidade e amor. No caso dos judeus, por exemplo, ele salienta que o exílio foi considerado por eles a severidade castradora do pai como punição pela desobediência aos mandamentos; mas Deus confiar ao povo israelita a Torá foi a faceta do amor. Na balança, existe, de um lado, o terror do Ser Todo-Poderoso que é grande, que tudo sabe e pune e, do outro, a Eleição que diz respeito a uma “preferência” desse mesmo Ser na escolha dos israelitas diante dos demais grupos, contrabalanceando narcisicamente esse povo: “O sentido psicológico da ideia do ‘povo eleito’ é óbvio: consiste numa extraordinária afirmação narcísica, na reparação mais eficiente que se possa imaginar para o trauma da destruição do Templo”.<sup>247</sup>

Existe outro aspecto a salientar: a identificação tem seus resquícios lá no Complexo de Édipo, mas também a transferência que é um processo pelo qual desejos inconscientes se atualizam sobre determinado objeto, de um certo tipo de relação estabelecida. É a repetição de protótipos infantis vivida com um sentimento de atualidade. Se tais mecanismos inconscientes existem, não são eles psicodinamicamente a “explicação” para que a persuasão de concretize eficazmente? Se o discurso for de encontro com os desejos infantis de cada indivíduo que, desamparado no mundo hostil, ligado através de laços libidinais uns com os outros e com o líder, parcialmente identificados com as emoções alheias, não terá a eficácia necessária para convencer, gerando uma ideia ou sensação de que o líder ou a Instituição é capaz de fornecer o que lhe é necessário? Nesse sentido, o grupo é quem possui a força que mantém a eficácia do discurso iurdiano, ou seja, o grupo é quem empodera o discurso – porque os indivíduos possuem inconsciente, e seus mecanismos (transferência, identificação etc.) estarão com toda a força dentro e fora desse grupo – e a igreja, por sua vez, desenvolve estratégias múltiplas para contemplar as demandas do grupo: seja da ordem da necessidade (biológica ou emocional), do desejo ou outros. O que importa, ao final, é que o grupo se mantenha unido na crença e, em troca, a Instituição seja o referencial no qual são depositadas as angústias e desejos; e então o grupo cria a ilusão de que a IURD “sabe” o que falar e oferecer. A persuasão, nesse sentido, tem uma via de mão dupla: não é só o discurso persuasivo direcionado ao grupo, mas o grupo que “decide” abrir concessões entre eles e a Instituição – em nível inconsciente – para obter o que precisa.

---

<sup>247</sup> Ibidem, p. 260.

E por qual motivo o indivíduo, sabendo da condição de desamparo que vive e de tudo que foi explicado até aqui, decide, através do grupo, criar sua própria redenção e consolo? Certamente porque se vive tudo isso na dinâmica do mundo pós-moderno no qual a visão do religioso ou sagrado muitas vezes é perpassada pela ideia do consumo onde tudo e todos são objetos apenas para prazer imediato e, logo, descartados.

Bauman,<sup>248</sup> de forma perspicaz, reflete a respeito do atual modo ou processo pelo qual passamos na sociedade. Trata-se da era da liquefação das estruturas, do que é maleável, do que é fluido, já que a forma das coisas não se mantém por muito tempo e muda sob influências diversas. No ambiente fluido, tudo é inesperado e pode acontecer. Não há nada que garanta algo ou que seja fixo, pelo contrário! As estruturas, para ele, não duram muito tempo e nem se deve esperar por isso: instituições respeitadas hoje, amanhã poderão ser ridicularizadas e cair no esquecimento; pessoas famosas de hoje, no outro dia poderão ser descartadas sem nenhuma consideração; a política e a economia são substituídas ferozmente por outra ordem maior e mais forte; carreiras fixas tornam-se substituíveis ou extirpadas. No mais, toda esfera da sociedade considerada poderosa, boa, fixa e eterna poderá sofrer, inesperadamente, a condenação – certeira? – e serem atiradas em grandes depósitos de lixo: “Não serão capazes de aguentar o vazamento, a infiltração, o gotejar, o transbordamento – mais cedo do que se possa pensar, estarão encharcadas, amolecidas, deformadas e decompostas”.<sup>249</sup> Porque a situação está instável, as pessoas sentem-se inseguras e confusas diante de tanta transitoriedade.

A ideia de um grupo, portanto, parece uma ótima alternativa, segundo o autor, uma vez que cria a ilusão de um lugar seguro, tranquilo e de paz, ou no mínimo, mais “resistente” às agruras vividas. Ao mesmo tempo, também pode limitar a autoafirmação de alguns indivíduos e aí o grupo parecer uma prisão em certo sentido. A ambivalência instaura-se para a maioria das pessoas como consequência direta do que ele chama de “mundo líquido moderno”. Então, criam-se os recursos (e produtos!) para se evitar os inúmeros riscos possíveis no amor, no trabalho, nas relações interpessoais, nos quais o indivíduo, seduzido pela promessa de segurança, irá consumir. O modo consumista se instaura como sendo a satisfação

<sup>248</sup> Cf. BAUMAN, Z. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

<sup>249</sup> Ibidem, p. 57.

ideal e assim é realizada através de objetos ou de relações “objetificadas”. No entanto, a satisfação é logo interrompida pelo desgaste do objeto, da monotonia e – novamente – descartado como inútil.

Bauman<sup>250</sup> exemplifica com um dos presentes de Natal mais desejados pelas crianças inglesas: obter um cachorro. Sob a condição atual do mundo líquido, ele afirma que uma alta porcentagem de pessoas se livra de seus cães em pouco tempo na companhia dos mesmos para abrir a possibilidade de comprarem outro; aproveitam por um curto período o prazer com o animal e logo o descartam, pois as crianças e jovens da sociedade do consumo não mais veem finalidade alguma de se manter com o mesmo animal até sua morte. Para o consumidor atual, manter certos hábitos, tolerância à rotina, adiamento das vontades e satisfações são considerados atributos horríveis. Essa educação para o consumo, que começa com a criança desejando ganhar um cão e, depois, despejando um outro cachorro no período de três meses, por exemplo, começa cada vez mais cedo e as instituições que promovem essa “educação continuada” são incontáveis: televisão, jornais, *outdoors*, revistas especializadas em casamento, moda, que prometem, em suma, sanar os problemas da vida. Tudo e até mesmo os vínculos estão frágeis, inconstantes, fluidos, flutuantes.

Ele prossegue enfatizando que:

[...] os relacionamentos podem ser, num ambiente líquido moderno, carregados de perigos. Mas de qualquer forma precisamos deles, precisamos muito, e não apenas pela preocupação moral com bem-estar dos outros, mas para o nosso próprio bem, pelo benefício da coesão e da lógica de nosso próprio ser. Quando se trata de iniciar e manter um relacionamento, o medo e o desejo lutam para obter o melhor um dos outros. Lutamos veementemente pela segurança que apenas um relacionamento com compromisso (e, sim, um compromisso de longo prazo!) pode oferecer – e no entanto tememos a vitória não menos que a derrota.<sup>251</sup>

A ambivalência, agora, está no cerne dos vínculos humanos e, por que isto está dado, a busca para a cura, por soluções, paliativos e placebos são extremamente procurados a fim de afastar as dúvidas e as angústias. Em suma, o indivíduo não possui tempo para desfrutar das coisas e pessoas nessa figura atual do desamparo ou vulnerabilidade. Em contrapartida, não seria por conta desse

---

<sup>250</sup> Ibidem, p. 73.

<sup>251</sup> Ibidem, p. 75.

cenário que o homem procura veementemente um grupo para se consolidar e "chamar de seu", encontrando nesses vínculos uma sensação de segurança capaz de fazê-lo suportar a solidão que o cerca? A igreja não vende uma ideia de que o vínculo que propõe é forte o suficiente – que não se rompe apesar da fluidez – aumentando o desejo de muitos em ingressar nessas igrejas? Seria uma faceta persuasiva vender *solidez* em tempos de liquidez?

Bauman<sup>252</sup> sabiamente enfatiza que todo esse desejo de segurança nutre o anseio pela identidade e apesar de todas as necessidades, não é possível ou mesmo suportável viver uma vida flutuando na indefinição pessoal, no perturbador, no chão que parece "areia movediça".

Contudo, para o padre Libânio,<sup>253</sup> a religião está sendo vivida como um clube, onde é possível esparecer a cabeça diante das agruras da vida: local que anima as pessoas ou as leva a uma vivência dentro de um sistema do qual não precisam combater, pois oferece paz e segurança contra essas angústias. Ele denomina como sendo uma faceta célica da modernidade – ou modernidade líquida, segundo Bauman – que procura sanar tais aflições através da diminuição da "crise espiritual". O autor acredita que movimentos do neopentecostalismo obtenham sucesso justamente por se enquadrarem nessa categoria e corrigir a desumanidade desse sistema, onde muitos pobres encontram sua dignidade. Ela possibilita espaço para que tais pessoas, por exemplo, possam falar, expressando-se uns com os outros e, por isso, cumpre grande papel. No entanto, a igreja também se torna contraditória por, muitas vezes, deixar-se contaminar pelo mercado capitalista, comercializando ou talvez ofertando produtos espirituais ao invés de inibi-los (exemplos: rosa ungida, sabonete do sangue do cordeiro, martelo da justiça, caneta ungida para passar em concursos, meias "sê tu uma benção", banho do descarrego e outros produtos conhecidos da IURD<sup>254</sup>).

Antoniazzi,<sup>255</sup> pensando a mesma problemática do sagrado na contemporaneidade, enfatiza que a emoção é o primeiro motivo de procura dos fiéis

---

<sup>252</sup> Cf. Ibidem.

<sup>253</sup> Cf. LIBÂNIO, J. B. O Sagrado na pós-modernidade. In: ANTONIAZZI, A.; CALIMAN, C. (Org.). **A sedução do Sagrado**: o fenômeno religioso na virada do milênio. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 61-78.

<sup>254</sup> OS 10 AMULETOS Gospel mais estranhos. **Gospel Atualidades**, [s.d.]. Disponível em:<<http://www.gospelatualidades.com/2012/10/os-10-amuletos-gospel-mais-estranhos.html>>.

Acesso em: 24 abr. 2015.

<sup>255</sup> ANTONIAZZI, A. O Sagrado e as religiões no limiar do Terceiro Milênio. In: \_\_\_\_\_. ; CALIMAN, C. (Org.). **A sedução do Sagrado**: o fenômeno religioso na virada do milênio. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 11-19.

nos diversos movimentos religiosos que buscam uma resposta pragmática às suas insatisfações: “Dramas e angústias não deixam tempo para aguardar uma resposta mais elaborada: querem que a fome de felicidade, de “salvação”, seja saciada já, imediatamente”.<sup>256</sup> Ele acredita que a busca por experiências de salvação, libertação etc., apenas revelam as inseguranças que a sociedade vive. Mesmo assim, ela mesma proporciona e incentiva, através da sedução, o consumo: produz falsa sensação de felicidade que depois é buscada no campo religioso no afã de respostas rápidas para solução dos problemas. Não há, para ele, uma busca autêntica de Deus ou do divino, mas a satisfação das necessidades pessoais. Existe uma falta de identidade que flutua na sociedade atual, pois muitos se sentem privados em sua definição procurando em inúmeras igrejas a mais adequada para satisfazer-se e “encontrar-se”. Nas religiões cristãs, o fiel não serve a Deus com a ideia de que ao divino é dada obediência e adoração, mas um *servir-se* de Deus, em uma visão utilitária: religião da saúde, do corpo sadio, do bem-estar e outros.

Um pouco na contramão de Antoniazzi, para Bingemer,<sup>257</sup> Deus é para o fiel um objeto de desejo e não apenas para o que é necessário ao homem, pois é da ordem do gratuito. Não se pode compará-lo as outras coisas que são utilizadas para sanar as necessidades do ser humano como comer, beber, e tudo o que, sem aquilo, o corpo morre. O sagrado não é útil a nenhuma necessidade biológica. Deus não é necessário, mas seduz e desperta o desejo do fiel que, por querer unir-se a Ele ou ao divino, mesmo que rapidamente, faz grandes renúncias. Evidentemente, a necessidade de proteção não é da ordem do biológico, mas das características emocionais de desamparo já demonstradas neste trabalho. No entanto, para ela, o sagrado não promete sucesso, para que se pense que apenas por necessidade o divino é procurado. Alega que muitos fiéis entregam suas vidas em sacrifícios que estão para além do consumo; fiéis que ficam inúmeras horas dentro de templos celebrando cultos e louvores ou em intermináveis contemplações diante da natureza, por exemplo; pessoas capazes de enfrentar a morte em exaltação, despojada de tudo que traz conforto, prazer e bem-estar. Para ela, o drama do desamparo existe, o sentimento de limitação e fragilidades ainda persiste no ser humano, mas a busca pelo divino é para que se tenha união com o Sem-limites em

---

<sup>256</sup> Ibidem, p. 13.

<sup>257</sup> BINGEMER, M. C L. A Sedução do Sagrado. In: ANTONIAZZI, A.; CALIMAN, C. (Org.). **A sedução do Sagrado**: o fenômeno religioso na virada do milênio. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 79-115.

uma profunda comunhão na gratuidade, algo que está para além de si mesmo de onde as pessoas encontram desejos ardentes de serem tocados pelo divino, serem possuídos por sua santidade, pelo mistério etc.: “O amor passa, então, a governar suas vidas e a transformá-las segundo a inexorabilidade e a radicalidade de Sua vontade”.<sup>258</sup>

Será possível encontrar esse tipo de experiência religiosa que Bingemer explicita nos fiéis da IURD? É possível o ambiente dessa instituição proporcionar essa experiência religiosa com o sagrado apesar do discurso persuasivo voltado às necessidades mais individuais e mesmo básicas (seja em sua forma mais racional ou emocional)? A persuasão do discurso iurdiano é eficaz em muitos aspectos, mas dissolve-se na compreensão e na importância na dinâmica do grupo religioso. Ela penetra nas mentes de várias formas para possuir eficácia – pela razão e pela emoção demonstradas aqui –, mas, psiquicamente, que lugar encontra em meio a essa multidão de inconstâncias e incertezas do mundo líquido moderno? O indivíduo, ali, sente-se protegido porquê?

Prandi<sup>259</sup> também defende que, na religião, o grupo de fiéis ali unidos possibilita identidade, amparo e auxílio para uma civilização desencantada do mundo. Tudo o que está fora: mercado, governo, escola etc. é não-religioso. Justamente porque existe esse desencantamento é que se torna possível experimentar práticas mágicas, sobrenaturais etc., porque possuem em si mesmos resquícios de tradicionalidade agora perdidas. Os indivíduos precisaram buscar formas de crer nesse ambiente atual e, dando as costas ao não-religioso, recuperaram o milagre, a possibilidade de contato com outros seres, construção de encantamentos, novos códigos de ética religiosos etc. Agora, o espaço não é reservado aos tempos e templos antigos, mas foi possível, através dos grupos, invadir a cidade com tal sacralidade: necessidade – sim! – de remodelar, pois vínculos de identidade são importantes para a vida coletiva na sociedade pós-moderna. Contudo, essa invasão também trouxe alguns problemas que são devidamente colocadas pelo autor a seguir.

---

<sup>258</sup> Ibidem, p. 83.

<sup>259</sup> Cf. PRANDI, J. R. As religiões, a cidade e o mundo. In: PIERUCCI, A. F. de O.; \_\_\_\_\_. **A realidade social das religiões no Brasil**: religião, sociedade e política. São Paulo: Hucitec, 1996, p. 23-34.

Para Pierucci,<sup>260</sup> igrejas pentecostais fazem parte das religiões que ele denomina universais. Elas se definem, essencialmente, por terem uma “abertura” a todos. Possui a crença em uma missão divinamente revelada que lhe incumbiu de fazer proselitismo até alcançar a conversão de todos que foram chamados por Deus. Ele continua enfatizando que, no Brasil, dentre todas as igrejas da categoria “universal”, saem-se melhor as de cunho individualista, pois a conversão é em si mesma individual e, por ser assim, é predatória. Predatória porque tenta extrair de outras coletividades e grupos – por exemplo, aquelas religiões que têm função de preservar o patrimônio étnico-cultural como judaísmo, islamismo, candomblé, religiões indígenas, Xangô etc. – pessoas para o seu bando, sem a menor consideração de que, ao fazer proselitismo em nome de Deus, esfacela outras relações sociais herdadas, constituídas, que dão identidade aos que ali estão, desmembrando-as. Ela desagrega para agregar e geralmente o faz desqualificando os outros sistemas religiosos, o que Freud há muito tempo disse: na verdade, todas, mesmo as mais tradicionais, são intolerantes para os que não lhe pertence “Se outro laço grupal tomar o lugar do religioso – e o socialista parece estar obtendo sucesso em conseguir isso – haverá então a mesma intolerância [...].”<sup>261</sup>

Então, Pierucci enfatiza que as igrejas universalistas querem, na verdade, números e não pessoas em suas igrejas e pretende unicamente predominar sobre as demais:

[...] funciona como um dispositivo de comunidade *in fieri*, que entretanto e para tanto desliga as pessoas de sua cultura-mãe, de um contexto cultural que antes lhes pareceria natural e, portanto, congenial. Destribaliza o índio e des-territorializa (melhor: des-localiza) o vizinho, fazendo do estranho o verdadeiro próximo, o verdadeiro irmão num laço de fé outro que o protende e projeta numa outra relação com a temporalidade de seus laços sociais, que remove o mais próximo para o passado enquanto projeto no estranho o doravante-próximo.<sup>262</sup>

Essa visão desacreditada dos atuais modos dos grupos religiosos é compartilhada por muitas pessoas e vem sendo discutida na mídia, na academia e o quanto grupos religiosos, sob a aparência de realizarem proselitismo ou outra coisa qualquer, estimulam uma atuação confusa e perigosa dentro dos outros sistemas

<sup>260</sup> Cf. PIERUCCI, A. F. Religião como solvente: uma aula. **Revista Novos Estudos Cebrap**, n. 75, p.111-127, jul. 2006.

<sup>261</sup> FREUD, 1996d, p. 110. v. XVIII.

<sup>262</sup> PIERUCCI, op. cit., p. 127.

religiosos e que implica diretamente na identidade grupal do indivíduo que ali se encontra: nesses casos, parece ocorrer ações individualistas sob aparência de ações coletivas!

Para Giovanetti,<sup>263</sup> na ideologia individualista, novas referências morais – focadas apenas no sujeito e apresentada como uma verdade – são colocadas o tempo todo ao indivíduo contrapondo-se às antigas referências contribuindo para uma crise de identidade profunda. Esse movimento exclui outras verdades e questiona, a todo o tempo, o lugar do indivíduo dentro do grupo em que se encontra. Para esse autor, a era contemporânea, centrada no desejo e na fascinação do que é imediato, apostava que o homem se realize por meio dessa maneira de viver: uma expansão do desejo que desperta e oferece uma vivência intensa como sendo parte da identidade. Nesse sentido, a ideia de Deus não é mais central, pois o centro é ocupado pelo ser humano que também é buscado como objeto capaz de proporcionar prazeres tal como qualquer outro (objeto) da cultura.

Apesar da possibilidade de uma relação utilitária da religião – e o quanto os grupos inseridos nessa lógica podem desestruturar outras coletividades sem levar em conta a identidade que cada um estabelece dentro desses meios, e que a vivência desenfreada dos seus desejos o coloca como centro na experiência com o Divino ou Sagrado –, também é válido lembrarmos, em contrapartida, da importância da igreja para formação dos mais variados grupos conforme nos lembra Prandi.<sup>264</sup>

O homem está só e individualista e não possui referências, como outrora, para se autoexpressar, portanto, procura na igreja e a convoca para que a mesma ofereça regras para o seu comportamento (que cabe algumas reflexões), que o situe e que tenha algo ou alguém que lhe diga quem ele é. No fim, as religiões são uma adaptação à vida nas cidades e ao novo estilo de vida que nutre individualismo e, portanto, medo, solidão e busca por identidade. No grupo, é possível os contatos sociais, reconhecimento, uma certeza compartilhada, o encontro com novas pessoas e maior proximidade social. O grupo religioso ganha força nessa sociedade pós-moderna, porque possibilita que os indivíduos conquistem uma identidade pessoal; que compartilhem o que possuem uns com os outros, apesar da ordem do consumo e das relações esvaziadas de sentido.

<sup>263</sup> Cf. GIOVANETTI, J.P. Psicologia e senso religioso: a necessidade e o desejo – modalidades da época. In: PAIVA, G. J. de. **Entre necessidade e desejo**: diálogos da psicologia com a religião. São Paulo: Loyola, 2001, p. 91-101.

<sup>264</sup> Cf. PRANDI, 1996.

Mariz<sup>265</sup> traz uma grande contribuição que nos faz entender melhor a força do grupo e a importante função da religião pentecostal na manutenção desses vínculos, principalmente, nos grupos em que a pobreza é um problema cotidiano na vida das pessoas. Ela enfatiza que a luta pela sobrevivência dessa pobreza pelos residentes dos bairros populares do Brasil atravessa invariavelmente as religiões e, principalmente, as igrejas pentecostais (e neopentecostais também) que demonstram abertura à essa população, inserindo-se de forma complexa nessa camada, o que vem chamando a atenção dos cientistas sociais de modo geral.

As estratégias de sobrevivência da pobreza, para a autora, são múltiplas, e as igrejas são úteis nessa luta por criar: a) posições remuneradas aos líderes; b) pelas doações aos fiéis através de caridade ou de um departamento social da igreja e, principalmente, c) na criação de rede de apoio. As redes de apoio não substituem às do indivíduo, mas acrescentam-se às que ele já possui (geralmente vizinhança e parentes próximos). O consumo, nesses tipos de igreja, é visto como um mal – geralmente associado aos prazeres da carne e/ou demoníaco do qual o fiel precisa sempre estar vigilante para não cair em tentação – ou como algo de sentido supérfluo, gerando um efeito não intencional, segundo a autora, a predisposição de poupar.

Ela também observou, em seus estudos, que em nível de experiência subjetiva, as experiências na igreja aliviam ou minimizam a sensação de desestruturação decorrentes da privação e, também, proporcionam experiências de poder (experiências sobrenaturais), pertencimento e autoestima promovendo um senso de constância, suporte de rede e na autoestima do pobre. Além disso, vivenciam uma nova ética proposta pelo grupo religioso: uma experiência mais intelectualizada de uma religião - A ênfase na palavra escrita na elaboração teórica da fé motiva os Pentecostais [...] a aprenderem a ler, desenvolve nesses competência verbal e capacidade de argumentação que são fundamentais na democracia e sociedade modernas".<sup>266</sup>

Ademais, as igrejas pentecostais motivam os membros para uma vida familiar longe de vícios contribuindo, estrategicamente, no reforço das relações familiares (através dos ensinos da moralidade sexual, vida ascética, etc.) e na diminuição dos

---

<sup>265</sup> MARIZ, C. L. A religião e o enfrentamento da pobreza no Brasil. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 33, p. 11-24, out. 1991.

<sup>266</sup> Ibidem, p. 19-20.

problemas materiais que decorrem, muitas vezes, dos problemas com álcool e drogas evitando esfacelamento das estruturas do lar desse pobre.

O pentecostalismo mostra-se eficiente para o fortalecimento do núcleo doméstico tornando-se fundamental para a sobrevivência do pobre em situações de extrema privação ou crise familiar. O enfrentamento de diversas condições precárias ocorre por ocasião da conversão do indivíduo ao grupo pentecostal que, de modo geral, supera a situação crítica e de miséria experimentando uma pequena melhora material, o que os liga cada vez mais a essa igreja que, apesar de oferecerem um modelo neutro de discurso, reforça a todo o tempo a identidade religiosa como evangélicos.

O grupo religioso possui toda essa força, porque a era do vazio, da precariedade (subjetiva, material, psíquica etc.) instaura-se de forma irremediável. Podemos pensar que esteja nessa questão outra possibilidade a respeito da eficácia persuasiva do discurso religioso: o olhar da igreja sob as condições de precariedade de seus fiéis! Não anulam, não deixam de se pronunciar sobre isso, oferecendo insistente, em contrapartida, soluções práticas e promessas que se voltam às necessidades emocionais mais básicas do homem de onde, consequentemente, alcançarão o cerne – o desamparo essencial mencionado por Freud. O grupo possibilita vivenciar tudo isso de forma um pouco mais amparada através das coletividades de onde, ao mesmo tempo, tenta resgatar sua identidade e força para ser alguém no mundo. A religião em si e a IURD, portanto, podem entrar bem nesse "nicho" propondo uma solução que pode não ser a ideal, mas um discurso que contém elementos de reasseguramento, estabilizando alguns desses conflitos e angústias de onde a religião é chamada a cumprir várias funções.

Em relação à experiência com o sagrado, vale a pena esclarecer que a vivência religiosa até pode ser experimentada de forma individual, mas deve ser compartilhada com um outro, como bem lembra Safra<sup>267</sup>, sendo que o contrário jogaria o indivíduo rumo à loucura:

O fato da existência humana precisar acontecer em presença de outros é um elemento interessante que assinala características

---

<sup>267</sup> Cf. SAFRA, G. Reflexões a partir de “esboço de teoria do desenvolvimento religioso” de Amatuzi. In: PAIVA, G. J. de. **Entre necessidade e desejo**: diálogos da psicologia com a religião. São Paulo: Loyola, 2001, p. 53-57.

fundamentais da natureza humana: o homem não existe como ser isolado, a sua existência demanda a presença de outros.<sup>268</sup>

O contato com o outro é o que permite que experiências religiosas possam ser representadas, trazendo para o indivíduo realizações com o divino sem que ele sinta que irá desintegrar com uma experiência de outro alcance. A experiência do grandioso, no grupo, pode ser articulada, conceituada, nomeada, fazendo com que o indivíduo tenha concepções religiosas que avancem conforme ele se desenvolve como ser humano: consegue integrar a experiência, junto com outros, que lhe ajudam a conferir sentido, nomeação do que é indizível e realização com o que é divino. Ao que parece, essa forma encontrada pelos grupos religiosos, na verdade, é o grito estridente de quem necessita de ajuda para alcançar o que uma vez fora perdido.

Bauman<sup>269</sup> claramente amplia essa discussão, ao enfatizar que a sociedade mantém a promessa viva de que é possível encontrar a terra prometida: psiquicamente, a sociedade trata da identidade como se fosse necessário correr muito e penosamente para encontrá-la. Como tudo parece caminhar em movimento, tem-se a sensação de nunca se chegar lá; o desejo de fixar-se em algo ou mesmo em si mesmo torna-se desesperador: todos são eternos nômades. Essa ordem social produz fantasias que ameaçam o indivíduo, o tempo todo, na sua identidade. A sociedade vive insegura e sobrevive desenvolvendo a mentalidade de uma fortaleza prestes a ser sitiada. Não à toa os grupos criam o demônio, ou um outro cruel, para poder lutar contra até vencer em uma projeção de seus próprios medos e demônios internos. A diferença é que, no grupo, isso pode ser praticado coletivamente, o que dá a sensação de maior força, de que não se está sozinho na luta, que se tem “uma mão para apertar” caso seja pego desprevenido. E se esse outro também estiver para cair, ambos seguram nas mãos de Deus, pois “Quando o mundo cai ao meu redor, Teus braços me seguram. Quando o mundo cai ao meu redor, És a esperança pra mim. Quando o mundo cai ao meu redor e as forças se vão, encontro abrigo em Ti, Segura-me. Segura em minhas mãos”.<sup>270</sup>

<sup>268</sup> Ibidem, p. 55.

<sup>269</sup> BAUMAN, Z. **Mal-estar na Pós-modernidade**. Tradução Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 91.

<sup>270</sup> Trecho de um hino Gospel do cantor Juliano Son, cujo título da música é “Quando o mundo cai ao meu redor” (In: LIVRES PARA ADORAR. **Mais um dia**. São Paulo: Onimusic, 2011. 1 CD).

Depois de percorrido muitas reflexões através de alguns autores nesse capítulo e de trazer a psicanálise na leitura proposta, torna-se importante tentar responder de que maneira a psicanálise pôde ajudar a compreender as estratégias de persuasão no discurso da IURD na obtenção de sua eficácia.

Primeiramente, deve estar claro até o momento que a mensagem religiosa e, particularmente a iurdiana, é dirigida ao sujeito do inconsciente marcado pela condição de desamparo sentida interna e externamente por ele que está inserido, sem outra alternativa, em um ambiente hostil desde os primórdios e que soma-se às particularidades da contemporaneidade já comentadas.

A IURD também faz parte desse contexto que procura oferecer, através do discurso, mensagem voltadas às vulnerabilidades (e, em suma, ao desamparo na condição fundamental), fornecendo soluções diversas para alívio direcionadas a esse indivíduo que imediatamente se sentirá "em sintonia" com o discurso dessa igreja que "entende bem" do que ele passa, e que promete "gentilmente" alguma ajuda, consolo e suporte para o que ele está passando.

A tríade sintetizou e as reflexões sobre as necessidades emocionais e experiência de grupo demonstraram que o discurso iurdiano possui efeito acalentador de tamponar o desamparo. Há uma parte da eficácia que realmente está ligada a forma de como as frases são construídas, como o discurso é estruturado e como "geralmente" costumamos responder à entonação de voz, repetição de palavras etc., mas a eficácia encontra seu par perfeito quando, além de tudo isso, promete e, às vezes possibilita (concreta ou ilusoriamente), alívio emocional à dor, promovendo continência em tempos de desespero e medo.

Outro ponto importante de salientar sobre a eficácia da persuasão do discurso iurdiano está nas vivências e experiências coletivas que aplacam a sensação de insegurança e vulnerabilidade, mas que também possibilitam suporte em momentos de aflições, realizando um escoadouro e continência importantes de serem consideradas por meio das celebrações e cultos que promovem a sensação de "acolhimento" e de solidez; de que o sujeito é alguém importante para Deus, que possui ambiente seguro nesses vínculos "entre irmãos" e que pode experimentar uma vivência transcendente sem perder-se na loucura, pois é compartilhada. A identificação psíquica que ocorre entre os membros de um grupo gera a sensação de que todos se encontram no "mesmo barco" de onde cada um pode realizar sua parte em prol do grupo ajudando-se mutuamente e atraindo o olhar de Deus para

suas "boas-obra". Ou seja, não só ganhos voltados às vulnerabilidades e necessidades emocionais, mas também ganhos de reconhecimento (possibilidade de construção da identidade), de pertencimento (lugar do qual todos os conhecem pelo nome), de socorro (de onde pode recorrer caso precise de objetos, pessoas e recursos) e de reparação (através do grupo, o fiel pode fazer trabalhos voluntários ajudando os necessitados, ajudando a igreja com habilidades específicas, conseguindo reconhecimento por isso, etc.).

A Igreja é a favor de grupos e os incentiva o tempo todo criando grupo de jovens, grupo das mulheres, grupo das crianças, entre outros, pois percebeu, desde sempre, que é possível construir (e desconstruir!) muito através dos dispositivos grupais. Com isso, consegue propor uma alternativa de referência para os fiéis, um norte em tempos de fluidez, tal como um pastor que cuida de suas ovelhas.

Freud se enganou apenas, não na análise a respeito da "ilusão religiosa", mas na premissa de que a força dela diminuiria com os progressos e a difusão maior dos conhecimentos científicos. Isso não aconteceu, e hoje, com esses conhecimentos ainda maiores e com a invasão da Internet na vida das pessoas, com a ciência muito mais avançada e difundida, a religião (e em especial a IURD) não dá sinais de enfraquecimento, muito pelo contrário! Isso nos leva a pensar que a razão, os argumentos e o conhecimento dos meios de se persuadir podem até criar condições de reflexão no indivíduo sobre seu contexto atual, sobre o grupo que está inserido, que poderá suspeitar desse ou daquele discurso, das promessas incabíveis etc., mas não se compara à força emocional – que é para onde o discurso se dirige com toda a sua força – e de grupo, que possibilita, em última instância, vivências compartilhadas e um possível lugar (seguro) no mundo. A razão e/ou os argumentos não são páreo para as necessidades emocionais, desde as mais concretas e imediatas, às demandas (ou desejo genuíno) de experiência com o Sagrado: a persuasão será sempre eficaz, porque se dirige ao mais profundo e essencial do indivíduo – o desamparo. Soma-se a isso a utilização de uma pinçelada de solidez ao discurso que favorecerá, sobremaneira, a adesão dos fiéis à mensagem (levando em conta as particularidades do momento atual).

O que se cabe perguntar é: será que a sociedade atual cria condições para *aumentar* a sensação de desamparo das pessoas ao que certos grupos respondem com a adesão às formas religiosas como os neopentecostais e fundamentalistas de todas as matizes? Qual seria a vantagem da IURD, nessa lógica, em proporcionar

conforto, segurança e provisão? No final fica a pergunta: realmente não temos defesa alguma contra as incontáveis estratégias persuasivas que nos cercam?

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Deus é o nosso refúgio e fortaleza, socorro bem presente na angústia” – Salmos 46:1*

Freud em uma conferência reflete sobre um tema muito importante: a *Weltanschauung*<sup>271</sup> que traduzida vem a significar "visão de mundo". Em suas elaborações, quer deixar claro o posicionamento da psicanálise sobre isso, ou seja, se ela conduz a uma "visão de mundo", se possui alguma construção que pretenda solucionar os problemas da existência humana, com base em hipóteses que buscam solucionar e/ou responder a qualquer pergunta (sobre a vida, sobre a origem do mundo, do homem etc.) tornando-se uma verdade de onde o indivíduo pode usufruir da sensação de segurança na vida, obtendo as respostas que precisa para lidar com suas emoções e interesses.

Ele categoricamente enfatiza que a psicanálise não é capaz de oferecer respostas para as angústias e inúmeros questionamentos humanos, mas aceita aderir a *Weltanschauung* científica, contribuindo para os estudos sobre a psique. A psicanálise apenas deve contribuir dentro das investigações científicas, pois somente através da pesquisa será possível algum conhecimento acerca do mundo, apesar de saber que mesmo a ciência possui suas limitações: não pretende ser autossuficiente e sabe que ainda é um conhecimento novo de onde possui muitos problemas a solucionar.

Uma *Weltanschauung* científica possui ênfase no mundo real e, portanto, rejeita ilusões de outra ordem, principalmente a visão de mundo religiosa, do qual ele considera um grande problema.

Para Freud, a religião é adversária à *Weltanschauung* científica, pois se baseia nas emoções, que estão ao seu serviço. A religião propõe muitas respostas sobre origem e existência do universo assegurando ao indivíduo proteção, amparo e felicidade, ou seja, a) satisfaz a sede de conhecimento do homem; b) acalma o medo que este possui em relação aos perigos da vida – diferentemente da ciência que pode até ensinar como evitar determinados sofrimentos, mas muitas vezes

---

<sup>271</sup> FREUD, S. **Conferência XXXV**: A questão de uma *Weltanschauung* [1932-1933]. Rio de Janeiro: Imago, 1996a, p. 155. v. XXII. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud).

mostra-se incapaz de oferecer soluções, deixando-o entregue ao sofrimento e c) estabelece proibições e restrições diversas, como a observância aos mandamentos com obediência seguida de benefícios de um lado *versus* punição aos desobedientes do outro.

Para Freud, a equação para se entender a crença em Deus ou em uma religião é simples: a mesma pessoa que, quando criança se sentia imensamente segura porque os pais a protegiam em suas inúmeras debilidades e desamparo, é a mesma pessoa que, adulto, conclui que permanece desamparada tal como outrora. A compreensão dos perigos da vida torna-se maior na medida em que cresce e, mesmo agora, não pode abrir mão de alguma segurança. Isso acontece porque o pai, na infância, é visto como possuindo um poder ilimitado e essa lembrança retorna supervalorizada na imagem da divindade, tornando-a real. A força dessa imagem e a necessidade de proteção sustentarão a crença do Divino. Esse pai da infância também lhe ensinou o que poderia ou não fazer, restringindo seus desejos, em muitos momentos, a fim de ensiná-lo a socializar-se adequadamente. Essas restrições, assim como as imagens, também são introduzidas na religião pelo homem posteriormente, pois "[...] a *Weltanschauung* religiosa é determinada pela situação de nossa infância".<sup>272</sup> Para, Freud torna-se estranho supervalorizar uma *Weltanschauung* religiosa sem levar em conta que ela em si mesma contém resquícios infantis dos quais a psicanálise tentou demonstrar: não quer contestá-la (a religião), mas convencer o leitor a respeito de alguns dos seus aspectos.

De certo modo, Freud questiona o discurso religioso que promete proteção e felicidade, bem como alega que ela mesma deveria poupar-se disso, pois não se verifica a regra de que o bem é recompensado e o mal punido, o que deveria ser o suficiente para a razão abandonar parte dessa teoria religiosa que, segundo ele, vem caindo em descrédito. O homem violento, por exemplo, possui as coisas boas enquanto o homem bom fica a mercê desses; poderes cruéis destinam o futuro do homem e as punições e recompensas, prometidas pela religião, parecem não se cumprir.

Tendo em vista essas "contradições" do que é enfatizado pela igreja e o que se pode observar no mundo, que o espírito científico começa então a submeter a religião à exame crítico. No momento atual, sabe-se que muitos sociólogos e

---

<sup>272</sup> Cf. Ibidem, p. 160-161. v. XXII.

psicólogos, por exemplo, estudam as religiões de maneira interessada, pois sabe-se da importância dela, do seu discurso e de sua penetração nas diversas camadas sociais, políticas, psicológicas etc.

Esse texto de Freud condensa o que foi pretendido com o presente trabalho: uma contribuição à *Weltanschauung* científica. Aceitou-se as premissas da psicanálise de que a religião pode ter se originado do desamparo infantil, ou seja, dos desejos, demandas e necessidades da infância oferecendo amparo e felicidade para o fiel desamparado, mas também pretendeu-se contribuir com outras observações sobre a aderência dos fiéis à religião, como quando propomos entender a eficácia do discurso persuasivo iurdiano trazendo leitores que ponderam acerca das considerações freudianas, investem uma reflexão apropriada sobre a experiência religiosa e a questão da identidade e outras funções que o grupo de fiéis, nesse contexto, pode proporcionar aumentando a adesão do crente ao discurso.

Muito foi refletido até aqui, tornando-se necessário uma retrospectiva do trabalho para rever ao menos *quatro pontos* considerados importantes e frisá-los nesse momento com o intuito de que o leitor tenha uma síntese do que foi postulado do início ao fim.

O primeiro ponto a considerar é se os *objetivos* propostos foram alcançados ou não, ou seja, tentar compreender se a mensagem iurdiana, vinculada por diversos meios, possui eficácia persuasiva sobre seus ouvintes, visto ser uma igreja que a cada dia vem crescendo mais e mais. Até aqui, pudemos entender que, sim, a mensagem é persuasiva e ela o é porque toca a razão e, principalmente, as emoções do indivíduo que se encontra invariavelmente em situação de vulnerabilidade social, física, psíquica, emocional, religiosa, etc. As estratégias persuasivas pretendem, sobretudo, garantir a solução, eliminação ou tamponar de alguma maneira esse desamparo essencial que é inerente ao homem. Para isso, cria satisfações e/ou ilusões sobre a resolução desse problema gerando a sensação de amparo, proteção, segurança, sensação de pertencimento, identidade e outros, tornando-o a mercê das sedutoras promessas iurdianas (mas não só).

O homem – que renunciou seus prazeres e encontra-se no “mundo líquido”, onde tudo é temporário e do qual se encontra vulnerável – é, em si mesmo, terreno fértil para o discurso persuasivo que pretende convencê-lo de que algo é bom, melhor e que a felicidade tão sonhada é possível. A questão do desamparo não é

uma reflexão excepcionalmente nova na psicanálise, mas é atual pensar que a mensagem religiosa ou de qualquer propaganda deverá tocar nessa condição humana propícia ao discurso persuasivo. O ser humano está ávido por promessas de melhoria e, no fundo, de uma completa felicidade e certa negação da morte. O que talvez não perceba é o rebuscamento desta persuasão. A experiência com o Sagrado, com o indizível, também é uma questão importante por levá-lo a uma experiência de transcendência que o agrada, o ilumina e o satisfaz. A Igreja busca ser a completude que o ser humano precisa e não o faz apenas para possuir eficácia (isso todos querem!), mas realmente crê que pode oferecer tais coisas ao fiel por meio de sua fé e que a igreja, por sua vez, é uma autoridade importante capaz de agir a favor do indivíduo: uma mediadora entre o fiel e Deus.

O segundo ponto refere-se ao método, mais ligado ao caminho escolhido para dar início e fim a este trabalho. Para a compreensão dos materiais, foi escolhido a análise de conteúdo que pretendeu revelar as estratégias persuasivas em cada caso nos levando a observar a frequência do conteúdo, cores, entonação, repetição, conteúdos manifestos e latentes, etc. Uma pesquisa explicativa que tentou esmiuçar, o quanto foi possível, do conteúdo de cada discurso, em uma investigação cuidadosa para respondermos ao objetivo desse trabalho. No entanto, antes de entrarmos nesse material, foi oferecido ao leitor um fio condutor para que chegasse aos materiais, munido de algumas informações importantes. Segue abaixo algumas justificativas pela escolha desse “fio condutor” fornecido ao leitor.

Primeiramente explanou-se a respeito da história do protestantismo até chegarmos ao neopentecostalismo, tomando a Igreja Universal como foco do trabalho, ou seja, situar o leitor, revelar que tipo de igreja é a IURD, quais suas características, quando surgiu etc. Depois percorrer pelo estudo da retórica que é a área do conhecimento que se empenha em descobrir os meios de como fazer para persuadir e, juntamente, uma leitura sobre os meios conhecidos de persuasão, os tipos de discurso existentes até o religioso. Depois dessa familiarização com as formas e possibilidades de criar um discurso persuasivo, tornou-se importante colocar o próprio leitor de frente aos materiais diversos que continham o discurso da Igreja Universal, discursos recentes e vinculados em diversas mídias, a fim de observarmos e esmiuçarmos o discurso contido nos materiais para maior compreensão de como estavam articulados, qual a ênfase, a intenção e tudo o que fosse possível para encontrar e/ou pensar em algo que justificasse a eficácia da

persuasão. Depois de analisados todos os discursos, chegou-se na tríade, uma sequência mais ou menos lógica que tentou mostrar uma sequência comum nos materiais e que tentou revelar, no plano mais lógico e racional, um meio possível de se obter a eficácia persuasiva. Em seguida, foi realizada uma compreensão mais profunda sobre a tríade, que nos levou ao estudo do desamparo, inerente ao homem.

Nesse momento, a psicanálise ajudou a aprofundar a questão de que a eficácia persuasiva encontra espaço na constituição mais básica e essencial do indivíduo: o desamparo. Por último, desenvolvemos a questão da experiência religiosa como sendo um contraponto à suposta passividade do receptor sobre o discurso persuasivo iurdiano e, também, a importância do grupo na aderência das mensagens e na permanência do fiel à IURD.

O terceiro ponto destinou-se a elucidar se, de fato, foi possível chegar a alguma consideração. Diante de tudo o que foi discutido, foi possível compreender que, apesar de um discurso ser religioso, ele pode ser persuasivo e eficaz de diversas maneiras. No entanto, cabe uma ressalva importante: apesar de toda a eficácia e de agora sabermos que o discurso toca na condição mais essencial do homem – que nada pode fazer a respeito –, certamente podemos afirmar que o indivíduo ainda é um protagonista de sua vida. Suas potencialidades estão para além de suas vulnerabilidades e deseja, ao mesmo tempo, vivenciar um estado de desapego, de renúncia, de experiência com o sagrado sem ter, necessariamente, que pedir ou esperar por algo desse Ser Supremo. Uma parte de si espera por amparo, mas existe outra parte que anseia por um, *além*, um avançar *apesar de*. Será que essa busca por novos horizontes espirituais não fora, erroneamente, mal-entendida por alguns estudiosos que associaram tal anseio a uma pretensão de possuir a verdade universal?

Para a psicanálise, o problema da religião está em tentar responder a todos os questionamentos humanos fora de sua própria esfera, invadindo o saber científico afirmando-se como única verdade suficiente ou superior, tomando-lhe o lugar. Freud continua: "A religião não pode admitir tal coisa, porque senão implicaria a perda de toda a sua influência sobre a massa da humanidade".<sup>273</sup> Responder aos questionamentos humanos seria realmente o foco da IURD?

---

<sup>273</sup> Ibidem, p. 167-168. v. XXII.

No último parágrafo do último capítulo, foi questionada qual seria a vantagem da igreja e, no caso, da IURD em proporcionar conforto e segurança através de seus discursos e creio que a resposta está na afirmação freudiana acima citada: não pretende perder sua influência sobre a massa! Ao que parece, a *Weltanschauung* religiosa não quer perder seu status de verdade (genuína ou não) e isso parece estar na ordem do poder, que seria uma temática importante de ser refletida em estudos posteriores.

A questão que podemos colocar agora é: ela propõe porque quer ser influente *na e para a humanidade* ou porque acredita, verdadeiramente, na verdade que propõe?

É compreensível a preocupação de Freud em alertar para um discurso que tenta retirar do sujeito os questionamentos e não deixá-lo em angústia – essencial para seu amadurecimento – dando-lhe respostas para todos os seus questionamentos, fixando-o de maneira infantil em seu modo de viver as relações etc. No entanto, não teria sido a leitura de Freud um pouco radical nesse sentido?

Nesse último e quarto ponto, convido os próximos pesquisadores a investigar com maior profundidade se a eficácia do discurso religioso não se assenta em outras bases para além do desamparo essencial, de onde qualquer mensagem que prometa amparo será eficaz, como visto. Pensar também como ficam aqueles que não são pobres, possuem uma identidade relativamente tranquila e que, apesar disso, procuram a IURD. Será possível afirmar que apesar do amparo recebido na igreja, não existam religiosos que questionam sua religiosidade e o discurso religioso, apesar das "verdades reveladas" a respeito de sua existência, da origem do mundo e seu desamparo essencial? Assim como existem cientistas fervorosos e que se intitulam a única "verdade" em detrimento de outras leituras do mundo, não existem também religiosos em grande angústia por saber que no mundo teria aflições, mas que deveriam ter bom ânimo e que apesar de não enxergarem tanta esperança e consolo assim para seus males, mesmo assim continuam indo para a igreja fervorosamente? Aceitar a premissa de que a religião é uma reminiscência do desamparo infantil realmente dá abertura para novas contribuições ou fecha-se em um sentido impedindo novas reflexões?

## REFERÊNCIAS

### Livros e Artigos

ALENCAR, G. **Protestantismo tupiniquim**: hipóteses sobre a (não) contribuição evangélica à cultura brasileira. São Paulo: Arte Editorial, 2005.

ALETTI, M. A figura da ilusão na literatura psicanalítica da religião. **Psicologia USP**, v. 15, n. 3, p. 163-190, 2004.

\_\_\_\_\_. Arte, cultura e religião na vida adulta: rabiscos winnicttianos. In: ARURI, I. G.; ANCONA-LOPEZ, M. (Org.). **Temas em psicologia da religião**. São Paulo: Votor, 2007. p. 13-58.

ANTONIAZZI, A. O Sagrado e as religiões no limiar do Terceiro Milênio. In: \_\_\_\_\_.; CALIMAN, C. (Org.). **A sedução do Sagrado**: o fenômeno religioso na virada do milênio. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 11-19.

ARISTÓTELES (384-322 a.C.). **Retórica**. Tradução, textos adicionais e notas Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2011.

BAUMAN, Z. A certeza da incerteza. **Revista Percurso 47**, ano XXIII, dez. 2011.

\_\_\_\_\_. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

\_\_\_\_\_. **Mal-estar da Pós-modernidade**. Tradução Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. **Medo líquido**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. ed. rev. e corrigida. Tradução João Ferreira de Almeida. São Paulo: King's Cross Publicações, 2009.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**: nova versão internacional (1993-2000). São Paulo: Sociedade Bíblica Internacional, [s.d.].

BINGEMER, M. C. L. A Sedução do Sagrado. In: ANTONIAZZI, A.; CALIMAN, C. (Org.). **A sedução do Sagrado**: o fenômeno religioso na virada do milênio. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 79-115.

BLEDSOE, D. A. **Movimento Neopentecostal Brasileiro**: um estudo de caso. São Paulo: Hagnos, 2012.

CAMPOS, B. M. Convergência de interesses: liberalismo e protestantismo no Brasil do século XIX. **Protestantismo em Revista**, São Leopoldo, RS, v. 29, p. 2-13, set.-dez. 2012.

CAMPOS, N. R. M. N.; VIEIRA, R. da C. A persuasividade no discurso religioso. **Linguagens**: Revista de Letras, Artes e Comunicação, Blumenau, v.8, n. 1, p. 39-54, jan.-abr. 2014.

CASIMIRO, A. P. B. S. **Constituições primeiras do Arcebispado da Bahia**: educação, lei, ordem e justiça no Brasil Colonial. [s.n.t.]. Disponível em: <[http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/artigos\\_pdf/Ana\\_Palmira\\_Casimiro1\\_artigo.pdf](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/artigos_pdf/Ana_Palmira_Casimiro1_artigo.pdf)>. Acesso em: 15 nov. 2014.

CAVALCANTI, H. B. O projeto missionário protestante no Brasil do século 19. **Revista de Estudos da Religião**, n. 4, p. 61-93, 2001.

CÉSAR, E. M. L. **História da evangelização do Brasil**: dos jesuítas aos neopentecostais. 2 ed. Viçosa, MG: Ultimato, 2000.

CITELLI, A. **Linguagem e persuasão**. 15 ed. São Paulo: Ática, 2002.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FREUD, S. **Conferência XXXV**: A questão de uma *Weltanschauung* [1932-1933]. Rio de Janeiro: Imago, 1996a. v. XXII. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud).

\_\_\_\_\_. **O futuro de uma ilusão [1927]**. Rio de Janeiro: Imago, 1996b. v. XXI. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud).

\_\_\_\_\_. **O mal-estar na Civilização [1929-1930]**. Rio de Janeiro: Imago, 1996c. v. XXI. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud).

\_\_\_\_\_. **Psicologia de grupo e a análise do ego [1921]**. Rio de Janeiro: Imago, 1996d. v. XVIII. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud).

FROMM, E. Análise de alguns tipos de experiência religiosa. In: \_\_\_\_\_. **Psicanálise e Religião**. 2 ed. Rio de Janeiro: Ibero-American, 1962. p. 29-78.

GIOVANETTI, J. P. Psicologia e senso religioso: a necessidade e o desejo- modalidades da época. In: PAIVA, G. J. de. **Entre necessidade e desejo: diálogos da psicologia com a religião**. São Paulo: Loyola, 2001. p. 91-101.

GONTIJO, E. D. Limites e alcance da leitura freudiana da religião. In: MASSIMI, M.; MAHFOUD, M. (Org.). **Diante do Mistério: psicologia e senso religioso**. São Paulo: Loyola, 1999. p. 143-162.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. **Vocabulário da Psicanálise**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LIBÂNIO, J. B. O Sagrado na pós-modernidade. In: ANTONIAZZI, A.; CALIMAN, C. (Org.). **A sedução do Sagrado: o fenômeno religioso na virada do milênio**. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 61- 78.

MARIANO, R. **Neopentecostais**: sociologia no novo pentecostalismo no Brasil. 2 ed. São Paulo: Loyola, 1999.

MARIZ, C. L. A religião e o enfrentamento da pobreza no Brasil. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 33, p. 11-24, out. 1991.

MENDONÇA, A. G. **O celeste porvir**: a inserção do protestantismo no Brasil. 3 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008a.

\_\_\_\_\_. **Protestantes, pentecostais & ecumênicos**: o campo religioso e seus personagens. 2ed. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2008b.

\_\_\_\_\_; VELASQUES FILHO, P. **Introdução ao Protestantismo no Brasil**. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2002.

MEYER, M. **A retórica**. São Paulo: Ática, 2007.

MEZAN, R. A querela das interpretações. In: \_\_\_\_\_. **A vingança da esfinge: ensaios de psicanálise**. 3 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002a. p. 67- 82.

\_\_\_\_\_. Psicanálise e cultura, psicanálise na cultura. In: \_\_\_\_\_. **Interfaces da Psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002b. p. 317- 392.

\_\_\_\_\_. Violinistas no telhado: clínica da identidade judaica. In: \_\_\_\_\_. **A sombra de Don Juan e outros ensaios**. 2 ed. São Paulo: Casa do psicólogo, 2005. p. 237- 295.

MORAES, R. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v.22, n. 37, p. 7-32, 1999.

MOTT, L. Cotidiano e vivência religiosa: entre a capela e o calundu. In: NOVAIS, F. A.; SOUZA, L. M. (Org.). **História da vida privada no Brasil**: cotidiano e vida privada na América portuguesa. 12 ed. São Paulo: Companhia da Letras, 1997. p. 155- 220. v. 1.

PAIVA, G. J. de. Psicologia e senso religioso: modalidades do desejo. In: \_\_\_\_\_. **Entre necessidade e desejo**: diálogos da psicologia com a religião. São Paulo: Loyola, 2001. p. 69- 78.

PERELMAN, C. **Retóricas**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

PIERUCCI, A. F. Religião como solvente: uma aula. **Revista Novos Estudos Cebrap**, n. 75, p.111-127, jul.2006.

PINHEIRO, J.; SANTOS, M. **Manual de História da Igreja e do pensamento cristão**. 2ed. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

PRANDI, J. R. As religiões, a cidade e o mundo. In: PIERUCCI, A. F. de O.; \_\_\_\_\_. A realidade social das religiões no Brasil: religião, sociedade e política. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 23- 34.

REZENDE, E. Marketing Pentecostal: inovação e inspiração para conquistar o Brasil. **Revista de Estudos da Religião**, p. 20-41, jun.2010.

SAFRA, G. Reflexões a partir de “esboço de teoria do desenvolvimento religioso” de Amatuzi. In: PAIVA, G. J. de. **Entre necessidade e desejo: diálogos da psicologia com a religião.** São Paulo: Loyola, 2001. p. 53- 57.

STADEN, H. **Duas viagens ao Brasil:** primeiros registros sobre o Brasil. Porto Alegre, RS: L&PM, 2013.

TAVOLARO, D. **O Bispo:** a história revelada de Edir Macedo. São Paulo: Larousse, 2007.

VERGOTE, A. Necessidade e desejo da religião na ótica da psicologia. In: PAIVA, G. J. de. **Entre necessidade e desejo: diálogos da psicologia com a religião.** São Paulo: Loyola, 2001. p. 9- 24.

WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo.** São Paulo: Martin Claret, 2013.

### **Teses e Dissertações**

ALBANO, A. I. de O. **Religião e Psicanálise:** o caso Igreja Universal do Reino de Deus. Juiz de Fora, 2006. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Federal de Juiz de Fora.

DIAS, J. C. T. **As religiões afro-brasileiras no discurso da Igreja Universal do Reino de Deus:** a reinvenção do demônio. Recife, 2012. 131 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Ciências Humanas, Universidade Católica de Pernambuco.

JADON, J. C. **Sucesso e Salvação:** estudo semiótico comparativo entre os discursos televisivos das Igrejas Universal do Reino de Deus e Católica Apostólica Romana no Brasil. São Paulo, 2009. 342 f. Tese (Doutorado em Letras) – Semiótica e Linguística Geral, Universidade de São Paulo.

LEITE, L. F. de V. **A dimensão institucional da magia no neopentecostalismo:** o papel decisório do poder mágico como atrativo a adesão religiosa na Igreja Universal

do Reino de Deus. Recife, 2010. 135 f. Dissertação (Mestre em Ciências da Religião) – Universidade Católica de Pernambuco.

LIMA, R. H. de. **A persuasão no gênero pregação sob o enfoque da gramática sistêmico funcional.** São Paulo, 2013. 80 f. Dissertação (Mestre em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

MOREIRA, A. P. **Estratégias discursivas de persuasão no discurso religiosa da Igreja Universal do Reino de Deus:** uma análise sistêmico-funcional. Rio de Janeiro, 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

OLIVEIRA, S. E. de. **Igreja Universal do Reino de Deus:** uma análise de argumentação em perspectiva discursiva. Campinas, 1988. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de estudos da linguagem, Universidade Estadual de Campinas.

PEÑA-ALFARO, A. A. **Estratégias discursivas de persuasão em um discurso religioso neo-pentecostal.** Recife, 2005. 246 f. Tese de (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco. Programa de Pós-Graduação em Letras. Doutorado em Lingüística.

RODRIGUES, J. G. **Carisma e poder:** categorias elementares da retórica da Igreja Universal do Reino de Deus. Goiânia, 2011. 233 f. Tese de (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal de Goiás.

## CD

LIVRES PARA ADORAR. **Mais um dia.** São Paulo: Onimusic, 2011. 1 CD.

## Links da Internet

BLOG Universal. Disponível em: <<http://blogs.universal.org/bispomacedo/?s=Provado+pela+Palavra+de+Deus>>. Acesso em: 7 mai. 2014.

BRANDÃO, F. 21 propagandas completamente geniais pelo mundo. **Tudo Interessante**, 17 fev. 2014. Disponível em:

<<http://www.tudointeressante.com.br/2014/02/21-propagandas-completamente-geniais-pelo-mundo.html>>. Acesso em: 20 ago. 2014.

CASTRO, J.; DUARTE, A. Censo: Igreja Universal perde adeptos, e Poder de Deus ganha. **O Globo**, 29 jun. 2012. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/pais/censo-igreja-universal-perde-adeptos-poder-de-deus-ganha-5345868>>. Acesso em: 5 abr. 2014.

CONVENÇÃO Geral das Assembleias de Deus no Brasil. [s.d.]. Disponível em:<<http://cgadb.org.br>>. Acesso em: 5 mai. 2014.

EU sou a Universal. [s.d.]. Disponível em: <[www.eusouauniversal.com](http://www.eusouauniversal.com)>. Acesso em: 2 out. 2014.

IURD Gráfica. Disponível em:<<http://iurdgrafica.blogspot.com.br/2014>>. Acesso em: 30 abr. 2014.

LUTERO, M. As 95 Teses de Martinho Lutero. [s.d.]. Disponível em: <[http://www.monergismo.com/textos/credos/lutero\\_teses.htm](http://www.monergismo.com/textos/credos/lutero_teses.htm)>. Acesso em: 6 out. 2013.

OS 10 AMULETOS Gospel mais estranhos. **Gospel Atualidades**, [s.d.]. Disponível em:<<http://www.gospelatualidades.com/2012/10/os-10-amuletos-gospel-mais-estranhos.html>>. Acesso em: 24 abr. 2015.

RODRIGO Hilbert estrela nova campanha de Axe. **Exame**, 2 set. 2013. Disponível em:<<http://exame.abril.com.br/marketing/noticias/rodrigo-hilbert-estrela-nova-campanha-de-axe>>. Acesso em: 20 ago. 2014.

UNIVERSAL. [s.d.]. Disponível em:<<http://www.universal.org>>. Acesso em: 24 mar. 2014.

URIBE, G.; MARQUES, J. Inauguração de templo da Igreja Universal reuniu petistas e tucanos. **Folha de S. Paulo**, 31 jul. 2014. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/07/1494128-inauguracao-de-tempo-da-igreja-universal-reuniu-petistas-e-tucanos.shtml>>. Acesso em: 3 ago. 2014.

VESTIDOS, não nus. **Blog Universal**, 24 mai. 2015. Disponível em: <<http://blogs.universal.org/bispomacedo/2015/05/24/vestidos-nao-nus/>>. Acesso em: 24 mai. 2015.